



CAPACITAÇÃO Pastoral Juvenil

Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB



FICHA TÉCNICA

Idealização

Pastoral Juvenil

Organização/Redação

Antonio Ramos do Prado, SDB – Assessor da Comissão
Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB

Capa

Juliane Barros - Jovens Conectados

Diagramação

Juliane Barros/Flávio Medeiros - Jovens Conectados

Impressão e Acabamento

Gráfica e Editora Otimismo

Realização

CNBB

- ESTE LIVRO NÃO PODE SER COMERCIALIZADO -

SUMÁRIO

PARTE I | DIMENSÃO PSICOAFETIVA

Processo da personalização. "Quem sou Eu?"

11

1. A pessoa do assessor (cuidar do cuidador). Quem é o assessor de jovens? Identidade e critérios
Pe. Antonio Ramos do Prado, sdb

00

3. Discernimento Vocacional e Profissional
Frei Rubens Nunes da Mota, OFMCap

00

5. Serviço de Escuta (técnica de aconselhamento pastoral)
Pe. Valdecir Ferreira

33

2. Psicopedagogia das idades (adolescência, juventude e jovens adultos)

Frei Rubens Nunes da Mota, OFMCap

00

4. Técnicas de Elaboração e Acompanhamento de Projeto Pessoal de Vida

Dom Eduardo Pinheiro da Silva, sdb

PARTE II | DIMENSÃO psicossocial *Processo de integração. "Quem é o outro"*

00

1. Realidade cultural da juventude brasileira (pós-modernidade, contemporaneidade)
Paulo de Lima

00

2. Cultura midiática e juventude na internet
Moisés de Oliveira Nazário

00

3. O grupo de jovens como espaço de iniciação à vida cristã – Pós Crisma
Ir. Teresa Cristina Domiciano, fma

PARTE III | DIMENSÃO DA MÍSTICA *Processo Teológico-espiritual.* *"Qual é o sentido da minha vida?"*

00

1. Introdução à Teologia da Espiritualidade Cristã
Nei de Sá

00

2. Espiritualidade do Assessor
Por Alexandre Raimundo, Érika Augusto e Osvaldo Meca

00

3. Espiritualidade Orientações e pistas de ação
Ir. Teresa Cristina Domiciano, fma

00

4. Diálogo Fé e Razão. Orientações e pistas de ação
Pe. Antonio Ramos do Prado, sdb

PARTE IV | DIMENSÃO DE CAPACITAÇÃO

Processo metodológico. "Como organizar a ação"

00

1. Como Assessorar?
Dicas práticas de
acompanhamentos grupais
Pe. Jorge Boran

00

2. O papel do assessor diante do
pluralismo eclesial juvenil atual
Pe. Antonio Ramos do Prado, sdb

00

3. Pedagogia de Formação
Orientações e pistas de ação
Pe. Sebastião Correia Neto

00

4. Estruturas de Acompanhamento
Orientações e pistas de ação
Pe. Antonio Ramos do Prado, sdb

00

3. PMinistério da Assessoria:
Orientação e Pistas de Ação
Dom Vilson Basso

PARTE V | DIMENSÃO SÓCIOPOLÍTICA-ECOLÓGICA

*Processo de participação-conscientização.
"Qual a minha relação com a sociedade?"*

00

1. Direito a vida
orientações e pistas de ação
Nei Márcio Oliveira de Sá

00

2. Juventude e Ecologia
Aline Ogliari

INTRODUÇÃO

***“O menino foi crescendo, ficando forte e cheio de sabedoria.
E a graça de Deus estava com ele.”***

(Lc 2, 40)

Lucas, ao mencionar no capítulo 2 o processo de crescimento do Salvador, destaca a realidade normal do desenvolvimento integral do Menino Jesus que, em sua natureza humana, necessita de cuidados para tal. Assim acontece com toda pessoa humana: para se viver de maneira significativa, consistente e produtiva requer amadurecimento de todas as dimensões que a constituem.

A divisão por dimensões facilita o entendimento da vida e a aplicação de processos pedagógicos para o seu desenvolvimento. Por outro lado, elas clamam por um olhar integral da pessoa, pois, para se pensar em cada “parte” é imprescindível considerá-la constantemente no seu “todo”. A analogia com o corpo humano é muito adequada para esta compreensão; inclusive Paulo, para falar da importância de cada membro na unidade em Cristo, usa deste sentido de conexão e interferência: “... *de fato, há muitos membros e, no entanto, um só corpo.[...] Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele*” (cf. 1Cor 12, 12-26).

Este Curso de Capacitação de Assessores, organizado pela Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB objetiva auxiliar os evangelizadores da juventude na sua missão de acompanhar processos de formação integral. Os adolescentes e os jovens que estão sob nossos cuidados e que, conscientes ou não, “procuram” nossos ambientes educativos e religiosos, têm o direito de receber uma formação que seja integral. Entender, portanto, sobre as dimensões, refletir sobre elas e buscar caminhos que as desenvolvam na história deles é responsabilidade séria que assumimos enquanto Igreja em sua missão de mãe e educadora de vida.

Ao favorecer instrumentos de estudo, o presente Curso visa, também, capacitar os Assessores para acompanharem de maneira eficaz, atraente, processual e cristã os mais variados grupos juvenis. Sabemos muito bem que a busca pela relação interpessoal é algo essencial no desenvolvimento da personalidade dos adolescentes e jovens. Os espaços e oportunidades grupais se fazem necessários para uma verdadeira formação que eduque para o diálogo, o respeito, a valorização do diferente, a socialização. Mesmo em era digital constatamos a busca pela relação, pelo encontro, pelo intercâmbio, etc. O ser humano em sua própria constituição é ser em relação. Por isso, ao se trabalhar as dimensões da formação integral tocamos diretamente na questão das relações, do convívio, do intercâmbio, da reciprocidade, da corresponsabilidade, do trabalho em equipe.

O conteúdo deste curso está organizado a partir das cinco dimensões da formação integral do jovem segundo as orientações do Documento da CNBB 85, publicado em 2007. Ao se estudar cada uma das dimensões, o participante deste Curso não pode se descuidar de enxergá-la em sinergia com as outras dimensões. Aliás, na compreensão sobre a formação integral, cada dimensão só poderá ser bem entendida se considerada com as demais. A interferência é profunda e constante, exigindo de nós empenho de sempre enxergar a pessoa por inteiro e, não, por compartimentos.

Tendo como base os números 64 a 72 do Documento 85 da CNBB consideraremos as dimensões da seguinte forma:

1. **Dimensão psicoafetiva** (Processo da personalização): *“Quem sou eu?”* - É o esforço de tornar-me pessoa: descobrir-me, possuir-me, aceitar-me, integrar-me, trabalhar-me. **É a minha relação comigo mesmo.** Sem a capacidade de autoconhecimento e autocrítica, sou incapaz de analisar as situações com objetividade, de administrar os conflitos e de me relacionar com os outros de maneira equilibrada. Sem essa dimensão, torna-se difícil a interiorização, o silêncio, o encontro com Deus na oração e a verdadeira conversão. Eis alguns temas relacionados a essa dimensão: *sentimentos, corpo, afetividade, valores, vocação, habilidades, trabalho, lazer, dinheiro, bens materiais, saúde.*

2. **Dimensão psicossocial** (Processo de integração): *“Quem é o outro?”* - É a **capacidade de me relacionar com o “outro”,** gerando

afeição e cooperação, confronto de ideias e dons, acolhida e convivência, valorização do diferente. As relações acontecem, por exemplo, nas amizades, no namoro, nos grupos, na vida em Comunidade, na família, no trabalho. Eis alguns temas relacionados a essa dimensão: *família, amigos, colegas de trabalho, esposo/a, namorada/o, grupo, comunidade, vizinhos, conflitos, perdão, paciência, serviço, generosidade.*

3. **Dimensão mística** (Processo teológico-espiritual): *“Qual o sentido da minha vida? Quem é Deus e qual é seu projeto?”* - Esse processo desenvolve a vivência da fé, a busca do sentido de vida, o envolvimento eclesial. **É a minha relação com Deus**, com seu plano, com sua vontade. O ser humano foi feito para um horizonte mais amplo do que o bem-estar material e imediato. A realidade teológico-espiritual não só interage com as outras dimensões, mas as fundamenta e as complementa. A dimensão teológica é cultivada pelo estudo, pela catequese e pelo aprofundamento dos dados básicos da fé. Desse aprofundamento fazem parte a iniciação à leitura da Palavra de Deus e o conhecimento sobre Jesus Cristo e a Igreja. A dimensão espiritual corresponde à experiência de Deus através da oração, das celebrações e da religiosidade popular. A espiritualidade mariana também tem aqui seu lugar. O amadurecimento da vocação do discípulo missionário de Jesus Cristo e seu engajamento eclesial nas pastorais, movimentos e serviços encontram nessa dimensão sua principal luz, sua orientação, seus critérios, suas convocações. Eis alguns temas relacionados a essa dimensão: *oração, fé, bíblia, igreja, comunidade, grupo, caridade, sacramentos, devoções, pastoral.*

4. **Dimensão de capacitação** (Processo Metodológico): *“Como capacitar-se para a ação?”*- Significa todo empenho necessário para me tornar realmente eficaz na vida, na Igreja, na sociedade. É preciso aprender a planejar, executar, interferir, avaliar. Os conhecimentos adquiridos pelos estudos e pela prática me capacitam em minha vocação de discípulo missionário. **É minha relação com a ação.** É minha capacidade de construir e administrar projetos pessoais e coletivos. Eis alguns temas relacionados a essa dimensão: *capacitação, cursos, estudos, leituras, organização, liderança, projeto de vida, habilidades.*

5. **Dimensão sociopolítico-ecológica** (Processo de participação-conscientização): *“Qual a minha relação com a sociedade?”*- É a busca por descobrir o mundo e tornar-me sujeito da história. **É minha relação**

com a sociedade e minha responsabilidade política para torná-la cada vez mais humana. Essa dimensão me abre aos problemas sociais em nível nacional e internacional: moradia, saúde, alimentação, educação, direitos humanos, violência, comunicação, guerra, ecologia, bioética. Há necessidade de conectar a fé com a vida; a fé com a política. Eis alguns temas relacionados a essa dimensão: *profissão, cidadania, política, economia, ecologia, voluntariado, cultura, TV, internet*.

Muito já se escreveu sobre a formação integral. Ultimamente, o Documento de Aparecida, ao mencionar sobre a urgente necessidade de fortalecer os discípulos missionários de Jesus Cristo, destacou as seguintes dimensões: *"humano-comunitária", "espiritual", "intelectual", "pastoral e missionária"*.

Estamos cada vez mais convencidos de que *"O conceito de formação integral é importante para **considerar o jovem como um todo**, evitando assim reducionismos que distorcem a proposta de educação na fé, reduzindo-a a uma proposta psicologizante, espiritualista ou politizante. [...] Quem trabalha na formação de jovens necessita estar atento às cinco dimensões: psicoafetiva, psicossocial, mística, sócio-político-ecológica e capacitação"* (Documento 85 da CNBB, n. 96 e 97). Não estaríamos exagerando ao afirmar que, se nosso acompanhamento aos adolescentes e jovens fosse sempre adequado a todas as suas dimensões e houvesse harmonia entre elas, tudo o mais estaria praticamente resolvido.

Jesus, que *"crescia, ficando forte e cheio de sabedoria"* nos pede que oportunizemos condições de Formação Integral aos seus jovens discípulos missionários que estão sob nossos cuidados. Maria, que contando com a graça divina acompanhou Jesus em todos os seus passos, nos auxilie nesta missão de educadores e evangelizadores das novas gerações que se fazem presentes em nossos ambientes.

Dom Eduardo Pinheiro da Silva, sdb

Presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da CNBB



PARTE I

DIMENSÃO PSICOAFETIVA

Processo da personalização. "Quem sou Eu?"

1. A Pessoa do Assessor (cuidar do cuidador)

Quem é o assessor de jovens?

Identidade e critérios

*Pe. Antonio Ramos do Prado, sdb
Mestre em Pastoral Juvenil - UPS - Quito - EQ*

INTRODUÇÃO

O adulto traz para o trabalho com jovens duas razões importantes: experiência e teoria. "Se alguém é, ou se torna agente, é porque tem algo a oferecer ao povo, tem uma contribuição particular a dar na sua caminhada. O agente é agente porque é diferente. E isto que precisa ser visto e assumido"¹.

Os jovens enfrentam muitas situações pela primeira vez. O adulto já passou por experiências semelhantes e muitas vezes têm consciência

¹ Clodovis Boff, "Como trabalhar com o povo", Ed. Vozes, Petrópolis, 1985, p. 24.

de elementos que escapam à compreensão de uma geração mais nova. Alguém, com 30 anos de experiência, tem mais distância e, portanto mais objetividade, diante de certas situações. Mas, é claro, há exceções! Nem todo adulto aprendeu com a experiência devida.

É normal que os jovens passem por instabilidade emocional nesta etapa da vida. Nesses casos, os assessores adultos servirão como elementos estabilizadores. Um jovem avaliou: "Nosso caminho é de altos e baixos. Quando nosso assessor vê que estamos descendo a ladeira, ele nos dá aquele apoio, aquela animação de fé". O assessor é que garante a continuidade no trabalho de formação, fazendo com que seja aproveitada toda a experiência acumulada, na medida em que vão se revezando as várias gerações de jovens. Os protagonistas são os jovens, é claro. Mas os assessores funcionam como parceiras que, com sua experiência de vida/ fé e conhecimento teórico, facilitam o nascimento do novo.

A função de assessor existe em outras áreas da vida moderna, fora do campo da pastoral. Um partido político, um sindicato, um movimento popular precisam de assessores para ter uma ação mais eficaz dentro da complexidade da sociedade moderna. Dependendo do lugar e do país, utiliza-se termo diferente: assessor, agente, animador, diretor, assistente... **Na Igreja do Brasil fez a opção pelo termo "ministério da assessoria" (Doc. 85 CNBB – Evangelização da Juventude), porque o objetivo é acompanhar o jovem na sua formação integral.**

1. Contribuição específica do assessor:

O assessor não é um *agente externo* que chega com tudo pronto. Ele vai caminhar com os jovens, vai respeitar seu processo de formação. Mas, por ter adquirido uma base teórica nas diferentes ciências: teologia, espiritualidade, pedagogia, psicologia, sociologia, economia, ciências políticas... Ele tem um conteúdo intelectual maior. Ele vem com algo que os jovens não têm. E se ele não tem esse conteúdo maior, se ele está no mesmo nível de conhecimento dos jovens,

O assessor pode ser comparado a um guia que ajuda um grupo a escalar uma montanha. Ele mesmo não coordena o grupo, mas presta assessoria. O grupo tem seu próprio coordenador. O guia já subiu a montanha muitas vezes. Sabe os melhores caminhos, os atalhos, os

perigos. Se cair uma tempestade, o grupo terá alguém para orientá-lo. O termo que, talvez, melhor exprima a função do assessor é *catalisador*. O catalisador é um elemento químico que, quando colocado ao lado de dois outros elementos, desencadeia uma reação. Desta reação surge uma substância nova. Assim, o assessor cria situações que provocam o surgimento de líderes que tem iniciativa e responsabilidade e que encontram na fé um sentido profundo para a vida. A falta de assessores competentes é o calcanhar de Aquiles da Pastoral Juvenil.

2. Assessor, elemento-chave do processo:

Dissemos na introdução deste livro que um trabalho eficaz com jovens pressupõe uma visão de conjunto e atenção a muitos elementos que compõem este conjunto: etapas de conscientização e educação na fé, organização, planejamento, acompanhamento, estruturas de coordenação, espiritualidade, formação, grupos de base, ação, comunicação, assessoria... Há tantos elementos que às vezes não se sabe por onde começar. Se fossemos escolher um elemento do qual decorrem todos os outros, eu indicaria a conquista e capacitação de bons assessores. Um bom assessor é aquele que considera que o jovem é o protagonista do seu processo de formação. Ele orientara os jovens na maneira como ajudar na formação de outros jovens.

3. Desafios:

Hoje, devido à distância que existe entre as gerações, não é fácil encontrar adultos que tem jeito, vocação e tempo para acompanhar o trabalho pastoral junto à juventude. Nos cursos que tenho dado, notei alguns bloqueios que os adultos sentem diante deste trabalho: dificuldade de se aproximar, agressividade dos jovens, dificuldade de se expressar e comunicar, insegurança, falta de equilíbrio emocional, falta de tempo, distanciamento, medo de ser superado, medo de enfrentar o novo, instabilidade do jovem, angústia frente às mudanças rápidas na maneira de pensar dos jovens, sentimento de incapacidade, sentimento de serem velhos demais, perda de forças, dificuldade de dialogar com o jovem. Mas os jovens esperam nos adultos alguém que possa escutá-los e acompanhá-los no seu projeto de vida.

4. Correntes diferentes:

Muitos adultos têm receio de trabalhar com jovens porque não vêem claro o seu papel como assessor e não sabem como se preparar melhor para um trabalho dessa natureza. Na Igreja, encontramos correntes diferentes sobre o papel do adulto na assessoria da Pastoral Juvenil. Alguns são mais clericais, outros mais basistas, uns chegam a negar a figura do assessor. Nossa intenção, neste texto, é apresentar um modelo equilibrado que promove o crescimento integral do jovem.

TIPOS DE ASSESSORES

1. Assessor perito:

O assessor-perito ou assessor-ocasional é alguém chamado, de vez em quando, para ajudar a aprofundar temas específicos: temas teológicos, sociológicos, psicológicos, políticos, pedagógicos, afetivos. Estas pessoas não acompanham o jovem no seu dia-dia. Mesmo assim, tem condições de desempenhar papel importante na sua formação teórica, quando tratam de temas de sua competência. Mas, por não estar dando passos com os jovens, o contato anterior com a coordenação é importante para se situarem dentro do contexto da pastoral. A preparação em conjunto evita colocações que não estão relacionadas com a realidade dos jovens e não respondem as necessidades dos assessores permanentes, que acompanham sistematicamente o trabalho pastoral com a juventude. Distinguímos três tipos de assessores permanentes: o assessor religioso (padre, irmã, irmão, seminarista), o assessor leigo adulto e o assessor jovem.

2. Assessor religioso:

O assessor padre tem a vantagem de ter recebido formação teológica. Sua posição dentro da hierarquia abre muitas portas e dá respaldo importante a Pastoral Juvenil. Sua maior limitação é a falta de tempo. Tem muitos compromissos dentro da Igreja e, de modo geral, não prioriza o trabalho com a juventude.

A assessora religiosa traz para a pastoral a dimensão da consagração feminina. Há muito mais irmãs na Igreja do que padres, mas são poucas as que desenvolvem trabalho pastoral com jovens, sobretudo em nível de assessoria mais ampla. Era de se esperar que tivessem mais tempo para este trabalho do que os padres. As congregações femininas precisam se questionar sobre sua ausência no trabalho com jovens, fora de sala de aula. Felizmente, algumas congregações, cujo carisma é a juventude, estão dando passos significativos nesta direção.

O assessor religioso também está pouco presente na Pastoral Juvenil. Sobre ele, podemos fazer o mesmo questionamento que fizemos sobre a assessora irmã.

O assessor seminarista há participação significativa de assessores seminaristas na Pastoral Juvenil. Os seminaristas têm a vantagem de proximidade de idade com os jovens. Muitos também vieram de grupos de jovens. Frequentemente, porém, são colocados neste trabalho sem preparação e acompanhamento. Às vezes, o trabalho é superficial, ficam pouco tempo, como fase de experimentação, e depois saem. Os seminaristas que nunca participaram de grupos de jovens tem pouca noção de trabalho em equipe, assessoria, planejamento... Frequentemente, não entendem seu papel e passam a assumir o papel do coordenador jovem.

Em alguns países, faz parte do currículo dos seminários o estudo da metodologia da Pastoral Juvenil e Teologia da Pastoral Juvenil. Do ponto de vista da Pastoral Juvenil da CNBB, investir na formação de assessores seminaristas pode ser uma boa estratégia para garantir ou formar uma nova geração de padres, que sejam abertos e valorizem e promovam o protagonismo do leigo na igreja. O trabalho junto aos jovens pode também ser um incentivo para que os seminaristas se dediquem com seriedade aos estudos. Eles mesmos perceberão que, sem preparo intelectual, ficarão a margem do debate e do confronto entre as ideologias de hoje. Quem trabalha bem com a Pastoral Juvenil, num primeiro momento de sua vida, depois, terá mais facilidade de trabalhar com qualquer outro tipo de pastoral.

3. Assessor leigo adulto:

O assessor leigo adulto traz para a assessoria a experiência da vida espiritual, profissional e, às vezes, do matrimônio, da paternidade e da maternidade. Sua participação é muito importante.

Os grupos das expressões da Pastoral Juvenil não podem servir de laboratório para casais recém casados de encontros de casais. Esta observação, na expressão forte, própria de um jovem, é um alerta, mas não pretendemos com isso generalizar com relação a todos os casais. Há muita gente preparada e generosa disposta a trabalhar com jovens. É necessário um processo de seleção. Uma fonte importante de bons assessores é os próprios grupos de jovens. Líderes saídos das fileiras da Pastoral Juvenil (Congregações, Movimentos, Pastorais da Juventude e Novas Comunidades) estão descobrindo que podem ser bons assessores. Mas, é necessário discutir melhor o processo de transição de coordenador jovem para assessor. Muitos recém-casados desempenham bem a tarefa de assessoria, por terem passado pela experiência de grupos de jovens.

A memória e a experiência acumuladas são dados importantes. Talvez falte incentivo e apoio maior para que mais pessoas possam seguir o mesmo caminho. A presença do assessor leigo adulto serve como modelo para os jovens, numa fase de busca de modelos e num mundo onde há tão poucos modelos. *O leigo não é um assessor suplente*, que desempenha essa função onde não ha padres. Sua contribuição é específica junto aos grupos das expressões da Pastoral Juvenil da CNBB. Infelizmente, as experiências de assessoria por parte de leigos ainda são bastante frágeis.

As expressões da Pastoral Juvenil depende quase unicamente de assessores religiosos, de modo especial, padres. Quando estes mudam para outro lugar (o que é frequente) os grupos de jovens entram em crise. Neste sentido os movimentos apostólicos (nacionais e internacionais), que trabalham com jovens, são menos clericais do que a Pastoral Juvenil. Dependem mais de leigos adultos para sua assessoria. Como resultado, o movimento não entra em crise só por causa do afastamento de um padre ou irmã. Não queremos dizer com isso que o padre ou as irmãs não desempenham papel importante na pastoral juvenil.

4. Assessor Jovem

a. Confusão sobre seu papel:

O assessor jovem é uma figura nova que surgiu nos últimos anos. Há muita confusão sobre o seu papel. Em alguns lugares, a experiência surgiu em situações de emergência, onde havia falta quase total de assessoria adulta. Alguns lugares, a experiência nasceu como reação ao autoritarismo de assessores adultos, e como tentativa de encontrar uma alternativa. Em outros lugares, ainda, surgiu como proposta para substituir o assessor adulto. Neste caso havia falta de clareza sobre a importância da contribuição do adulto. Outras vezes, enfim, apareceu como bandeira, empurrada por jovens vanguardistas que queriam excluir o adulto que pudesse ser foco de questionamento da sua prática antidemocrática. A Pastoral Juvenil com o Doc. 85, fundamentando o papel de cada membro. Sempre focando a importância do papel do assessor adulto no processo do acompanhamento do jovem.

b. Os dois saberes se complementam:

A assessoria jovem pode ser uma estratégia importante para fortalecer uma pastoral mais consequente, desde que haja clareza do seu papel, dos critérios para sua escolha e de como deve ser o acompanhamento. O assessor jovem tem a vantagem de estar mais perto dos jovens, em termos de idade. Capta suas aspirações e se relaciona com facilidade com eles. Tem grande capacidade de empolgá-los para trabalhar em prol de uma causa. O saber do jovem é diferente do saber do adulto. Os dois tipos de saber se complementam. Por outro lado, é importante levar em conta as limitações para que as expectativas sejam realistas. Falta experiência e aprofundamento teórico para o assessor jovem. A experiência não é sempre valorizada pelos jovens, mas é importante. Um aluno de primeiro ano de engenharia eletrônica não está no mesmo nível que um engenheiro eletrônico com muitos anos de experiência.

Não podemos, porém, fazer afirmações absolutas aqui. Não é raro também encontrar jovens com mais aprofundamento teórico do que alguns assessores adultos. De qualquer maneira é bom que o assessor

jovem tenha o apoio de um assessor adulto. O ideal seria que o assessor jovem participasse de uma equipe de assessores onde há adultos e jovens, como explicaremos a seguir.

c. Critérios e processo de escolha:

Há necessidade de clareza no processo e nos critérios para a escolha do assessor jovem. Esse processo no Brasil sempre foi muito espontâneo. Há certa confusão e mistura de motivações. Alguns jovens viram no cargo de assessor “status”, mais do que serviço. Um jovem queria ser assessor, não foi votado e abandonou a sua expressão. Em alguns lugares um jovem terminando seu mandato de coordenação, se auto-eleveu “assessor jovem”. O título “assessor jovem” foi um gancho para continuar na Pastoral Juvenil para quem não tinha mais base. Em outros lugares foram eleitos assessores jovens devido a sua capacidade de falar bem em plenário e seu discurso político avançado. Alguns tiveram conhecimentos religiosos muito fracos.

A tendência ao vanguardismo surge por causa da falta de raízes no meio do povo. Estas dificuldades acontecem frequentemente em níveis de coordenação e de encontros onde é difícil verificar se os participantes desenvolvem um trabalho de base ou tem apenas um bom discurso. A Pastoral Juvenil do Chile chegou a conclusão de que o assessor jovem deve também ter certa distância, em termos de idade, dos jovens que vai assessorar. Se tiver a mesma idade, não funciona como assessor. Se o papel específico do jovem assessor e ser educador na fé, não basta ser popular, ter liderança e ter boa análise política. Hoje, há clareza de que um trabalho sério de assessoria feito por jovens deve estabelecer o processo de escolha de assessores jovens e elaborar alguns critérios imprescindíveis. São as seguintes as qualidades para exercer o papel de assessoria, tanto para os jovens, quanto para os padres, irmãs e leigos adultos.

5. Qualidades do Assessor

Em diversos cursos sobre assessoria, comecei perguntando sobre que qualidades seriam necessárias para um bom assessor. Foram citadas *as seguintes qualidades*: Capacidade de liderança, firmeza, sabedoria de

vida, respeito às pessoas e as suas idéias, inserção numa comunidade eclesial, espírito de oração, vivencia espiritual, desprendimento das coisas materiais, fé e coragem, acreditar profundamente no projeto das expressões de juventudes da Pastoral Juvenil, espírito de aventura, capacidade de enfrentar dificuldades, perseverança, pessoa objetiva, amor pelos pobres, consciência crítica, senso de justiça, percepção da realidade, alegria, equilíbrio, serenidade, capacidade de dialogo, acolhida, interesse pela pessoa, abertura, convicção, franqueza, vida coerente, o amor aos jovens, carinho, humildade, simplicidade, generosidade, bondade, presença que cativa. Claro que somente Jesus Cristo conseguiu juntar todas estas qualidades numa só pessoa. Essa relação indica, porém, a direção em que devemos caminhar. Quero comentar algumas destas qualidades:

- *Maturidade:*

Uma jovem desabafou: "Queremos assessores que sejam menos adolescentes do que a gente". O assessor deve ser alguém realizado como pessoa, senão acaba passando seus problemas para os outros. O adulto que não tem segurança emocional encontra dificuldade em trabalhar com jovens. Sente-se rejeitado diante de qualquer crítica deles. Não consegue avaliar a critica objetivamente. É preciso saber reagir positivamente às críticas. Assessores que não aceitam críticas têm poucas condições de fazer trabalho pastoral com jovens.

Um assessor maduro consegue manter-se sereno no meio das muitas crises dos jovens. Entende certas incoerências dos jovens e suas ambivalências. Entende o descompasso entre o sonho desejado e o sonho possível. Aceita as pessoas como elas são. Evita juízos de valor, que bloqueiam a comunicação e criam atitudes defensivas. O bom assessor é um ponto de referência e apoio para os jovens atravessarem as águas turvas da adolescência. Muitas vezes os jovens sentem-se desanimados como os discípulos no caminho para Emaús. O assessor, como Jesus, não condena, mas mostra interesse, escuta aquilo que se diz, mostra simpatia e da orientação. *"Somente pessoas profundamente unificadas em si mesmas e ricas de valores poderão estabelecer com os jovens um diálogo enriquecedor, transmitindo-lhes uma mensagem humana e cristã realmente libertadora".*

O assessor maduro estabelece relações afetivas equilibradas com os jovens e as jovens. Sabe que, como adolescentes, estão numa idade muito impressionável e podem ser facilmente manipulados por um adulto inescrupuloso. Este é um desafio tanto para os assessores religiosos quanto para os leigos casados.

- Capacidade de discernimento:

Um assessor sem capacidade de discernimento julga as pessoas pelo seu *discurso e aparência e não verifica sua prática*: se for responsável, se tem base, se tem uma opção de fé, se tem capacidade técnica para levar projetos adiante...² todas essas características são fundamentais perceber num assessor.

- Profetismo:

O assessor profético desafia os jovens a quebrarem o círculo do individualismo e a se abrirem para a fraternidade, a justiça, os direitos humanos e a se comprometerem com uma ação libertadora dos oprimidos, para serem coerentes com o Evangelho de Jesus Cristo. Ele mesmo tem coragem de denunciar as injustiças, de se inserir na caminhada histórica do povo.

- Capacidade de escutar:

Para realizar um trabalho eficaz, o assessor precisa sintonizar com os jovens. Se não há sintonia, é impossível captar suas aspirações. O bom assessor vive com “as antenas ligadas” para captar as mudanças no meio da juventude. É alguém que vive em estado de busca. Sabe que as diferenças se produzem, hoje, não somente entre adultos e jovens, mas entre as diferentes “gerações” de jovens. Hoje há uma geração diferente de quatro em quatro anos³. Às vezes se encontra assessor com cabeça dos anos 80 assessorando jovens dos anos 90. Não percebe que os jovens mudaram.

² Juan Vecchi/José . PELLEZZO, “Proyecto educativo pastoral, Ed CCS – Madrid, 1986, p. 345. 2.

³ Luis Racionero, Enrique Martinez, “Juventud y municipios”, Juventud Revista de Estudios e investigaciones, Editora Nacional, Torregalindo, dezembro de 1983, p. 186.

- *Dinamismo e calor humano:*

O assessor apagado e sem iniciativa dificilmente empolga os jovens. Pela amizade se conquista a juventude. O assessor pode ser superorganizado, superdedicado, superinteligente, mas se não é amigo não conquista os jovens. A alegria, o entusiasmo, o otimismo e o bom humor são qualidades que empolgam a juventude.

ACOMPANHAMENTO

Acompanhar sistematicamente os grupos e expressões da Pastoral Juvenil é fazer o trabalho paciente e lento do agricultor que planta um pé de laranja e volta todo dia para regá-lo, até pegar raízes fortes. Para acompanhar sistematicamente a pastoral há algumas passos que são importantes:

1. Presença:

A Pastoral Juvenil, mais do que outras pastorais da Igreja, exige a presença do assessor. Os assessores padres têm mais dificuldade nesta área. Encontramos, frequentemente, assessores diocesanos que estão sozinhos na paróquia, com muitas comunidades e pastorais. São em geral os padres mais dinâmicos e por isso mesmo exercem outros cargos na diocese. Aparecem numa reunião de coordenação e tem que sair logo para celebrar um casamento, uma missa, dar uma palestra, participar de outra reunião ou enterrar mortos. Enquanto seu nome consta como assessor diocesano, na diocese se julga que está tudo bem.

Quando a pastoral cai na superficialidade os jovens são apontados como culpados e raramente alguém aponta a falta de investimento da diocese na sua formação. Um militante reclamou: "Não queremos assessores que agem como os políticos, que chegam para dar tapinha nas costas e depois vão embora e não se comprometem". Os jovens têm terminologia própria para descrever este tipo de assessor: "assessor-beija-flor", "assessora-borboleta". Reclamam dos assessores que estão "borboleteando" na pastoral.

O trabalho com jovens é um trabalho especializado. Não pode ser feito por pessoas sem tempo e sem preparação. Há necessidade de ter pelo menos alguns assessores liberados, se não em tempo integral, pelo menos em tempo parcial. Não se pode esperar resultado pastoral se não há investimento. Em muitas situações a Igreja tem que trabalhar com recursos humanos limitados. Há, por exemplo, poucos padres com capacidade para um trabalho mais especializado. Neste caso, o assessor sobrecarregado tem algumas opções para garantir uma presença de qualidade, mais do que de quantidade:

I) Priorizar momentos-chave para estar presente: reuniões de coordenação, assembleias.

II) Aprender a se organizar para perder menos tempo e ser mais eficiente.

III) Priorizar acompanhamento dos líderes mais do que dos iniciantes. Procurar manter contatos informais com eles para trocar ideias. Se acentuarmos a importância da presença constante do assessor, não podemos deixar de chamar a atenção também para a necessidade de uma pedagogia de ausência em certos momentos.

A pedagogia de ausência é algo planejado e tem como finalidade evitar que os jovens se tornem dependentes do assessor. Tem efeito pedagógico importante quando o assessor comunica para o coordenador jovem: “Não vou estar na próxima reunião. Vocês têm que se virar sozinhos. Vocês são capazes”. Assim o coordenador aprende a andar sem muleta.

2. Níveis diferentes de assessoria:

O papel do assessor varia, dependendo do nível de coordenação: *nacional, regional, diocesano, setorial, paroquial, grupal*. Quando a assessoria é feita apenas em nível de base, o assessor tem condições de estar presente nas reuniões do grupo, de ajudar na preparação das reuniões, de visitar as casas dos jovens, de ter amizade e acompanhar individualmente cada membro. Está em situação diferente um assessor que acompanha uma diocese ou conjunto de dioceses. Nesse caso seu tempo é escasso. É obrigado a priorizar o trabalho mais amplo. Precisa mudar o seu estilo de acompanhamento. É preciso ter visão de vários setores ao mesmo tempo e lidar com quantidade grande de

compromissos. Não há mais tempo para um acompanhamento individual dos jovens iniciantes. Não tem mais condições de estar presente em todas as reuniões do grupo de base. O acompanhamento pessoal agora deve ser das lideranças. Não pode estar mais presente em todas as reuniões e eventos. É preciso priorizar as reuniões e eventos que são importantes para fortalecer um processo mais amplo.

3. Interferir em momentos-chave:

Um assessor, com experiência, sabe que há certos momentos-chave, em reuniões de coordenação, reuniões para montar um curso, assembléias de planejamento, quando decisões importantes estão sendo tomadas ou mesmo quando algum conflito precisa ser contornado. Algumas decisões têm importância vital. São decisões que podem significar o avanço ou o retrocesso da pastoral, no futuro. Frequentemente o assessor tem visão mais ampla, vê perigos e dificuldades que os jovens não vêem.

4. Contato com a base:

O que é a base para um assessor nacional, regional, diocesano? Esta é uma questão ainda não resolvida. E difícil, senão impossível para um assessor que trabalha em um destes níveis estarem presente continuamente nas reuniões de grupo de base, na comunidade ou ambiente específico. Algum tipo de contato é necessário para não perder de vista a realidade das bases. A falta de contato direto com os jovens nas comunidades gera ilusões. Há muito assessor que trabalha a partir de um modelo de jovem e da realidade da juventude que somente existe em sua cabeça. E planos elaborados a partir de uma realidade fictícia não chegam a se realizar.

5. A pastoral como processo:

O desafio para o assessor é descobrir como desenvolver um processo de Pastoral Juvenil que combine a teoria e a práxis (prática refletida), numa dinâmica que desperte o jovem para a fé e o compromisso. "Normalmente nos seminários os agentes foram ensinados a expor belos temas catequéticos (os sacramentos, a Igreja...), a provar teses, a montar

cursos bíblicos com grande ordem e lógica, mas não foram ensinados a acompanhar processos de evangelização que, partindo da vida, levam a sentir a necessidade de uma conversão a Cristo e ao seu Reino"⁴. O assessor que não considera a Pastoral Juvenil como um processo corre muito, "queima muito óleo", sem chegar a lugar nenhum.

A tendência de muitos assessores que não trabalham dentro de um processo é de fazer pastoral de cursos e percorrer todos os grupos ou paróquias para fazer visitas. Cursos e visitas que não fazem parte de um processo mais amplo não despertam para o compromisso, não educam para a co-responsabilidade. O assessor corre muito, mas sem ver resultados.

6. Acompanhamento pessoal:

O acompanhamento das lideranças depende muito da atenção pessoal que se dá a cada um. O acompanhamento não pode ser somente intelectual. O aspecto afetivo é também importante. O assessor sobrecarregado se esquece de que o tempo gasto na *atenção mais pessoal não é tempo perdido*. É importante gastar tempo em papos informais. É nestes momentos que saem coisas importantes fora da pauta. Não é sempre fácil perceber esta verdade numa cultura que acentua a eficiência. Aliás, perder tempo pode ser uma maneira de ser eficiente.

É fazer como Jesus fez caminhando com os discípulos no caminho para Emaús (Lc 24,13-35). Caminha com eles, escuta suas preocupações e ajuda a entender os acontecimentos dentro de uma visão mais ampla de fé. O diálogo entre assessores e jovens só ocorre quando há confiança e lealdade. Daí a necessidade de uma presença e convivência mais profundas. O assessor deve caminhar com os jovens, conviver com eles, conhecer a sua realidade, ambiente familiar, e acompanhá-los em suas atividades. Visitar as famílias para compreender a história pessoal de cada um.

7. O assessor é um articulador:

Devido a sua posição na diocese, o assessor muitas vezes encontra

⁴ Jesus Andrés Velas s.j., Alejandro Londoño, s.j., "Grupos juveniles", *Indo-American Press Service*, Bogotá Colômbia, 1981, p. 49.

facilidade para fazer contatos e abrir portas para os jovens. Faz um trabalho de “bastidores” que poucos conhecem: contatos, telefonemas, visitas, conversas.

8. Como Jesus acompanhou seu grupo:

Alguns biblistas dizem que Jesus começou trabalhando com a massa, mas que percebeu que não estava dando certo porque estava criando um tipo errado de liderança e mudou de tática. De qualquer maneira está claro no Evangelho que Jesus apostou muito no seu “grupo de base”, nos doze que iam continuar sua missão. Ao mesmo tempo não abandonou a massa. E como trabalhou Jesus com os doze? Jesus não se perde na massa, na multidão... Jesus valoriza e ama cada pessoa do grupo e respeita seu modo de pensar. Não rejeita a colaboração de ninguém. Anima-os a assumir compromissos sem medo, segundo as possibilidades de cada um. E também se preocupa com a continuidade do trabalho. Quando não esta com eles, o grupo não se enfraquece e a força da sua mensagem os anima continuamente para que se transformem em animadores de outros grupos⁵.

EDUCADOR NA FÉ

1. O assessor é um educador:

O assessor é, sobretudo, um educador. A palavra “educador” vem do latim “*educere*”, que significa tirar de dentro. Educar é ajudar o educando a desenvolver suas próprias potencialidades. Ele traz informações e conhecimentos novos. Em alguns lugares há a tendência de achar que tudo deve vir dos jovens. “Esta opinião foi influenciada por uma frase de Paulo Freire: ‘Ninguém educa ninguém; ninguém se educa sozinho’. A frase, mal-entendida, leva a uma concepção de educação que não caminha”, observou um assessor. Hoje, há consenso de que o assessor tem contribuição teórica importante, mas ele também se educa ao

⁵ Cf. Plan general de formación de la pastoral juvenil de la arquidiócesis de Cochabamba, Bolivia.

trabalhar com os jovens. Neste sentido o assessor contribui na reflexão através de questionamentos, informações, conteúdos e sistematização das experiências e idéias que vêm dos próprios jovens. Oferece elementos e conhecimentos para ajudar a superar obstáculos e a sistematizar as experiências. "Educação é obra do coração"(São João Bosco).

2. Educador da fé:

O assessor, porém, não é qualquer tipo de educador. É um educador da fé. Ser um educador da fé é a principal missão do assessor. Os jovens são acusados de não terem fé, de não terem espiritualidade, de só buscarem lazer na pastoral e os mais comprometidos são acusados de só se preocuparem com os problemas sociais. Nos casos em que as afirmações são verídicas (frequentemente não são), os verdadeiros culpados não são os próprios jovens. E como culpar o menino de rua por estar na rua. Muitos jovens não receberam formação cristã na família e muitas vezes não a recebem na paróquia. Não podemos exigir do jovem algo para o qual não foi despertado. Nem sempre o assessor entende seu papel específico. Tem receio de falar de Jesus Cristo, da importância de celebrar a fé e do estudo teológico.

3. Celebrações cerebrais:

Devido a sua formação intelectual, muitos assessores padres têm dificuldade de sair fora dos esquemas demasiadamente racionais. E as celebrações apenas cerebrais não alimentam a fé. Este tipo de celebração não alimenta a caminhada. A celebração tem que ser num outro nível, diferente dos demais trabalhos do encontro. Há diferença entre discussão de grupo e celebração. Há necessidade de criar clima para a interiorização. Há necessidade de integrar outras dimensões: o afetivo, o simbólico. A celebração que não leva a um contato pessoal com Jesus Cristo não alimenta a fé do jovem. A educação da fé se faz de duas maneiras:

I) Testemunho pessoal (EN 21) e

II) Explicitação do anúncio de Jesus Cristo (EN 23).

4. Testemunho pessoal:

A opção por Jesus Cristo não pode ser teórica. Deve ser vivencial e isso só é possível na medida em que o jovem encontra modelos de cristãos autênticos que vivam esta opção de modo coerente no seu dia-a-dia. O jovem procura modelos. Espera que o assessor seja um destes modelos. A missão do assessor, portanto, é a educação do jovem na fé, pelo seu testemunho pessoal. *Sua relação com Cristo não pode ser teórica*, mas algo que se traduz na sua vida. O jovem percebe logo quando o assessor vive de convicções fortes, bem assimiladas e não de opiniões superficiais. Os melhores militantes colocam a presença do assessor como fator determinante nas suas opções. O testemunho do assessor não é só individual. Sua força vem da sua inserção numa comunidade concreta que vive uma fé no dia-a-dia.

5. Explicitação do anúncio do Senhor Jesus:

Em segundo lugar, o assessor educa o jovem na fé, facilitando a transmissão de informações e de conhecimentos que possibilitam a formação integral nas cinco dimensões: personalização, integração, conscientização política, conhecimento teológico-espiritual e capacitação técnica. Um jovem escreveu: "O assessor é um cara que caminha junto, garante a continuidade, alguém que esclarece e analisa, traz informações novas, ajuda a articular, ajuda a refletir e a sistematizar. O assessor não é um super-homem ou mulher, que sabe tudo. Deve estar disposto a aprender muita coisa com os próprios jovens". O papel do assessor é chamar a atenção ao perigo de esquecer a questão de fé no meio do grande número de atividades e compromissos. Acompanha o jovem no seu processo de fé pessoal, como Jesus fez com seu grupo.

ASSESSOR PONTE

O assessor é uma espécie de ponte entre os jovens e os adultos na Igreja. Para desempenhar esta função, várias condições são necessárias.

1. Saber trabalhar o conflito:

A juventude, como grupo social é o segmento da sociedade que mais contesta e questiona os padrões da geração adulta. O adulto que aceita o desafio de assessorar o trabalho pastoral com jovens não pode ignorar que a capacidade de administrar o conflito é dado essencial desta vocação. A ignorância deste fato pode levar a frustrações e decepções. Há muitos casos em que a falta de assessoria capacitada para ajudar a administrar o conflito prejudica muito trabalho bom.

Ser ponte significa saber trabalhar o conflito. Significa fazer *acontecer a unidade dentro da pluralidade*, através do diálogo e não do decreto. Significa, às vezes, ser bombeiro. Outras vezes, significa avisar os jovens que estão correndo com excesso de velocidade, que há uma curva perigosa na frente e, se não frearem, vão derrapar e capotar. O conflito pode ser algo positivo. A ausência de conflito, às vezes, é sinal de estagnação. E a paz do cemitério. Através do conflito, abrem-se novos caminhos, enxergam-se novos horizontes, aceitam-se novas idéias, a dimensão profética do Evangelho é vivida e a incoerência entre teoria e prática é revelada.

O conflito também pode ser negativo. Pode acabar com o trabalho paciente e abnegado de anos, em poucos dias, ou até em poucos minutos. Nestes casos, falta habilidade política de assessores e coordenadores jovens para lidar com o conflito. A falta de um interlocutor de confiança leva a hierarquia a ficar apavorada diante de certas situações críticas e a tomar atitudes drásticas que provocam retrocesso na Pastoral Juvenil e falta de credibilidade da instituição diante da juventude. O bispo ou o padre, às vezes, tem a sensação de estar num carro correndo a 100 quilômetros por hora, fazendo curvas, numa estrada montanhosa, com perigo de cair num precipício. O assessor, que é interlocutor, ajuda cada lado a escutar o ponto de vista do outro, eliminando exageros e boatos.

2. Ter a confiança de ambos os lados:

O assessor é aquele que ajuda a ligar os pontos, que constrói uma rede de comunicação entre pessoas, que abre portas e conquista espaços

para os jovens. É construtor de pontes. Na Igreja, ele faz a ponte entre o bispo, os padres e os adultos. É interlocutor. Devem ter a confiança e o respaldo de ambos os lados. O assessor conquista confiança pela seriedade do seu trabalho e pela clareza de idéias. Neste sentido, não é importante se é padre, religioso ou leigo, desde que tenha respaldo dos dois lados.

Ser ponte não significa ficar “em cima do muro”, quando se trata de questão de princípios importantes e de linha pastoral. Não se pode renunciar a opção profética do Evangelho. Por outro lado, o assessor não pode ser o tipo que “joga mais lenha na fogueira”. Neste caso, perde a confiança dos adultos. Há casos em que os jovens tiveram mais maturidade e diplomacia do que o assessor adulto “que só queria brigar”. Numa equipe de assessores nem todos tem habilidade para o trabalho lento e doloroso da negociação e do diálogo. Há necessidade de cabeça fria. Se todo mundo tem cabeça quente não há saída. Uns tem “pavio mais curto”. Neste caso, devem reconhecer suas limitações e em momentos de conflito devem colocar outros como interlocutores para não provocar retrocessos desnecessários.

3. Contato direto com o bispo:

O fato de o assessor ser ponte privilegiada entre jovens e adultos, não deve substituir o contato direto com os dois lados, de modo especial com o bispo. Apesar dos seus muitos compromissos, é importante que o bispo marque algumas reuniões com a coordenação dos jovens durante o ano. Trata-se de reuniões para as duas partes dizerem com franqueza as suas idéias e preocupações, num clima de amizade e respeito mútuo. O bispo, em geral escuta mais as reclamações dos adultos. O contato direto com os jovens é importante porque dissipa preconceitos e mal-entendidos. Percebe-se a seriedade do trabalho e o desejo de acertar. É bom também para o bispo o contato com o pensamento dos jovens.

A prática da CNBB, de indicar bispos-assessores nos níveis regionais e nacionais, tem dado bons resultados. São bispos que tem diálogo fácil com a juventude. Tem agido como pontes, abrindo canais de comunicação entre os outros bispos e os jovens.

EQUIPE DE ASSESSORES

1. Reunir os três tipos de assessores:

Não é bom que o assessor trabalhe só. Um passo importante na organização da PJ é a formação de uma comissão de assessores onde se podem reunir os três tipos de assessoria: religioso (padre, irmã, irmão), leigo adulto e jovem. A experiência dos últimos anos tem mostrado a importância de equipes de assessores, em todos os níveis de coordenação: nacional, regional, diocesano, setorial.

Na 4ª Assembléia Nacional, em 1983, que iniciou o processo de PJ que temos hoje, os delegados elegeram uma coordenação de jovens (CNPJ). Na 5ª Assembleia elegeram uma comissão de assessores (CNAPJ). Na medida em que as outras pastorais de juventude (PU, PJE, PJR, PJMP) foram se organizando em nível nacional, adotaram o mesmo sistema. Muitos regionais e dioceses trabalham hoje com duas equipes, uma de jovens e outra de assessores. O assessor titular participa das duas, como ponto de ligação.

2. Complementaridade:

Os três tipos de assessores se completam. Não disputam o poder. Cada um tem atribuições e dons que o outro não tem. Cada um tem suas limitações. Uma grande máquina tem rodas dentadas de vários tamanhos. Todas são importantes. A falta de uma prejudica o conjunto. Numa situação ideal, a equipe diocesana de assessores deve ser composta pelos três tipos de assessores.

3. Equipe de apoio e de aprofundamento:

O trabalho pastoral com jovens, às vezes, é desgastante. Por isso, não é bom que o assessor esteja só. Na diocese, por exemplo, o assessor diocesano *deve ter uma equipe de assessores, além da equipe de jovens*. A equipe de assessores permite discutir problemas, angustias, dúvidas e questões novas, com pessoas do mesmo nível e dar apoio diante das dificuldades. A equipe facilita a conquista de novos assessores e apoio dos padres e adultos. É um espaço, também, de aprofundamento intelectual, em que soluções para difíceis e novas situações podem ser refletidas. Subsídios podem ser preparados para clarear questões e abrir novas frentes.

A experiência dos que possuem mais tempo neste trabalho ajudara os que estão iniciando. A equipe de assessores evita o *centralismo e o personalismo* de alguns assessores que, quando saem, deixam um vazio. Com a presença de uma equipe, outros poderão assumir seu lugar. Nenhum assessor é completo. O assessor diocesano conhece seus pontos fracos e seus pontos fortes. O que falta na sua personalidade pode ser complementado por outros. É importante haver um projeto de trabalho de divisão de tarefas: alguns acompanham os militantes, outros os iniciantes, outros montam uma equipe para dar cursos, outros preparam subsídios, outros acompanham diferentes áreas geográficas (setores pastorais).

O assessor precisa ter *sua própria instância de revisão de vida*, onde se revisa desde seus compromissos e sua participação na Pastoral Juvenil, até os aspectos mais íntimos de sua vida.

CAPACITAÇÃO DO ASSESSOR

1. Não basta o dom natural:

Devido à importância do assessor no processo de Pastoral da Juventude, é fundamental uma estratégia para capacitar os assessores que vão se integrando ao processo. Alguns têm um dom natural para lidar com jovens. Mas isso não basta. Precisam adquirir as habilidades necessárias para fazer um trabalho pastoral consequente que vá além da amizade e da boa vontade.

2. Formação no próprio grupo:

O assessor não nasce pronto. Tem que adquirir experiência. Cremos que sua formação se dá, em primeiro lugar, no interior do grupo de base onde fará a experiência que Jesus fez com seu grupo: convivendo, rezando e planejando juntos. Com os jovens, aprende através do processo de ensaio-e-erro. Nesta relação permanente com seu grupo, faz a história e não se limitam apenas a reuniões, palestras e celebração de algumas missas.

3. Formação teórica:

A formação na ação, porém, não basta. O assessor precisa de uma reflexão teórica sobre a experiência acumulada. Sem esta clareza teórica estará como quem aprende a nadar: agita-se muito, gasta muita energia, mas não sai do lugar. “Quem não sabe não pode ser assessor”.

Este curso, por exemplo, é uma tentativa de preencher esta lacuna. Cursos e seminários, quando bem conduzidos e com boa metodologia e conteúdo, são instrumental importante na formação de assessores.

O clima de reflexão, de troca e de amizade tem contribuído para a perseverança de muitos assessores. Outro caminho importante de formação de assessores são os cursos.

OLHANDO PARA FRENTE

O assessor trabalha com os jovens porque gosta. Está convencido de que “há que se cuidar do broto, para que a vida de flor e fruto”. No trabalho pastoral há momentos de coragem, de gesto profético, de mostrar caminho, de escuta, de “andar na corda bamba”. Nos momentos de conflito, quando toda sua personalidade o empurra emocionalmente para o enfrentamento, precisa se policiar para não perder a objetividade. Procura avaliar o melhor caminho para ajudar o avanço da Pastoral Juvenil e evitar tomar atitudes motivadas pela necessidade de descarregar emoções negativas, resultado de insegurança e mecanismos psicológicos de defesa. Frente à tentação do ativismo procura estabelecer um ritmo mais humano e espiritual. Os bons assessores de hoje já foram, um dia confusos, inseguros e não sabiam por onde caminhar. Basta a boa vontade e a reta intenção para começar.

2. Psicopedagogia das idades (adolescência, juventude e jovens adultos)

*Frei Rubens Nunes da Mota, OFMCap
Mestre em Psicologia pela UCB – DF*

INTRODUÇÃO

A proposta deste texto é ajudar você a compreender sua dimensão psicoafetiva (afetividade e sexualidade), aprendendo com o desenvolvimento humano (adolescência, juventude e jovens adultos) em vista do projeto de vida.

Compreendendo as terminologias

Os termos adolescência, juventude e jovens adultos são muito discutidos, com compreensões diversas que aqui não abordaremos⁶. O

⁶ Ler: livro *Juventudes e trajetória social*, o crack como sinalizador do contexto e outros vários textos publicados na revista *Convergência da CRB Nacional*.

que é básico saber é que a Organização das Nações Unidas (ONU) define juventude como um recorte temporal, ou seja, jovens são os que estão entre as idades de 15 a 24 anos. Contudo no Brasil a questão cronológica é alargada, passando dos 24 para os 29 anos de idade, garantindo direitos adquiridos e ampliando sua participação social, conforme proposta de emenda constitucional (PEC, 2010). É a partir destas definições que compreendemos adolescentes jovens dos 15 aos 17 anos; jovens dos 18 aos 24 anos e jovens adultos dos 25 aos 29 anos.

Conversando sobre o tema afetividade e sexualidade

Para compreender cada etapa do desenvolvimento humano de forma integrada, ou seja, não estanque em si mesma, é necessário uma breve explanação sobre afetividade e sexualidade como elementos integradores das etapas de nossas vidas.

Afetividade

O que é afetividade? Afeto quer dizer afeição ou inclinação para alguém, amizade, simpatia. Afetividade é a capacidade do ser humano de expressar a simpatia, afeição, carinho que tem pelo outro, bem como despertar nos outros a mesma emoção. Ela pode ser representada por um gesto físico, como um abraço, um aperto de mão ou um beijo, ou também um gesto simbólico: uma palavra, uma carta, um presente. O afeto de uma pessoa em relação à outra provoca uma transformação interior em ambas. Ninguém é capaz de amar ou de ser amado sem ser transformado interiormente por esse amor. De fato, somos salvos porque fomos amados por Jesus até a morte (Gl. 2,20).

A afetividade pode ser negativa quando motivada por raiva ou medo. Exemplos: ciúme, antipatia, nojo... A pessoa torna-se agressiva ou se fecha em si mesma. A afetividade é positiva quando motivada pela compaixão e pela confiança. Exemplos: ternura, empatia, piedade, solidariedade... A pessoa motivada por esses sentimentos procura o bem-estar da outra

Uma afetividade adulta e madura leva o ser humano a se relacionar positivamente com o outro, não motivada pelo medo ou pela raiva, mas sim pela confiança e pela compaixão. Quanto mais a pessoa amadurece, maior é sua tendência a uma afetividade positiva. É um processo que dura à vida inteira.

AS QUATRO DIMENSÕES DA AFETIVIDADE

A pessoa consigo mesma (dimensão psicológica)

Uma afetividade positiva e saudável começa com uma verdadeira autoestima. Jesus nos diz para amarmos o próximo como amamos a nós mesmos (Lc 10,27).

Quem rejeita a si mesmo não consegue amar ninguém mais, principalmente a Deus.

Qual é o caminho da autoestima?

Reconhecer os próprios defeitos e qualidades como eles são sem aumentar ou diminuir.

Perdoar a si mesmo sempre que necessário.

Ter metas possíveis de atingir e se esforçar para isso.

Saborear os pequenos prazeres do dia-a-dia.

Cuidar da saúde física e mental, com alimentação equilibrada, exercícios frequentes e momentos de lazer.

A pessoa com a criação (dimensão ecológica)

Não somos pessoas isoladas do mundo em que vivemos. Somos parte dele, obra do mesmo Criador. Não existimos fora da criação. Somos corpo vivo que se alimenta e respira. De nosso corpo depende a vida de milhões de seres vivos. A criação tem sua atenção totalmente voltada para o ambiente que a cerca. Só depois aprende a se relacionar com outras pessoas, consigo mesma e com Deus.

Como viver de forma saudável essa relação?

Contemplar a beleza da criação (chuva, por do sol, arco íris, animais, plantas, paisagens...).

Boicotar produtos de empresas e indústrias que estejam prejudicando o meio ambiente.

Não jogar lixo nas ruas, matas, rios e mar.

Evitar produzir lixo com o uso desnecessário de produtos descartáveis e plásticos não recicláveis.

A pessoa com outras pessoas (dimensão social)

O ser humano é social por natureza. Sua realização mais profunda se dá no relacionamento com outras pessoas (Pr 27,17). Por isso, seu maior desejo é amar e ser amado. Mas, nem sempre consegue isso. Dependemos dos sentimentos dos outros para sermos amados. Se não nos amam nada podemos fazer. O amor não pode ser vendido ou comprado, apenas dado e recebido (Ct 8,7). Às vezes nos iludimos pensando que “compramos” o amor de alguém com bom comportamento, agrados ou mesmo dinheiro. É uma ilusão, pois o que conseguimos é apenas fingimento. O amor verdadeiro é gratuito e voltado para o bem da pessoa amada.

Como lidar com a afetividade daqueles e aquelas que vivem mais próximo de mim?

Respeitar seus limites, defeitos e qualidades.

Aceitar seus sentimentos, sem tentar mudá-los.

Não tentar “comprar” sua estima e admiração.

A pessoa com Deus (dimensão espiritual)

Deus está em tudo e em todos. Deus é o próprio Amor, é mais belo e precioso do que tudo o que conhecemos. Como é possível que o ser humano se relacione com Alguém tão maior, com o próprio Amor?

Para tornar possível esse relacionamento, o Deus-Amor se manifestou a nós por meio de Jesus de Nazaré. O objetivo da missão de Jesus não era simplesmente tornar Deus conhecido. Seu objetivo era comunicar o amor de Deus e nos convidar a amá-Lo.

- Como viver esse amor?

Na atenção aos pobres, pequeninos e sofredores.

Nas relações de fraternidade, amor e solidariedade, na comunidade e com o povo.

Na oração pessoal e comunitária, em profundo silêncio interior.

Em comunhão com toda a criação.

SEXUALIDADE

É, antes de tudo, o modo de ser diferenciada – a masculinidade e a feminilidade – e reconhecível em diversos níveis (fisiológico, psicológico, racional-espiritual), no qual está inserido o dado fundamental sobre a existência humana: a vida é um dom recebido e a ser doado.

Do ângulo da função, a sexualidade pode ser entendida e gerida como uma deficiência orgânica que faz com que se sinta a necessidade do outro. Mas é também, e, sobretudo, potencial energético emotivo que impulsiona a pessoa a sair de si mesma e a estabelecer relação com os outros em geral e com um tu particular, através da realização da autodoação e do acolhimento da doação da outra pessoa. Este relacionamento está destinado a se colocar cada vez mais no centro da existência e dos afetos do eu, mas torna-se fecundo de vida e de amor também para outros tus, aos quais se estende, potencializando o original patrimônio energético da pessoa.

Na pessoa viva, a sexualidade, é força tipicamente humana, ligada naturalmente com a capacidade afetiva e entregue à liberdade responsável e à capacidade educativa do próprio ser humano. Representa, portanto, uma realidade dinâmica, com específicos dinamismos ligados aos três níveis (psicofísico, psicossocial, racional-espiritual). É a área em que está particularmente viva a tensão dialética interna do ser humano (às vezes inconsciente), mas, também se pode perceber uma certa tensão de transcendência que permite ao ser humano estabelecer relação com o Tu de Deus, vivendo plenamente com ele a própria capacidade afetiva. É um bem parcial que tende para o bem total da pessoa, dentro de um específico projeto de vida. Incentivar e “educar” essa tendência significa realizar a própria sexualidade segundo uma precisa “*ordo sexualitatis*”.

O sentido profundo e genuíno da sexualidade pode, portanto, ser expresso e vivido, de um ponto de vista psicológico, também dentro de um projeto de vida em que o relacionamento privilegiado se estabelece com Tu de Deus e com a sua riqueza de amor, e a própria sexualidade se torna riqueza de amor e de relacionamento com muitos tus. O amor para com Deus e o relacionamento que daí deriva, que pode ir até o ponto de fazer de Deus o único amor, total e exclusivo, torna-se então a expressão

natural e máxima da capacidade afetiva do ser humano, ou ponto mais alto. Viver a castidade não significa renunciar a amar, mas escolhe amar mais, além da medida humana, segundo a liberdade de amor divino.

ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Não irei fazer uma abordagem em separado sobre jovem adolescente, juventude e jovem adulto, devido à compreensão sobre afetividade e sexualidade como dimensões integradoras vistas acima. Veremos somente alguns aspectos destas etapas.

A criança, para se tornar adulta, passa por duas fases:

- **INDIVIDUALIDADE E SEPARAÇÃO** da mãe. Aos poucos a criança vai percebendo o eu-filho distinto do tu-mãe. Tem início o processo de Separação-Individuação, construção da personalidade. A criança poderá ser autônoma e competente se puder confiar em um adulto que a faça sentir-se segura e protegida.

- Na **SOCIABILIZAÇÃO** a pessoa vai percebendo que não vive somente em um mundo subjetivo e fantástico. Busca instintivamente a satisfação imediata de suas necessidades; é motivada mais pelo instinto que pela razão; totalmente dependente dos outros; atua por caprichos do momento; vive o **AMOR CAPTATIVO** exigente; os outros existem para satisfazer suas necessidades.

O adolescente se abre à realidade, apesar de ter a tendência a fugir na fantasia nos momentos de maior tensão. Cresce na individualidade e autonomia: é capaz de dirigir ativamente a própria vida, toma decisões, é responsável por si mesmo, realiza projetos e escolhas; todavia permanece ainda uma **AUTONOMIA DEFENSIVA**, isto é, rebelde, "do contra" e crítica "por esporte". Alarga os horizontes de relacionamento, é capaz de empatia, colaboração, atenção aos outros, amizade, serviço, doação e abraça grandes causas; por outro lado permanece certa **DEPENDÊNCIA AFETIVA**, apegos, desejo de agradar os outros para receber carinho, estima, atenção e se entrega aos outros procurando a "si mesmo".

IMPULSIVO – INSTÁVEL - INCONSTANTE

O adulto vive em um mundo **REAL** e **OBJETIVO**, enfrenta as

dificuldades e não foge. É importante para que você se perceba na fase adulta de forma equilibrada, ou seja, madura, como estão suas relações interpessoais, a vivências do amor, ódio, medo, ciúme, inveja, poder, ambição, dependência, rivalidade para que seu projeto de vida seja mais consistente possível.

Os estágios da sexualidade

- Primeiro - da infância: constam da excitabilidade, masturbação, as brincadeiras e os jogos;

- Segundo - da adolescência: com grande influência hormonal que, favorecidas pelos costumes sociais determinam direções divergentes entre meninos e meninas adolescentes;

- Terceiro - dos vinte aos trinta anos, os homens e as mulheres estão emocionalmente mais desajustados entre si do que em qualquer outra fase;

- Quarto estágio - ocorre entre os trinta e quarenta anos, podendo ser a melhor ou pior fase do casamento, pois é o pico da responsabilidade;

- Quinto - depois dos quarenta, podendo alcançar certa segurança sexual e alguma maturidade emocional;

- Sexto - dos cinquenta aos sessenta anos, época em que os homens e mulheres podem se combinar perfeitamente, tanto sexual como emocionalmente se permanecerem saudáveis e puderem estar ligados um ao outro;

- Sétimo - dá-se aos sessenta anos, etapa que pode ser também sensual para indivíduos de boa saúde, com boas atitudes e bons parceiros;

- Oitavo - acontece após os setenta anos, onde a vida dessa pessoa dependerá da maneira como ela tenha administrado sua vida nas etapas anteriores.

A maioria dos desejos emocionais e sexuais dos seres humanos nos pontos altos e baixos pode ser atribuída a mudanças hormonais que ocorrem no cérebro. Os hormônios tem uma dança toda própria em seres humanos com encontros e desencontros nas diferenças hormonais entre homens e mulheres.

Busca de maturidade afetividade

Atua sob propósitos e persevera nas dificuldades, superando sua afetividade espontânea;

Tem uma IDENTIDADE ESTÁVEL E MADURA: estabelece objetivos e se empenha para alcançá-los, faz juízos sobre si mesmo e a realidade, consciente das próprias limitações e potencialidades que quer colocar a serviço dos valores do Reino;

AMOR OBLATIVO: dá-se aos outros com sinceridade, gratuidade e sem restrições; ama não para receber, mas para ser oferta livre de si, dom total sem procurar vantagens ou compensações, capaz de desejar e operar para o bem dos outros.

Desenvolvimento da sexualidade

A Sexualidade é um processo dinâmico e mutável que atravessa crises no curso de uma vida.

- Rito de passagens sexuais: representam padrões típicos experimentados pela maioria dos homens e mulheres de nossa sociedade.

- Forças sociais e psicológicas conspiram para alterar o padrão: divórcios, morte do cônjuge ou de filhos, crise financeira e outros filhos de uma geração de conflitos estruturais na família.

Uma pequena reflexão sobre homossexualidade

Vamos perceber o tema da homossexualidade a partir das reflexões feitas por Pe. Morano⁷ onde diz que não há afetividade humana que não comporte esta dimensão homossexual porque esta é uma das grandes diferenças entre a sexualidade animal e a sexualidade humana. A sexualidade humana não está programada como a do animal, por um instinto biológico que tem um objetivo claro e preciso de procriação. Na medida em que nos aproximamos da espécie humana, vemos que o instinto biológico vai dando lugar a outros tipos de comportamento na área da sexualidade que não apresentam esse objetivo exclusivo da procriação.

⁷ Pe. Carlos Dominguez Morano: Conferencista do III Congresso de Psicologia da CRB Nacional, 2007.

No ser humano, o mais importante em seu mundo afetivo não lhe vem dado pela biologia, mas pela biografia. Será esta a que vai determinar de modo essencial à direção que toma o dinamismo afetivo sexual de cada um. E, em princípio, se poderia dizer que nascemos macho e fêmea, mas não homo ou heterossexual, são coisas diferentes. Freud, em 1905, no primeiro texto importante que escreve sobre a sexualidade, nos diz que a atração entre homem e mulher não é mera questão de química, não é só biologia. É de um modo muito fundamental, biografia, questão de identificações que se vão realizando desde os primeiros momentos da vida. A primeira identificação que todos fazemos, nos diz o autor, é uma identificação primária com a mãe (tanto os homens como as mulheres). Daqui deriva o fato de que os homens, em geral, têm maior necessidade de provar que de fato são homens. Parece que as mulheres são mais seguras de sua identidade sexual, pois a primeira identificação para todos foi feminina. Os homens, ao contrário, têm de conquistar uma identidade masculina.

Sobre o estereótipo de homossexualidade, Morano comenta que existem muitos tipos de homossexualidade, tanto quanto de heterossexualidade. Nós construímos uma ideia dos homossexuais efeminados, mas no momento, a homossexualidade mais em voga é a do homossexual "sarado", musculoso, sem tantos traços efeminados. Vale lembrar também que em toda escolha heterossexual entram os componentes que também estão na homossexualidade.

Sobre a maturação para assumir um projeto de vida vocacional, Morano afirma que uma pessoa é madura quando mantém um bom contato com a realidade, quando tem capacidade de amar e de trabalhar, quando busca a superação do Édipo (superação dos fantasmas da infância), quando aceita sua castração simbólica (de que somos seres separados; não somos tudo para ninguém e ninguém é tudo para nós). E tudo isso se dá perfeitamente em pessoas heterossexuais e em pessoas homossexuais, desde que haja um equilíbrio entre a relação, a opção vocacional e as atitudes adotadas.

UM CAMINHO POSSÍVEL PARA INTEGRAÇÃO DA AFETIVIDADE

Conhecer-se de maneira realista

Reconhecer as próprias reações e atitudes emotivas: **saber** o que se sente;

Em cada emoção acontece uma **autorrevelação**: toda reação emocional pode ser experiência de aprendizagem, porque toda reação emocional nos diz algo sobre a nossa pessoa;

Saber o que se quer;

Encontrar emoções perdidas e redescobrir os próprios sentimentos;

Trazer de volta o que recalamos;

Distinguir o que é meu do que é do outro;

Separar o momento presente da experiência do passado;

Tomar consciência das próprias áreas afetivas não livres.

Unificação da própria realidade psicoafetiva em torno da opção fundamental

A necessária intervenção da **vontade**

→ controle – integração – canalização das emoções;

→ harmonizadas com as metas mais amplas da pessoa como ser humano à luz do bem total da pessoa;

Renúncia livre – ativa – consciente

→ Em vista de algo que é mais desejado

→ Que dá sentido à vida que leva à libertação profunda

Diante destas reflexões é possível renunciar em vista de uma grande meta, pois maior que a renúncia é o que se abraça. Isto implica orientar nossos valores em vista de projeto de vida e nos perguntarmos: *o que atrai o meu coração? Onde está o meu tesouro?*

Inspirado no discipulado de Jesus é possível perceber um itinerário que possibilita ao humano expressar o divino.

Questões para possível reflexão:

1 - Destaque no texto questões que ajudam no dia-a-dia sobre os temas Afetividade e Sexualidade.

2 - Selecione alguns aspectos mais marcantes e aplique a sua etapa de vida (adolescente jovem, jovem ou jovem adulto).

3 - Diante das reflexões feitas, como conciliar o mundo dos afetos (afetividade e sexualidade) em vista do projeto de vida?

4 - Como é a manifestação de minha afetividade e sexualidade na família, na comunidade e na sociedade?

Referências

CENCINI, Amadeo. **Por Amor**. Paulinas, 1997.

MORANO, Carlos Dominguez. **Afetividade, Espiritualidade e Mística**. Publicações CRB, 2007.

MOTA, Nunes Rubens. **Juventudes e trajetória social, o crack com sinalizador do contexto**. Ed 4 cores, Brasília-DF, 2013.

VIDAL, Marciano. **Sexualidade e condição homossexual na Moral Cristã**. Editora Santuário, 2008.

ZAMPIERI, Ana Maria Fonseca. **Erotismo, sexualidade, Casamento e infidelidade: Sexualidade conjugal e prevenção do HIV e da AIDS**.

3. Discernimento Vocacional e Profissional

*Frei Rubens Nunes da Mota, OFMCap
Mestre em Psicologia pela UCB – DF*

Neste estudo perceberemos a relação do que sou, dimensão que pressupõe o discernimento vocacional, com o que quero fazer ou faço, que é a dimensão profissional. Estas dimensões devem caminhar juntas para a realização da pessoa e de seus ideais, considerando a inclusão de Deus nesta construção e a fé como parte integrante da base destas reflexões.

Discernimento vocacional

Para compreender o discernimento vocacional é importante considerar o termo que rege toda escrita que é processo. Este termo diz respeito a questões ligadas à história que constituiu a pessoa que quer fazer seu discernimento. Contudo este conhecimento é muito difícil que ocorra de forma isolada, pois discernimento é um termo que pressupõe confronto

de pontos de vistas diferentes, ou seja, alguém que possa acompanhar, questionando, apontando, refletindo, enfim, oferecendo elementos para que possa reconhecer sua vocação.

A necessidade do acompanhamento

É tão necessário o acompanhamento quanto a preparação de quem acompanha. Por parte de quem exerce o ministério do acompanhamento vocacional, há uma necessidade de formação que não seja estanque, mas permanente. Reflexões que ajudem a acreditar no que fala e faz, pois deve viver primeiro, perceber-se chamado/a por Deus, para assim dar testemunho a quem acompanha. Você jovem, deve esperar de quem o/a acompanha, a capacidade de leva-lo/a ao encontro consigo e com Deus, despertando assim as motivações necessárias para o discernimento vocacional.

Este texto não vai dar respostas para você, mas sim ajudar no levantamento de algumas reflexões que possam ajudar, tanto na desconstrução do que lhe atrapalha, quanto na construção do que venha lhe ajudar em seu discernimento diante de suas buscas.

Processo para o discernimento

A palavra processo tem significado especial no discernimento vocacional, pois diz respeito ao desdobramento de uma caminhada que implica na história de vida, seus limites e potenciais.

Ter atenção ao processo é valorizar a história de vida com suas implicações. A atenção à história não é para se ater aos aspectos negativos ocorridos. Tais aspectos, se ocorreram, fazem parte do processo, mas não o definem, como não podem enclausurar a pessoa que é mais do que aspectos, erros e falhas. Revisar a história de vida é então, observar o caminho percorrido para aprender e inspirar o presente, impulsionando para o futuro que se quer construir.

Não basta revisar os acontecimentos passados, pois a palavra processo implica em assumir a história. É assumindo minha história, como ela foi e é, com seus erros e acertos, que terei como ressignificá-la e impulsionar minha vida para o projeto que desejo assumir.

Percorrer esse caminho não é simples, pois os valores que são construídos ao longo desse percurso podem fazer com que eu tenha dificuldades de perceber a minha história e, principalmente, a mim, como co-construtor/a desse edifício. Se pararmos aí não passaremos de condenadores de pessoas e de eventos que “atrapalharam” minha vida. É preciso ir além, para não repetir a história como foi, mas questioná-la e enriquecê-la.

Para tanto é preciso aprender com o processo percorrido para viver o presente contextualizado, consciente das interferências do sistema, mas me percebendo quais as motivações que vou tendo para acertar em minha vocação.

Motivações vocacionais

A reflexão sobre o processo histórico ajuda a perceber as reais motivações vocacionais. Na mesma lógica até agora insistida, a saber, perceber as motivações não como critério excludente, mas como elementos que podem ajudar no processo de reflexão e maturação vocacional.

Há uma diferença entre motivação vocacional e fuga ou compensação. A motivação inicial pode ser um sinal que, aparentemente, é equivocado, por exemplo: uma jovem que queira ser religiosa e se encante pelo hábito da irmã e se sinta atraída por este ‘sinal’ ao ingresso na congregação não é exatamente um problema, inicialmente, claro. Como motivação inicial não há problema nenhum, mas é preciso verificar como esta motivação depois de algumas etapas na congregação, permanecendo o mesmo, deve-se questionar tanto a motivação pessoal, quanto o esquema formativo. O que impulsiona é o desejo de alcançar aquele sinal/ideal/sagrado. Não seria diferente de um jovem que comece a namorar uma menina pelo encantamento com seu sorriso. Se ficar somente nisto, quando aparecerem os primeiros conflitos a fantasia acaba. Quanto às buscas, que têm a fuga ou compensação como motivações, já existe um aspecto complicador para o discernimento, pois estes são mecanismos que motivam pelo aspecto negativo, como por exemplo: um jovem que quer entrar na congregação religiosa porque nunca deu certo com namorada nenhuma ou porque não tinha estabilidade profissional. O impulso que motiva é o que não está dando certo para busca de outra possibilidade (tentativa de acerto).

É importante perceber se a motivação é fuga de situação negativa ou chamado para um ideal, justamente para discernir o itinerário vocacional que deve levar a Deus e seu Reinado. Neste processo é importante que o acompanhamento leve em consideração a dimensão de conversão, como processo diário de mudança e aprendizado. As perguntas: o que deixo por não estar ajudando? E o que quero assumir neste caminho? Obter uma resposta consistente sobre o que se pretende assumir pode, não somente revelar a motivação que move para um verdadeiro projeto, como possibilitar a tomada de consciência do ideal que se busca.

Este ideal é maior do que o projeto, diz respeito à *emergência vocacional*⁸ que deve conduzir ao seu propósito último que é Deus. Mesmo que o percurso possibilite outras direções, este ideal pautado na fidelidade ao projeto de Deus não pode ser traído, sob o risco de trair-se, abrindo uma brecha para o distanciamento do Reinado instalado por Jesus Cristo.

DISCERNIMENTO PROFISSIONAL

Cuidados Internos

A descoberta para o caminho profissional, como o caminho vocacional em geral, pressupõe o autoconhecimento e um bom discernimento capaz de verificar a devida convicção diante do leque de opções que aparecem. São muitos os atrativos que compõem este leque, da aptidão às necessidades financeiras. Na perspectiva cristã é necessário compreender a dimensão profissional como parte da missão que deve guiar cada pessoa. Este caminho deve considerar a realização pessoal e o sentido de servir socialmente, ou seja, a realização pessoal deve caminhar junto com a doação, a mútua ajuda.

Este caminho não é simples, por isso se faz necessário compartilhá-lo. Obviamente não se deve expor para qualquer pessoa seus sonhos e

⁸ Congresso Vocacional promovido pelo Conselho Episcopal Latino Americano, CE-LAM (Costa Rica, fevereiro de 2011). Mota, 2011.

projetos, pois como disse Jesus, um cego não guia outro cego. Pode-se compartilhar com um profissional, no caso, psicólogo, que além do auto-conhecimento pode ajudar com testes vocacionais para apontar as áreas profissionais de maior afinidade, ou com um adulto com bom nível de maturidade, religioso/a, padre, enfim, alguém de confiança e com uma caminhada mais consistente.

Veja alguns passos que indico como importantes para a pessoa que fará o acompanhamento: conhecer sua história de vida e ter uma caminhada amadurecida, ou seja, assimilada; compreender o processo de quem é acompanhado, com suas marcas na história; além de olhar a história é preciso perceber a ação de Deus em toda ela. Assim quem faz o acompanhamento se torna o/a facilitador/a do processo que tem como protagonista a pessoa acompanhada e Deus.

Neste processo, quem acompanha vai ajudando a pessoa perceber o caminho que está fazendo e como Deus foi e vai atuando junto. É comum que, ao dar estes passos, a pessoa vai se dando conta (insight) das amarras que travam o processo e das luzes que vão aparecendo. A tomada de consciência normalmente leva à melhor percepção sobre os caminhos de identificação por áreas ligadas ao mundo do trabalho. É importante notar cada uma das identificações para chegar ao discernimento profissional.

Este discernimento que busca identificar na história e nas relações interpessoais qual sua profissão não é simples, muitas vezes exige uma equipe interdisciplinar com a participação além dos familiares, de psicólogos, religiosos, padres e até pessoas da comunidade que possam indicar as aptidões que esta pessoa tem. A indicação do envolvimento de outras pessoas não quer ser um complicador para quem não consegue fazê-lo (questões financeiras ou recursos humanos). Existem recursos naturais a serem adquiridos que possibilitam um acompanhamento que facilita o discernimento, tais como o exercício da escuta atenta e respeitosa. As aptidões estão ligadas ao carisma, dom de Deus e por isso é mais bem discernida em comunidade.

Cuidado com a hierarquia de valores

Após verificarmos em nossa história e nas relações que estabelecemos, é necessário um bom nível de autopercepção para reorganizar nossa

vida, ou seja, olharmos o que fazemos diante do que queremos para nossa vida profissional e vocacional em geral. A isso podemos chamar de hierarquia de valores. Para facilitar a visualização sugiro o seguinte exercício: 1) Desenhe um círculo que será conhecido como pizza por você; recorte esta pizza em fatias de acordo com as seguintes atividades: vida de oração e espiritualidade, vida comunitária/fraterna, trabalho, namoro, estudos/leituras, sono, TV, Computador/Internet, refeições, lazer/descanso, família de origem, comunidade/pastoral, amizade, etc (OBS: cada fatia deverá representar um lado da sua vida atual). A largura de cada fatia da pizza será proporcional ao tanto de tempo dedicado a cada lado da vida, atualmente. 2) Para cada fatia da pizza, coloque + se você está contente com o modo como você tem vivido este lado da vida ou coloque – se você está insatisfeito ou +- se você está mais ou menos satisfeito. 3) Avalie o que está faltando para deixar você mais feliz com os lados da vida em que você assinalou – ou +-.

Diante desta pizza você deve estabelecer prioridades e se perguntar: Por onde e quando começar a melhorar o que não está bom?

Outra questão que deve ser levada em conta em vista do mundo profissional é verificar se, além de ser uma pessoa que cumpre bem a sua função, para ser vista como uma pessoa especial e que merece uma promoção, o profissional deve atentar – e muito – para a sua imagem.

Cuidado com a aparência

Sobre a imagem, Maria Aparecida Araújo⁹, consultora de comportamento profissional e diretora da consultoria Etiqueta Empresarial, diz que a imagem compõe a sua marca pessoal e profissional. “Se a marca estiver fortalecida, sempre haverá portas abertas”, ensina.

Segundo a consultora de etiqueta corporativa Licia Egger, muito da vida profissional é pautada na percepção que as pessoas têm de nós. Para ajudar a construir uma boa imagem, diz, o trabalhador pode fazer a sua parte como, por exemplo, estar sempre vestido adequadamente, ser gentil e proativo.

⁹ Maria Carolina Nomura, iG São Paulo: 10 sugestões para calibrar a sua imagem profissional *Aparência, comportamento e comunicação são pilares da marca pessoal*

Para alimentar bons comentários sobre a sua pessoa, Maria Aparecida sugere que haja uma atenção especial para três itens principais: a aparência, o comportamento e a maneira como se comunica com os outros.

Como este texto é para você, jovem, que às vezes está em seu primeiro emprego, difícil de conquistar e fácil de perder, registro as 10 dicas que esta autora elaborou para melhorar a sua imagem:

1. Use trajas adequados – As roupas devem estar de acordo com o código de conduta adotado dentro do ambiente profissional. Perfumes e maquiagens devem ser discretos.

2. Não fume - Além de ficar impregnado com o cheiro do tabaco, o hábito está sendo considerado cada vez mais como perda de tempo do funcionário, já que fumar em lugares fechados está proibido.

3. Não coma durante o horário do expediente - Você pode ser surpreendido com a boca cheia por uma ligação ou uma conversa, os dentes podem ficar sujos e o hálito ruim.

4. Modere o tom de sua voz - Ninguém é obrigado a escutar a sua conversa, pessoalmente ou por telefone, e isso pode atrapalhar a concentração do colega ao lado.

5. Evite o celular - Se a ligação particular for imprescindível, seja breve. Conversas longas e sem conexão com o trabalho são malvistas. Atente também para o toque do telefone. Ele deve ser baixo e o mais discreto possível para não atrapalhar os outros.

6. Não use a internet para fins pessoais - Se quiser entrar em sites que não tenham a ver com a sua função, use o horário do almoço ou o fim do expediente. Durante o trabalho, a visita em outras páginas pode denotar que você está desocupado, logo que é um forte candidato a ser substituído.

7. Evite o uso de gírias – O cuidado com a qualidade do vocabulário é fundamental. A linguagem no ambiente de trabalho deve ser adequada ao mundo corporativo. Ainda que você seja um estagiário, a informalidade não favorece.

8. Seja proativo - Se o telefone do colega que está ocupado estiver tocando e você tiver a possibilidade de atender, faça-o. É bom estar disponível na medida do possível para atender as necessidades do outro.

9. Mantenha o espaço em que trabalha limpo e organizado - Locais bagunçados podem dar a ideia de que o profissional também é confuso.

10. Sorria - A simpatia e o bom humor tornam o ambiente sempre mais leve e gostoso de trabalhar.

QUESTÕES

1) Reflita sobre a compreensão geral do texto e enumere o que melhor poderá ajuda-lo/a em seu discernimento.

2) Como você está aprendendo com sua história de vida, com seu próprio processo?

3) Como você percebeu a ação de Deus em sua história; foi possível perceber seu chamado vocacional?

4) Quais elementos sobre o discernimento profissional mais o/a ajudou e como?

Referências

HENRIQUES, F. **A Alteridade como mediação irrecusável uma leitura de Paul Ricoeur**, 2007.

BUBER, M. **Sobre Psicologia e psicoterapia**. Nove ensaios sobre psicologia e psicoterapia (1950/1965). O mais importante: A cura pelo encontro; correspondência com Biswnger, Jung e outros; diálogos com C. Rogers. 1999.

MOTA, R. **Juventudes e trajetória social, o crack como sinalizador do contexto**. Ed. 4 cores, Brasília-DF, 2013.

SOUZA, R. M. **O discurso do protagonismo juvenil**. Coleção Ciências Sociais. São Paulo: Paulus, 2008.

4. Técnicas de Elaboração e Acompanhamento de Projeto Pessoal de Vida

*Dom Eduardo Pinheiros Da Silva, sdb
Mestre em Ciências da Educação – Pastoral Juvenil – UPS – Roma*

INTRODUÇÃO

Deus que nos criou quis também que **nós fossemos capazes de criar**, de progredir, de desenvolver, de aperfeiçoar. Existe em nós uma **força natural**, intrínseca que nos convoca, nos anima e nos impulsiona para este aperfeiçoamento da nossa própria vida! Responder a este chamado é responder de maneira propositiva à vida; é desejar crescer; é fazer de tudo para que isto aconteça. Conscientes ou não passamos a vida neste **empenho** de desenvolvimento de nossas forças e de nossas capacidades humanas; procuramos os melhores caminhos, as melhores propostas e tudo aquilo que possa dar direção, sentido e gosto a esta **aventura sagrada** chamada VIDA.

É próprio da natureza do ser humano passar a vida se **organizando**. Organizamos o dia, os afazeres, os momentos; planejamos saídas, compras, viagens, estudos; analisamos nossos recursos e investimos naquilo que optamos; escolhemos algumas coisas e rejeitamos outras segundo nossos critérios de valor e possibilidades; fazemos de tudo para conquistar aquilo e aqueles que amamos; somos criativos para não deixar que nos roubem o que acreditamos; buscamos não deixar faltar o essencial para o sucesso de nossos desejos. E nesta dinâmica de vida vamos experimentando **vitórias, fracassos e mudanças**.

Na medida em que crescemos e amadurecemos, nos conscientizamos da necessidade de **organizar a dinamicidade** natural do nosso cotidiano e de nossa vida, e constatamos que **geralmente** esta organização produz rendimento e satisfação.

1. O PROJETO DE DEUS

Até **Deus 'tem' um Projeto!** É um projeto de amor e de salvação para seu povo escolhido, para cada um de nós. Ele está sempre nos convidando e orientando na organização pessoal em vista do bem que vem como consequência deste compromisso humano assumido.

"Conheço meus projetos sobre vocês - oráculo de Javé: são projetos de felicidade e não de sofrimento, para dar-lhes um futuro e uma esperança... Nenhum deles ficará morando no meio desse povo, nem verá a felicidade que estou preparando para o meu povo..."(Jr 29, 11-32).

2. O PROJETO DE JESUS CRISTO

Jesus Cristo - o Filho enviado ao mundo pelo Pai - é o Homem perfeito e o propagador fiel da vontade de Deus à humanidade. Todo voltado ao Pai e todo voltado aos irmãos, Jesus abraça radicalmente o Projeto de Deus: a **construção do Reino**. O Reino é a Boa-Nova que Ele vem

anunciar, propor, viver e orientar, dando-nos a certeza de que a plenitude humana é possível e traz a realização dos sonhos mais profundos de felicidade que a criatura tem. Somos todos convidados a uma nova vida onde o **prazer pessoal** de viver se une à experiência concreta de uma verdadeira e **fraterna relação** entre as pessoas.

O Filho de Deus não só vem esclarecer em que consiste este Projeto do Pai, mas também vem nos ensinar a vivê-lo, colocando-se, inclusive, como "**Caminho, Verdade, Vida**" (Jo 14,6). Somente Ele é capaz de não deixar nossos projetos se desviarem de seu verdadeiro objetivo! Sua vida, atuação, ensinamentos, morte e ressurreição demonstram seu grande carinho por nós. Da sua preocupação em não deixar que morram nossos sonhos de felicidade nasce a experiência com os Apóstolos e a **fundação da Igreja** que, com a presença do Espírito Santo, continua pela história nos mostrando, animando e auxiliando no caminho certo.

3. O MEU PROJETO DE VIDA

Convencidos de que somos chamados por Deus à felicidade plena e de que ela só poderá ser atingida mediante uma reta intenção e adequada programação, cabe a cada um de nós um **posicionamento afetivo** (acreditar, desejar, amar) e efetivo (construir, retomar, refazer) diante da tarefa concreta de elaboração do Projeto Pessoal de Vida. Portanto, faz-se necessário conhecer seus elementos fundamentais, abraçá-lo com amor e responsabilidade e iniciar sua construção.

4. PROJETO DE VIDA: SINAL DE MATURIDADE

O Projeto de Vida é o nosso segundo nascimento; uma decisão de vida tomada na **liberdade** a partir do que somos e daquilo que queremos ser. Ele é formado de compromissos que nós mesmos **determinamos e assumimos**, dentro da nossa consciência, visão, sen-

sibilidade, oportunidades, liberdade. Se caminharmos sem enxergar onde estamos, para onde queremos ir e o que devemos fazer, nos perdemos e perdemos tempo.

O Projeto de Vida é a **organização das escolhas** que fazemos para poder viver intensamente: valores, princípios, metas, na **busca** constante e incansável de responder ao que queremos ser e fazer na vida, definindo o **rumo**, o **significado** maior, o sentido, a direção, os objetivos a curto, médio e longo prazos. Por isso, pautar a vida por um Projeto é sinal de **maturidade!**

5. AS TRÊS PRINCIPAIS QUESTÕES

Como o Projeto de Vida é fundamentalmente um discernimento, faz-se necessário um **clima especial de silêncio e recolhimento** que permite ouvir a resposta do Senhor diante da nossa **oração**: "*Fala, Senhor, que teu servo escuta*" (1 Samuel 3, 1 e ss.). Este imprescindível diálogo com o Senhor orienta retamente nosso Projeto, evitando decisões mesquinhas, egoístas, incoerentes, superficiais, ambiciosas. Por isso, antes de tudo, é importante rezarmos pelo nosso Projeto de Vida.

"Nesse clima de recolhimento, [...] passamos, então, para as três etapas centrais, respondendo por escrito às três principais questões: "Aonde pretendo chegar? Onde e como estou? O que preciso fazer?". Essas três etapas do processo relacionam-se, respectivamente, às metas, ao contexto atual e às ações.

- a) **1ª. Questão: Refletir e descrever "aonde" quero chegar** (SONHOS). "*O que quero atingir – ideais, metas, sonhos – a partir do que Deus quer de mim, no lugar onde me encontro e com a responsabilidade que tenho?*"
- b) **2ª. Questão: Refletir e descrever "onde" e "como" me encontro** (REALIDADE). "*Onde e como estou atualmente – situação, contexto – neste caminho rumo ao que Deus deseja de mim?*"

c) **3ª. Questão: Refletir e descrever “o que” devo fazer** (PASSOS).
“Quais ações são necessárias para eu realizar o ideal sonhado?”

6. AS DIMENSÕES DA REALIZAÇÃO HUMANA

Para que um Projeto de Vida seja bem pensado e construído ele precisa abordar as diversas dimensões da vida, dando-lhes uma resposta concreta e um sentido de unidade entre todas elas. Precisamos, então, escolher um esquema que melhor proporcione a visão global da vida considerando as suas várias partes. Tendo como base os números 64 a 72 do Documento 85 da CNBB consideraremos as seguintes dimensões:

a) **Dimensão psicoafetiva** (Processo da personalização): “*Quem sou eu?*” - É o esforço de tornar-me pessoa: descobrir-me, possuir-me, aceitar-me, integrar-me, trabalhar-me. **É a minha relação comigo mesmo.**

b) **Dimensão psicossocial** (Processo de integração): “*Quem é o outro?*” - **É a capacidade de me relacionar com o “outro”,** gerando afeição e cooperação, confronto de ideias e dons, acolhida e convivência, valorização do diferente.

c) **Dimensão mística** (Processo teológico-espiritual): “*Qual o sentido da minha vida? Quem é Deus e qual é seu projeto?*” - Esse processo desenvolve a vivência da fé, a busca do sentido de vida, o envolvimento eclesial. **É a minha relação com Deus,** com seu plano, com sua vontade.

d) **Dimensão sociopolítico-ecológica** (Processo de participação-conscientização): “*Qual a minha relação com a sociedade?*” - É a busca por descobrir o mundo e tornar-me sujeito da história. **É minha relação com a sociedade** e minha responsabilidade para torná-la cada vez mais humana.

e) **Dimensão de capacitação** (Processo Metodológico): “*Como capacitar-se para a ação?*” - Significa todo empenho necessário para me tornar realmente eficaz na vida, na Igreja, na sociedade. É preciso aprender a planejar, executar, interferir, avaliar. Os conhecimentos adquiridos pelos estudos e pela prática me capacitam em minha vocação de discípulo missionário? **É minha relação com a ação.**

7. MÃOS À OBRA

De pouco adianta desejar ter um Projeto de Vida se não nos debruçamos em uma proposta concreta, um instrumento prático que nos oriente na elaboração dele. No livro “Vida: um projeto em construção” (Dom Eduardo Pinheiro da Silva, Loyola 2014) apresento uma sugestão de tabela que pretende auxiliar na visão global da vida e na sua organização. Considerando as dimensões da formação integral e as três etapas do processo, a tabela foi elaborada como segue. Cada tabela (cada página) contém uma das dimensões a ser considerada. Na primeira coluna aparecem os diversos temas da respectiva dimensão. Na segunda, após reflexão e escolha de 1 ou 2 temas da relação, redige-se um pequeno texto que trabalhe o ideal que se pretende atingir naqueles próximos meses (1 ano). A terceira coluna convida à análise da realidade (interna e externa) que interfere naquele “sonho” desenhado. A última coluna, subdividida, é a mais exigente uma vez que orienta para definição de ações possíveis e claras em vista da conquista dos sonhos. Como exemplo, peguemos a primeira dimensão da formação integral, “Psicoafetiva”:

DIMENSÃO PSICOAFETIVA	MEU SONHO	MINHA REALIDADE	MEUS PASSOS	
			DEFINIÇÃO	CRONOGRAMA
Minha personalidade				
Minha afetividade				
Meus valores e dons				
Meus estudos				
Minha vocação				
Meu projeto de vida				
Minha profissão				
Minha presença nas redes sociais				
Minha saúde				
Meus bens materiais				

Existem várias outras formas de se redigir um Projeto de Vida. Além do modelo “tabela”, podemos utilizar da dissertação, a partir de questões provocativas. Dois exemplos, que se encontram nesse livro acima citado e que foram retirados do subsídio “Projeto de Vida: caminho vocacional da Pastoral da Juventude Latino-Americana” (CELAM, CNBB):

Proposta 1:

1. **Onde estou? Como estou?** (história pessoal e contexto)
2. **Para onde quero ir?** (sonhos, horizontes, ideais; o próprio “credo”)
3. **Quais são os recursos com que posso contar?**
4. **Como vou alcançar as metas?** (objetivos em longo, médio e curto prazos)

Proposta 2:

1. **Minha situação de vida** (marco situacional)
2. **Eu tenho uma história** (marco histórico)
3. **Aquilo em que creio** (marco doutrinal)
4. **A que distância estou do ideal?** (diagnóstico pessoal)
5. **Meu compromisso pastoral e social** (marco operativo)

8. OUTRAS CONSIDERAÇÕES

Para uma boa construção escrita do próprio Projeto de Vida recomenda-se que determinemos o **tempo de sua validade**, quando, então, merecerá uma adequada **avaliação** e reforma. Portanto, ao analisarmos a própria vida na sua intenção de projetá-la devemos ter bem os pés no chão, tanto no que se refere ao período de seu desenvolvimento quanto no que diz respeito ao **contexto** da realidade em que vivemos no momento.

Ao evitarmos o perfeccionismo ou a superficialidade de sua elaboração, um Projeto de Vida consistente exige que saibamos **destacar aqueles dois ou três** pontos principais de cada uma das dimensões consideradas. Ter inúmeras metas ou ter quase nenhuma pode trazer frustração e conseqüente desânimo na busca do desenvolvimento da vida.

5. Serviço de Escuta (técnica de aconselhamento pastoral)

*Pe. Valdecir Ferreira
Especialista em Counselling – Instituto de Aconselhamento e
Terapia do Ser (IATS) – PR, e Especialista em Ensino Religioso
Faculdades Claretianas -SP*

1. CONCEITO DE ACONSELHAMENTO PASTORAL

O aconselhamento pode ser definido como uma relação de ajuda em que uma pessoa, o conselheiro, busca assistir outra pessoa nos problemas e desafios que ela está enfrentando em sua vida. Tem como objetivo principal ajudar o aconselhado a desenvolver a maturidade cristã, a partir da mudança de sua forma de pensar. As demais mudanças ocorrerão na medida em que a renovação da mente pelos princípios da Palavra.

O aconselhamento pastoral tem enquadramento próprio. Sendo que a tarefa do aconselhamento é o acompanhamento de alguém que chega e pede ajuda específica. Não basta apenas ouvir mas é preciso saber ouvir e interferir no momento exato. Possibilitando uma maior compreensão da dificuldade a ser enfrentada, por parte do próprio aconselhado. A relação

de ajuda terá como finalidade fazer com que a própria pessoa, que busca auxílio, compreenda-se e seja capaz de olhar para os próprios problemas.

Rogers (1977) definia o conceito de relações de ajuda, como sendo “as relações nas quais pelo menos uma das partes procura promover na outra o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida” (43), ou ainda uma situação na qual um dos participantes procura promover numa ou noutra parte, ou em ambas, uma maior apreciação, uma maior expressão e uma utilização mais funcional dos recursos internos latentes do indivíduo” (p. 43).

Rogers parte do princípio, aparentemente óbvio mas importante, de que “se posso formar uma relação de ajuda comigo mesmo – se eu puder estar afetivamente consciente dos meus próprios sentimentos e aceita-los – é grande a probabilidade de poder vir a formar uma relação de ajuda com outra pessoa” (p. 44).

Uma pessoa que exerce a missão do aconselhamento pastoral, desenvolve um tipo de trabalho e abordagem marcados à partida por alguns pressupostos que estabelecem limites, desde logo, na relação com a pessoa que procura ajuda ou aconselhamento.

Esse tipo de limites, em primeiro lugar tem a ver com aquilo a que podemos, talvez, chamar a posição de poder do conselheiro.

Nos casos em que o conselheiro é também o líder na comunidade de fé, o aconselhando tende a colocar-se automaticamente num patamar de submissão. Tende a ficar intimidado, a não se abrir, a ter necessidade de medir as palavras muito bem e resguardar-se mais do que faria eventualmente com um técnico anônimo, ou alguém que não represente qualquer espécie de poder para aquela pessoa. Mas também para o conselheiro esta não é uma situação fácil de gerir. É extremamente difícil, para quem dispõe de uma certa influência no aconselhando, resistir a tentação de direcionar, optando por outras posturas de aconselhamento, esquecendo que deve ser a própria pessoa (o aconselhando) a encontrar o seu próprio percurso e as soluções para os problemas que, afinal, também são essencialmente seus.

2. O ALVO DO ACONSELHAMENTO

Alguém que exerce a escuta e o aconselhamento pastoral (que estão profundamente em sintonia e não podem ser separados) se deparará com

os mais diversos problemas que afligem a realidade existencial: a vida matrimonial, conflitos pessoais, culpa, medo, angústias, depressão, confusões das mais diversas e outros dramas do cotidiano da própria vida. Além destas questões, ele encontrará nos colóquios e aconselhamentos os conflitos que envolvem falta de fé, oração, sentimentos de culpa por algum pecado, estagnação espiritual entre outros.

Qualquer que seja a necessidade que o aconselhado tenha, o conselheiro constatará que as pessoas têm um objetivo comum que é fundamentalmente egocêntrico e gerador dos demais problemas: a felicidade pessoal em primeiro lugar. Os aconselhados dizem: “Quero sentir bem” ou então “Quero ser feliz”. Uma busca exacerbada pelo alvo da felicidade pessoal, pode se tornar, em muitas vezes, um obstáculo que obscurece a visão correta do propósito e do caminho bíblico para se experimentar uma vida de prazer profundo e duradouro. É missão do conselheiro manter o alvo do verdadeiro aconselhamento: a busca do encontrar-se para encontrar o Senhor. Ajudando-os a tornarem-se mais semelhantes ao Senhor. Em suma, o alvo é ajudá-los a desenvolver a maturidade espiritual e psicológica.

3. ATITUDES DO CONSELHEIRO (AJUDADOR)

Maurice Wagner (1973) indicou algumas atitudes do conselheiro, que podem, potencialmente, ser geradoras de confusão de papéis. Vejamos algumas:

1. Falta de tempo do conselheiro. Se o conselheiro for apressado, os seus possíveis comentários encorajadores poderão ser objeto de suspeita, parecendo estar a dizer apenas aquilo que o aconselhado quer ouvir, a fim de terminar a conversa o mais rápido possível. É importante que o conselheiro tenha tempo que lhe permite ouvir o outro com atenção, manifestando cuidado e interesse por ele.

2. Condenação em vez de imparcialidade. Quando o aconselhado se sente condenado ou censurado pelos seus comportamentos, atitudes ou motivações, tende a defender-se, a fechar-se, a demonstrar uma indiferença resignada ou a aceitar as palavras do conselheiro sob reserva. Ora, nada disso contribui para o crescimento ou a atualização das potencialidades do aconselhado.

3. Pretensão de querer resolver tudo num só momento. O interes-

se ou entusiasmo do conselheiro, por vezes, leva-o a prolongar demasiado uma sessão de aconselhamento. É preferível, se necessário, realizar sessões mais curtas e mais frequentes. O tempo é um contributo importante na resolução dos problemas das pessoas. As sessões demasiadas longas provocam cansaço, confusão e falta de concentração. O que não concorre, de forma nenhuma, para potenciar os resultados da entrevista de ajuda.

4. Ser diretivo. É um erro comum que demonstra não se acreditar nas potencialidades do aconselhado para a mudança. A não-diretividade leva o conselheiro a uma atitude de ajuda do outro, tentando compreendê-lo de acordo com seu quadro de referências interno, e acompanhando-o no seu percurso afim de lhe permitir descobrir por si mesmo a forma de superar os bloqueios que o impedem de caminhar em direção a uma vida mais plena.

5. Envolvimento emocional. A linha divisória entre o que é interesse pela pessoa, na perspectiva de ajuda, e a perturbação e confusão devidas a um envolvimento emocional, pode vir a tornar-se tênue, pelo que o conselheiro deve estar atento para que não se verifique a perda da objetividade e deixe de estar em condições de ajuda afetiva. Algumas formas de evitar este perigo são o prestar atenção ao limitado contexto do quadro da relação de ajuda, em questões como, por exemplo, a duração fixa das entrevistas, os números de conversas, e o evitar contatos de caráter íntimo. Estes cuidados não visam isolar o conselheiro, mas mantê-lo suficientemente no objetivo para continuar no uso das suas competências e assim prestar auxílio.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O caminho feito no Aconselhamento Pastoral nunca poderá ser "engessado" ou mesmo único. Para cada situação ou realidade exigirá um posicionamento, que buscará de maneira diversas, levar o aconselhado a buscar suas próprias respostas, num caminho de responsabilização do conteúdo interior-vivencial, agora melhor compreendido

(possivelmente) pela pessoa.

Como pessoa, o ajudado poderá a vir desenvolver modos de ser mais livres e mais de acordo consigo mesmo, poderá operar mudanças no seu mundo pessoal e abrir-se ao mundo dos outros e poderá procurar dar um sentido à sua existência, apesar da sua situação/problema. O sentido só poderá resultar das suas próprias decisões e escolhas, das que impliquem novas possibilidades par si mesmo.

A relação de ajuda tem como significado essencial o “estar-com”. Implica a presença (de estar – por si), a reciprocidade (enquanto troca ou estar – para- o outro), o cuidado (acolhendo o outro) e ainda, o laço emocional entre um EU e um Tu que criam um NÓS, numa reciprocidade ativa para que o Outro venha iluminar e ser descoberto entre nós.

A missão daquele que ajuda tem seu fundamento no ouvir. Ouvir realmente não é fácil, é preciso exercitar essa virtude aprendendo a ficar calado, não interromper, não se distrair com coisas externas ou interiores e principalmente, depois de ouvir, evitar fazer um julgamento que censurar a pessoa ajudada ou imponha a vontade e opinião do ajudador. Só de ouvir já é uma grande ajuda para quem precisa de uma companhia e não tem com quem desabafar. Além disso, o objetivo deve ser a compreensão. É possível detectar o problema real do ajudado quando se percebe que em sua fala ele repete muitas vezes o que o incomoda mais, se destacando entre outros fatores. Também é possível deduzir o que o ajudado quer dizer implicitamente através de suas palavras.

Depois de escutar é hora de corresponder a expectativa do ajudado e falar. Essa resposta é uma afirmação de compreensão. Mas antes de resolver o problema, a primeira coisa que o ajudado e ajudador precisam saber é se este compreende aquele, mesmo que para isso precisem tentar várias vezes. Então a principal resposta que o ajudado necessita ouvir é: “eu entendi você”. Por isso é importante que o ajudador exponha para o ajudado como compreendeu a questão, resumindo o que ele disse.

Toda palavra ou ação expressa sentimentos. Quem procura ajuda quer ser entendido em seus sentimentos e quem ajuda deve estar atento a esses sentimentos, para qualificá-los e responder ao ajudado que sabe o que está sentindo.

Se o ajudador souber responder o que entendeu das palavras e o porquê dos sentimentos do ajudado, isso fará com que a conversa continue sem medo de incompreensões. Essa resposta deve ser empática (evitando a simpatia e antipatia), mostrando para o ajudado que ele não está só e que alguém acredita nele.

Muitas vezes, mesmo quando a pessoa procura ajuda não consegue falar muito, não se expressa claramente ou de tão emocionado prefere ficar calado. Então o ajudador ao observar as expressões de comportamento do ajudado, pode lhe dizer o que está percebendo ou o que está transparecendo no semblante do ajudado, lhe perguntando se realmente é isso que o incomoda. Assim o ajudador pode abrir caminho para que o ajudado o identifique o seu problema e se abra contando o que está acontecendo.

A expectativa de quem procura uma ajuda é receber a solução de seus questionamentos, então quem vai dar essa resposta deve pensar bem sobre os sentidos da pergunta, a fim de falar sabiamente. Às vezes a resposta pode ser uma pergunta ou uma suposição que abra caminho para um diálogo mais intenso, levando o próprio ajudado a encontrar a causa e a solução do problema.

É bom saber que somente a própria pessoa carente de ajuda é que sabe o que realmente está acontecendo e o que é melhor para ela. A função do ajudador é conduzir o ajudado a essa conclusão.

Outra forma de fazer o ajudado se abrir para falar o que sente é o ajudador expressar seus sentimentos diante da situação do ajudado, mostrando-lhe solidariedade e fazendo-o se sentir bem à vontade para dizer o que o faz sofrer, para um amigo e companheiro que lhe compreende. Durante o diálogo de ajuda é necessário conduzir o ajudado a assumir sua responsabilidade no problema. Não culpá-lo, mas fazê-lo entender de acordo com suas possibilidades, que não é apenas vítima e pode agir para vencer. Enquanto a culpa é dos outros, o ajudado não tem nada a fazer a não ser se lastimar, porém quando assume sua participação, encontra formas de resolver seus problemas.

Além de descobrir a causa do problema é preciso saber qual o objetivo a ser alcançado, e como começar essa nova caminhada. A partir da personalização o ajudado é estimulado a agir e o ajudador pode expor

quais alternativas para ele e orientá-lo a escolher corretamente, mas só quem pode decidir é a pessoa ajudada.

A mudança indispensável para a vida do ajudador, é o resultado e o objetivo da relação de ajuda. Para chegar até essa mudança não é fácil e se houver falhas é necessário tentar novamente até alcançar o alvo, sendo que a cada tentativa a experiência aumenta. A transformação deve começar de dentro para fora e mostrar através de ações e às vezes do silêncio ou inércia a diferença que somente as palavras não podem provar. Quando o ajudado vence seus obstáculos, termina então a relação com o ajudador. Mas o ajudado segue o exemplo do ajudador e se torna seu próprio ajudador e de outras pessoas que lhe pedir ajuda. Porque conviver é uma relação de ajuda.

Aquele que ajuda tem por missão auxiliar o aconselhado a reencontrar o sentido da vivência, da existência. Considerando que existir não é assistir a tragédia da vida, mas sim seu o autor da própria história buscando iluminar a própria vida, ser responsável por ela e tentar compreendê-la, estar aberto, questionar-se, escolher-se e virar-se para o futuro, criando todos os possíveis atos para sua existência.

Cada um deve, em conjunto, redefinir o seu existir. Ajudar a compreender o passado. Viver o presente, encontrando caminhos que promovam a mudança, gerando alternativas e evolução. Assim, o futuro será aquilo que a humanidade (pessoa) traz dentro de si e poderá realizar por atos de vontade, gerindo sua liberdade (mesmo diante de situações não tão agradáveis).

Bibliografia

- HOSICK, J. H. (1998): **Pastoral Counselling – What is it? Do we have something to offer?**, Atlantic
- MIRANDA, Clara Feldman de e MIRANDA, Márcio Lúcio de, **Construindo relações de ajuda**. 7. Ed. Belo Horizonte. Editora Crescer, 1991.
- Rogers, C. R. (1985): **Tornar-se pessoa**. Lisboa: Moraes.
- Rogers, C. R. (1983): **Um jeito de ser**. São Paulo: Ed. EPU.
- Rogers, C. R. (1989): **Sobre o poder pessoal**. São Paulo: Martins Fontes.
- Rogers, C. R. (1997): **Psicoterapia e Consulta Psicológica**. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- WAGNER, M. E. (Julho 1973): **Hazardz of Effective Pastoral Counselling**, parte um, Journal Of Psychology and Theology.



PARTE II

DIMENSÃO PSICOSSOCIAL

Processo de integração. "Quem é o outro"

1. Realidade cultural da juventude brasileira (pós-)modernidade, contemporaneidade¹⁰

Paulo de Lima

Mestrando em Educação e Desenvolvimento Humano - Federal-PR

Pretendemos com esta aula procurar adentrar no contexto juvenil¹¹ da (pós-) modernidade e da contemporaneidade. Mas, já podemos de antemão afirmar que "os jovens de todos os tempos e lugares buscam a felicidade" (CNBB, 2007, nº 1). Precisamos conhecê-los, gastar nosso tem-

¹⁰ O tema abordado é complexo. Aqui fazemos alguns apontamentos. É preciso o aprofundamento através das referências.

¹¹ Usaremos o termo jovem para designar tanto adolescente quanto jovem. Mas, a Organização Mundial da Saúde(OMS) caracteriza adolescente entre 10 e 19 anos; a Organização das Nações Unidas(ONU) entre 15 e 24 anos; No Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente(ECA), Lei 8.069, 13/07/1990, define adolescente com idade entre 12 e 18 anos. No Brasil a Lei 12.852, 05/08/2013, que instituiu o Estatuto da Juventude, define jovem com idade entre 15 e 29 anos, ressaltando que os adolescentes entre 15 e 18 anos estão sujeitos ao ECA.

po e nossas energias para caminhar juntos, usando a pedagogia de Jesus com os discípulos de Emaús (Lucas 24, 13-35): estar ao lado, escutar, dialogar, conhecer suas angústias e suas expectativas para a vida e depois, ao adentrar o território de suas vidas, propor-lhes o que temos de melhor, pois “conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece” (CNBB, 2007, nº 10).

1. APROXIMAÇÕES DOS TERMOS (PÓS-)MODERNIDADE E CONTEMPORANEIDADE

O termo pós-modernidade e contemporaneidade trazem muitas controvérsias no seu conceito¹². Falar de (pós-)modernidade não é nada pacífico. “A modernidade surgiu com a ideia de renascimento, reerguimento, refundação, reinício. A pós-modernidade nasce justamente com a pretensão contrária, que é a de não encontrar mais fundamentos, sepultá-los” (SANDRINI, 2009, p. 107). E nossos jovens estão imersos nesse contexto mais do que qualquer geração precedente. Hoje, podemos falar que tem muitas antenas e poucas raízes. Essa é uma das maiores características da (pós-)modernidade: a discussão sobre os *fundamentos/raízes* da sociedade. Quantas vezes já escutamos o discurso: “*no meu tempo não era assim*”? A música de Renato Russo – Legião Urbana – talvez seja uma das poucas manifestações que retratam o que sentem e passam nossos jovens¹³. Uma delas assim se expressa: “e meus amigos parecem ter medo de quem fala o que sentiu, de quem pensa diferente. Nos querem todos iguais, assim é bem mais fácil nos controlar” (Música Aloha). E nesse ponto o

¹² Para aprofundar: LÖWY, Michael. “A Escola de Frankfurt e a Modernidade”, disponível em: <http://novosestudos.uol.com.br/v1/files/uploads/contents/66/20080625_a_escola_de_frankfurt_e_a_modernidade.pdf>. Também TOURAINE, Alain. *Crítica da Modernidade*. 10ed. Vozes, 2012.

¹³ Interessante notar como nossos jovens estão retornando às manifestações artísticas do passado. Isso é um sinal de que a chamada (pós-)modernidade não trouxe sentido em alguns aspectos de suas vidas. Seria interessante um estudo aprofundado sobre as manifestações estéticas/artísticas dos jovens.

Documento 85 da CNBB, nº 18, diz que “é preciso buscar um equilíbrio entre projeto individual e coletivo. [...] de maneira alguma a comunidade deve ser sinônimo de uniformidade”.

Na chamada (pós-)modernidade devemos evitar dois extremos. O primeiro chamado de *relativismo* ético na qual se proclama a *uniformidade* da sociedade. Tudo é igual, qualquer atitude tem o mesmo valor e é certo o que eu acho que é certo.

O jovem “pós-moderno”, filho das usinas nucleares, sufocado pelo dióxido de carbono, produzido pelas engenhocas da técnica, impregnado pelo visual cinzento dos prédios, asfalto e poluição, olha, cético, para tanto desenvolvimento. Nem se pergunta o que vale isto para a eternidade, mas já para a própria terra. Ou reencontra a palavra do Evangelho com outro sentido: o que adianta o homem conquistar o mundo inteiro com sua técnica, se sua humanidade sofre detrimento. [...] Este encontro com o jovem pós-moderno nos deixa o saldo positivo de sua percepção da humanidade. (LIBÂNIO, 2008, p. 23-24).

O segundo extremo da (pós-)modernidade é o chamado conservadorismo. Defende as formas assumidas pelos valores, e não o núcleo deles. Nesse contexto falta flexibilidade para perceber a situação das pessoas. E no âmbito juvenil essa postura é perigosa, pois temos diferenças entre o jovem da cidade e o jovem do campo, entre o jovem da classe alta e o jovem da periferia. Vivemos uma *contemporaneidade incontemporânea*, jovens que vivem no mesmo *tempo cronológico*, pode estar vivendo em *tempos históricos diferentes*. Quem tem a oportunidade de percorrer nosso imenso país percebe a diferença entre esses tempos nas diversas regiões. O *tempo cronológico* dos jovens dos Pampas Gaúchos não é o mesmo dos jovens do Sertão Pernambucano. Assim como há diferenças no *tempo histórico* nas diversas juventudes da Metrópole Paulista comparadas com as juventudes da Amazônia. A realidade da condição juvenil é complexa e tremenda, mas ao mesmo tempo fascinante.

Vivemos em um mundo extremamente pluralista. Isso significa que toda realidade, que, à primeira vista, parece ser uma, homogênea, é, de fato, altamente plural. A juventude é também plural. É possível encontrar alguns traços que são mais comuns, mas nunca identificam toda a juventude. Não só os grupos de jovens são plurais como também os próprios jovens são

plurais dentro de si. Convivem neles traços contraditórios. [...] As idéias da modernidade cultural impregnam a mentalidade das gerações jovens. Entre elas, está a necessidade de construir a própria autonomia em confronto com as tradições e em tensão criativa com as autoridades, de um lado, e, de outro, a sede de liberdade sem limite, diante de toda norma ou lei objetiva. Aí está um dos problemas centrais que afeta a experiência dos jovens [na (pós-)modernidade]. (LIBÂNIO, 2008, p. 67-68).

Para um trabalho com as Juventudes é necessário levar em conta esse contexto e procurar fazer um diagnóstico dos nossos grupos. Elaborar de forma participativa um projeto de formação, um caminho do qual eles também sejam construtores e não expectadores. Possibilitar que eles se expressem e a partir dessa dinâmica propor-lhes caminhos de crescimento. E o mais importante: caminhar junto com eles. O grande educador e pedagogo das juventudes, Dom Bosco, dizia que “mais de que dizer que ama o jovem, ele precisa sentir que é amado” precisa sentir que nos interessamos realmente por ele e ao adquirir a confiança o caminhar se torna mais prazeroso. “Tudo o que o ser humano faz é insuficiente e pode ser melhorado” (YOUCAT, 2013, p. 7).

2. O JOVEM PÓS-MODERNO BRASILEIRO

O Brasil vive um momento único de sua história. Pelos dados econômicos, mesmo que não tenha atingido a grande maioria da população brasileira, hoje somos a 6ª economia do mundo. Mas, ainda de uma modernidade tardia. Junto com esse “novo país”, das sonhadas grandes mudanças, existe uma nova geração de jovens.

São 33 milhões de jovens entre 15 e 24 anos (normalmente a idade que frequentam nossos grupos de jovens). Essa geração nasceu num país sem ditadura, sem medo da inflação e com a sensação de uma crescente prosperidade econômica. Conectado com o mundo,

¹⁴ O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. A renda dos 1% mais ricos se mantém igual à dos 50% mais pobres.

cada dia mais digital, exercita uma nova maneira de se relacionar. Um mundo sem fronteiras onde a tecnologia permite trocas em múltiplos tempos e espaços.¹⁵ Isso

[...] de fato, reproduz antigas formas de transmissão do saber e da vida comum, exhibe nostalgia, dá forma a desejos e valores tão antigos quanto o ser humano. [...] vemos não só as perspectivas do futuro que ela oferece, mas também os desejos que o ser humano sempre teve e aos quais procura satisfazer, ou seja: relacionamentos, comunicação e conhecimento (SPADARO, 2012, p.16).

Tudo isso sem limites físicos ou sociais. É um momento único onde nossos jovens depositam suas esperanças e seus sonhos. Com o Brasil em sua melhor fase, apesar de todas as mazelas que muitos ainda enfrentam, temos a “primeira geração global” de brasileiros, levando em conta que “dentro das sociedades ainda existem vários “continentes”” (YOUCAT, 2013, p. 7-8). Segundo a pesquisa “O Sonho Brasileiro”¹⁶, 89% dos nossos jovens tem orgulho de ser brasileiros. Além de serem otimistas eles também pensam no coletivo. “Os jovens de hoje não são tão superficiais como se diz deles. Eles querem saber realmente o que é a vida” (YOUCAT, 2013, p. 8). Você que neste momento estuda, reflete este texto: *qual é sua geração? Quais as características positivas e negativas? Quais traços carrega da sociedade da minha infância?* Nossos jovens atuais passam pelos mesmos processos, em realidades sociais e culturais diferentes.

Para acompanhar uma nova geração de jovens com traços diferentes das gerações anteriores não basta boa vontade. Não basta que o assessor seja uma pessoa jovial. Os tempos exigem uma verdadeira vocação, preparo pedagógico, pastoral e teológico, planejamento, clareza de metas, estratégia para alcançar estas metas e uma forte paixão pela causa do jovem (CNBB, 2007, nº209).

¹⁵ Essa é a chamada “ambiência digital”, interações sociais que se estabelecem por meio de plataformas online. Esse é um novo território, um espaço simbólico onde nossos jovens vão estabelecer novas experiências existenciais e sociais. Para aprofundamento ler SPADARO (2012).

¹⁶ “Projeto Sonho Brasileiro” que busca detectar as diversas fases de nossas juventudes. A pesquisa é alimentada, online, diariamente por jovens de todo o Brasil. Para saber mais acesse: <<http://pesquisa.oseonhobrasileiro.com.br/index1.php?mod=5>>.

Existe uma nova forma de funcionamento do mundo que organiza o seu jeito de pensar. O modelo que foi valido nos anos 60 não faz mais sentido hoje. O engajamento político daquela época exigia mais sacrifícios. Um abandono de questões individuais para se entregar inteiramente a uma causa¹⁷. Hoje, desejos individuais são expostos nas redes sociais e, rapidamente, pessoas com os mesmos desejos – comunidades virtuais – se conectam e começam a se movimentar. As manifestações entre junho e julho de 2013, no Brasil, são uma consequência disso. Para analisar o evento precisamos de outros dados, mas a saída às ruas começaram com a “movimentação virtual” de nossos jovens, a chamada *hiperconexão*. “É um espaço de experiência que cada vez mais está se tornando parte integrante, de maneira fluida, da vida diária: um “novo contexto existencial” [...] um ambiente cultural que determina um estilo de pensamento e cria novos territórios e novas formas de relacionamentos” (SPADARO, 2012, p. 17). A *hiperconexão* traz a ideia de que pensar no outro, não exclui pensar em si mesmo.

O “novo coletivo” dos jovens brasileiros reestrutura a maneira de agir no mundo. Cansados de depender de hierarquias e sistemas rígidos, eles acreditam em *microrrevoluções* cotidianos que impactam positivamente a rotina de suas comunidades. Muitos já estão agindo pelo Brasil afora, observam os problemas reais, analisam suas causas, visualizam objetivos a curto prazo e acreditam no poder da ação direta. Basta procurar e visualizar os grupos de danças, dos mais variados estilos, nas periferias das grandes cidades, os voluntários que alegam a vida dos doentes nos hospitais, das crianças, e muitas outras experiências. A juventude é o “sacramento da sociedade” (LIBÂNIO, 2008, p. 11), sempre serão os *catalizadores* das grandes mudanças e “se os jovens se isolam na solidão de seu egoísmo, é sinal de que a sociedade está doente. Se eles, por sua vez, estão a criar sempre novos laços de amizade, apontam para um veio sadio da sociedade. Portanto, os jovens são sinal e sacramento da sociedade” (*idem*, p. 12). Em qualquer época, geração ou sociedade, os jovens sacodem mentalidades e modificam comportamentos.

Mas, nada disso aconteceria, se antes de realizar as coisas, os jovens não tivessem compromisso de sonhar com elas. *E quem os ajuda a caminhar? A realizar seus sonhos?* É nesse momento que a proposta de Cristo,

¹⁷ Para um aprofundamento seria interessante assistir e debater, em grupo, o filme “Batismo de Sangue, 2006”, de Helvécio Rattón. Baseado no livro, de mesmo título, de Frei Betto, 14ª edição, Editora Rocco, 2006.

do Evangelho, deve ser lançada. Mas, para isso é preciso conhecê-los, adentrar seu mundo e suas vidas. Na década de 1970, movidos por ideologias políticas, nossos jovens possuíam sonhos grandiosos e utópicos. A juventude da década de 1980 possuía sonhos possíveis, mas a realização desses sonhos tinha um fim individualista, que geralmente era um bem de consumo material, motivados pela chamada globalização neoliberal. “A pós-modernidade veio com outro apelo. Acenava-lhes unicamente com o presente. Diz-lhes: esqueçam o passado! Não se queimem por futuro impossível! Vivam o presente! Esse presentismo se manifesta na perda da consciência histórica e da ética” (LIBÂNIO, 2011, p. 143-144).

Os jovens atuais são capazes de entender a diversidade e agir pelo coletivo em todas as esferas sociais. A pesquisa “O Sonho Brasileiro”, detecta que 8% dos nossos jovens já estão fazendo algo pela sociedade, nos locais onde vivem. Parece pouco, mas são 2 milhões de jovens que estão com a mão na massa. Esses jovens já estão transformando grandes sonhos, em sonhos reais. De forma silenciosa, realizando pouco a pouco seus projetos, eles já estão transformando o mundo, o Brasil. O grande diferencial desses jovens é que eles enxergam sua evolução no contato com muitos grupos e no diálogo com temas e realidades diferentes e, recolhendo essas experiências, e referenciais, sua visão sobre o coletivo se diversifica, contribuindo para evoluir seu próprio pensamento e também suas ações. “Além da família, três gigantes campos de atuação se abrem para o jovem: **o amor, o trabalho e o convívio social mais amplo**. A educação e, em concreto, a PJ [Pastoral Juvenil] são desafiadas a ajudá-los a amadurecer nessas três realidades. Cada uma delas é um continente a ser explorado” (LIBÂNIO, 2004, p. 222). Eis a grande tarefa, a grande missão do assessor da Pastoral Juvenil. Mas gosto de lembrar Dom Bosco: “não falei que seria fácil, mas que valeria à pena”.

3. UM PARADOXO (PÓS) MODERNO

As manifestações da população mostram que “todos querem ser jovens”. A busca, muitas vezes desenfreada pela estética corporal, mostra esse ideal latente na sociedade. Há um paradoxo presente na (pós)modernidade: todos querem ser jovens, mas ao se propor esse

ideal de vida, ao mesmo tempo, a grande maioria de nossos jovens são impossibilitados de viver não só como jovem, mas a própria juventude. Aqui reside uma das crises da (pós)modernidade: “o conflito de gerações”. Há essa inquietação em todos os setores da sociedade. Em primeiro lugar temos que reconhecer que somos diferentes, evitar a uniformidade; essa crise está instaurada na família, nas escolas, nas empresas, na Igreja. Não podemos mais nos referir à um contexto homogêneo na sociedade e na Igreja. Isto já não existe. “As novas gerações estão sendo educadas num novo contexto, com novas expectativas de vida, numa dinâmica extraordinária de veloz e numa interconexão enorme. Esse contexto pós-moderno carrega em si dimensões e valores surpreendentes” (SANDRINI, 2009, p. 201). Cada vez mais exigirá força e capacidade de articulação de quem está à frente dessas instituições. Talvez essa seja a grande intuição do Setor Juventude¹⁸ proposto pela Igreja do Brasil. Unir as diversas manifestações juvenis de nossa Igreja, sem à tornar uniforme e homogênea, mas todas em vista de um ideal comum, o bem de nossos jovens e o Reino de Deus.

Aceitar esses desafios pode prevenir catástrofes. Há muito que fazer, especialmente em uma missão de grande importância: tratar das necessidades da juventude.

Conclusão

Adentrar esse caminho do contexto juvenil brasileiro

exige sensibilidade, atenção, cuidado, e amor ao belo. Exige, antes de mais nada, uma postura de educadores e educadoras que amem com tal zelo o que fazem que não se dêem conta que vão se consumindo como velas acesas. O cuidado pela feitura do outro e da outra pessoa em seu processo de descoberta, encanto e amadurecimento no mundo lança o jovem e a todos nós para fora de nós mesmos(as). Dedicar-se ao serviço da educação de adolescentes e jovens é acreditar em um “outro mundo possível”, porque o processo de acompanhamento e de reconhecimento do protagonismo do outro abre-nos mil possibilidades de ajudar a forjar pessoas felizes e comprometidas com um mundo recriado com base em valores cristãos. Diria, com mais acerto, humanitários. (DICK, 2003, p. 9).

¹⁸ O Documento 85 da CNBB e o Estudo 103, “Pastoral Juvenil no Brasil: identidade e horizontes”, aprofunda o conceito e implantação do Setor Juventude nas Dioceses do Brasil.

O Brasil tem a fama de ser bom em diálogos e trocas. O que o mundo mais precisa no momento. Em cada esquina nossa há uma explosão de cores, criatividade e festas coletivas. Esse é um cenário para imaginarmos um sonho em comum, um “sonho coletivo”, unindo a vocação do Brasil à energia realizadora de nossos jovens, muitos ainda silenciosos e isolados, mas que estão transformando diversos cantos de nosso País e de nossas cidades. É um desafio unir todas essas iniciativas na trama complexa da nossa sociedade. A Igreja, a sociedade, necessita dos jovens. Ninguém consegue conquistar tão bem os jovens como os próprios jovens. O desafio do acompanhante é tornar o acompanhado protagonista. Um jovem aceita mais facilmente que lhe digam alguma coisa, quando é outro jovem que lhe fala. Isso vale de modo especial para assuntos pessoais, quando se trata de amizades, relação com os pais, aventuras e segredos – também quando se trata de Deus. Isso supõe muita confiança, e confiança é a alternativa para o medo do futuro, o medo de falta de perspectivas e projetos de vida.

“A vida da juventude brasileira continua até hoje, inquieta e inquietante. A juventude ficará sendo, por muito tempo, um fenômeno emergente merecendo uma progressiva atenção por parte de muitas instituições [...]” (DICK, 2003, p. 296). Entre eles há muita gente boa, idealista, gente que quer trabalhar por um mundo melhor, mais humano. Quando jovens, aprendem mais facilmente a conviver, a comunicar-se sobre sua fé e a caminhar juntos pelo próximo. Um desafio! Cada um tem potencial de produzir revoluções. O jovem (pós)moderno tem muitos valores bons. Nosso papel é potencializar esses valores, unir forças que podem gerar mudanças.

REFERÊNCIAS

CNBB. **Evangelização da Juventude: desafios e perspectivas pastorais.** Brasília: Edições CNBB, 2007.

DICK, Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes: Jovens construindo juventude na História.** São Paulo: Edições Loyola, 2003.

LIBÂNIO, João Batista. **Para onde vai a juventude? Reflexões pastorais.** São Paulo: Paulus, 2011.

_____. **Juventude: seu tempo é agora.** São Paulo: Editora Ave-Maria, 2008.

____. **Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

SANDRINI, Marcos. **Religiosidade e Educação no contexto da pós-modernidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SPADARO, Antonio. **Ciberteologia: pensar o Cristianismo nos tempos da rede.** [Tradução: Cacilda Rainho Ferrante]. São Paulo: Paulinas, 2012.

YOUCAT. **Catecismo Jovem da Igreja Católica.** São Paulo: Paulus, 2013.

QUESTÕES

1. Na chamada (pós)modernidade “é preciso buscar um equilíbrio entre projeto individual e coletivo” e evitar dois extremos característicos de nossa época:

- a) A uniformidade e a ética relativista.
- b) O relativismo ético e o conservadorismo.
- c) A moral religiosa e a ética dos bons costumes.
- d) A moral e a ética.

2. Percebemos que uma das características hodiernas é o fato de jovens viverem o mesmo tempo cronológico em tempos históricos diferentes, tornando o trabalho do assessor uma aventura prazerosa. Essa característica é chamada de:

- a) (pós)modernidade.
- b) Historicismo.
- c) Contemporaneidade incoetemporânea.
- d) Condição Juvenil.

3. A _____ “é um espaço de experiência que cada vez mais está se tornando parte integrante, de maneira fluida, da vida diária: um “novo contexto existencial” [...] um ambiente cultural que determina um estilo de pensamento e cria novos territórios e novas formas de relacionamentos” (SPADARO, 2012, p. 17). A _____ traz a ideia de que pensar no outro, não exclui pensar em si mesmo.

- a) Hiperconexão / ambiência digital.
- b) Ambiência digital / conexão.
- c) Hiperconexão / Hiperconexão.
- d) Internet / Conexão.

2. Cultura midiática e juventude na internet

Moisés de Oliveira Nazário

*Pós-graduando em Comunicação em Redes Sociais
e em Ciências Políticas – FMU*

Conectar-se faz parte da natureza do ser humano. É algo que Deus colocou no coração de cada um de nós: o desejo de ir ao outro, de amar o próximo e de ser amado, de conhecer e de ser conhecido. "Quando sentimos a necessidade de nos aproximar das outras pessoas, quando queremos conhecê-las melhor e dar-nos a conhecer, estamos a responder à vocação de Deus - uma vocação que está gravada na nossa natureza de seres criados à imagem e semelhança de Deus, o Deus da comunicação e da comunhão", disse o Papa Bento XVI na Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações de 2009.

No coração do jovem, esse desejo parece arder ainda com mais força. Gregário, o jovem procura os seus iguais, aqueles com quem pode se identificar em razão de gostos, histórias de vida, opiniões; aberto, o

jovem está também disposto a encontrar aqueles que são diferentes e buscar pontos de comunhão.

Conectar significa "ligar com", é estabelecer um elo de reciprocidade. Nos tempos em que vivemos, fala-se, na verdade, em *conectar-se*: o laço de reciprocidade envolve não uma coisa, mas o próprio indivíduo. Nesse sentido, conectar-se quer dizer entrar, fazer parte, integrar-se à imensa rede que hoje cobre o globo, muda comportamentos, cria novos hábitos, encurta distâncias, dissemina informações, promove encontros: a internet.

Ter acesso à internet, estar conectado, é fator de inclusão para os jovens. No livro *Ciberteologia*, o padre italiano Antonio Spadaro, lembra que "quando se olha para a internet, vemos não só as perspectivas do futuro que ela oferece, mas também os desejos que o ser humano sempre teve e aos quais procura satisfazer, ou seja, relacionamentos, comunicação e conhecimento". Hoje tudo isso está na internet, e, por essa razão, o jovem quer estar também.

O JOVEM REALMENTE ESTÁ NA INTERNET?

A internet começou a surgir no final dos anos 1960. Foi criada pelas forças armadas dos Estados Unidos como uma rede de computadores, então chamada Arpanet, que interligava centros de pesquisa científica. A partir do começo dos anos 1990, a Arpanet passou a ser administrada por uma fundação civil e adquiriu o nome Internet. Em 1995, tornou-se uma rede privada independente e começou a se espalhar pelo mundo, chegando ao Brasil no mesmo ano.

Se nos primeiros tempos a internet era um privilégio para poucos, com acesso difícil e caro e pouco conteúdo, hoje a situação é muito diferente. Novas tecnologias permitem que ela seja cada vez mais rápida, a expansão da rede faz com que esteja disponível nos locais mais distantes e a dinâmica do mercado tornou-a cada vez mais barata.

A pesquisa mais recente do Comitê Gestor da Internet do Brasil mostra que mais da metade da população - ou seja, 86 milhões de brasileiros - usou a internet em 2013, seja em casa, no trabalho, no celular ou em uma lan

house. Desse total, 65% - cerca de 56 milhões de pessoas - têm menos de 35 anos, o que comprova que esse é um ambiente predominantemente jovem.

Há outros dados importantes: metade dos domicílios do país tem acesso à internet em casa. Ainda assim, 42% da população nunca entrou na rede, o que aponta para o alto potencial de crescimento que ainda existe.

Mas o dado mais surpreendente é o tempo que o internauta brasileiro passa conectado: são 29 horas semanais em média, o que só é inferior ao tempo dispendido por norte-americanos e chineses. Também vale destacar o número de pessoas que têm acesso à rede no celular: são 52,5 milhões de brasileiros.

O QUE OS JOVENS FAZEM NA INTERNET?

De maneira, geral, as pessoas fazem na internet o mesmo que fazem em qualquer outro lugar: leem notícias, assistem a vídeos, ouvem música, rezam, pagam contas, conversam com outras pessoas, jogam, fazem compras, estudam, pesquisam informações.

As pesquisas indicam que as redes sociais concentram a atenção do jovem brasileiro na internet. Em fevereiro de 2014, os brasileiros passaram cerca de 13 horas ao longo do mês usando redes sociais como Facebook. Isso é mais do que o dobro da média mundial, que é de 5,7 horas mensais. Além disso, em média, cada brasileiro tem perfil em sete redes sociais diferentes.

O Facebook é, desde 2013, a rede social que mais atrai e mais ocupa os jovens: 97% têm perfil ali. É no "Face" que as pessoas se informam, se divertem com piadas rápidas, histórias engraçadas e onde acompanham de perto o que fazem os seus amigos. Por ser bastante pública, vem perdendo parte do apelo junto aos adolescentes, que se ressentem da falta de privacidade, pois seus pais, irmãos mais velhos e outros parentes também participam da rede e acompanham seus passos.

O Twitter já teve muito mais força, mas ainda continua importante. Perdeu o caráter de rede onde as pessoas conversas e hoje é um local onde se busca notícias. Muito popular também é o Youtube, que permite assistir vídeos.

O Instagram criou novos hábitos. É uma rede dedicada a fotos e que só funciona no celular. Um uso muito comum é a publicação dos chamados "selfies", as fotos que a pessoa faz de si mesma, sozinha ou acompanhada. Os selfies (a palavra vem do inglês "self", "próprio") e as fotos de pratos de comida expressam a necessidade que os jovens têm de se fazer vistos.

Na mesma linha, os aplicativos de redes sociais de localização servem para dizer aos amigos onde se está (e exibir onde se vai), além de buscar e deixar dicas sobre lugares. O mais popular é o Foursquare (a mesma empresa lançou recentemente o Swarm, que tem caráter mais social). Na mesma linha, há o TripAdvisor, o Yelp e o próprio Facebook. Também faz grande sucesso o Waze, que permite às pessoas acompanhar o trânsito, vendo e dando dicas sobre melhores trajetos.

A onda do momento, no entanto, são os aplicativos de mensagens, como WhatAapp e Snapchat, que praticamente extinguiram o hábito de mandar as antigas mensagens de texto no celular, as SMS. Preferido pelos adolescentes, o Snapchat permite que sejam enviadas fotos que se apagam automaticamente em 30 segundos, o que gera a ilusão de segredo e de privacidade (é ilusório, pois as fotos podem ser copiadas antes de se apagarem).

Estes são apenas algumas das dezenas de redes sociais e dos milhões de aplicativos disponíveis. Os jovens os buscam para se fazerem ouvidos - seja publicamente (no Twitter e no Facebook), seja privadamente (no WhatsApp e no Snapchat), para se divertirem e se informarem, e também, em muitos casos, para buscarem a apreciação uns dos outros, para se exibirem, para seguir o comportamento dos demais.

CULTURA MIDIÁTICA E CIBERCULTURA

A revolução da internet tem impactos na própria comunicação. Novas formas de conversar, novas linguagens, e até novos problemas surgem. A quantidade de informações em circulação é imensa, isso é bom pela riqueza e diversidade, mas traz dificuldades: como proces-

sar todas essas informações? Como não se perder no furacão de bytes, como discernir o bom, o útil, o verdadeiro, em meio a tantos dados e tantas opções disponíveis?

A intensa competição pela atenção dos jovens tem modificado a linguagem: tudo está cada vez mais visual, com menos texto, com maior apelo à curiosidade, à memória afetiva, às sensações. A comunicação como um todo está mais fragmentada e mais veloz, e, conseqüentemente, com conteúdo menos profundo.

Os comportamentos também mudam: na internet, mas agora também fora dela, os jovens exigem cada vez mais liberdade. Exigem a liberdade de expressão, de manifestação, de produção e de reutilização de conteúdo. A nova cultura midiática contesta os direitos autorais, as cobranças por uso de determinadas ferramentas, as barreiras de acesso.

Outra mudança importante é o fato de que as pessoas nunca estão *offline*: podem acessar e ser acessadas a qualquer tempo. Se está no meio da rua e precisa decidir onde comer, pode procurar na internet o restaurante mais próximo, checar as dicas sobre ele. Se está fora do trabalho, pode receber uma tarefa do seu chefe e se ver obrigado a realizá-la. Se está em um encontro com amigos pode manter contato simultâneo com outros amigos ausentes. As barreiras entre real e virtual desapareceram, e cada indivíduo está e não está presente ao mesmo tempo. Isso muda as relações interpessoais, aproximando quem está distante - e, como uma possível consequência, distanciando quem está próximo.

Há ainda outros perigos. Da mesma forma como facilita muito as vidas das pessoas, ela também abre espaço para muitos erros. Algumas pessoas, por ingenuidade ou imaturidade, acabam se expondo demais, abrindo informações que podem ser usadas por bandidos, ou mesmo permitindo intimidades que podem ter graves implicações. Não são inco-muns os casos de pessoas que caem em armadilhas feitas por "amigos" que conheceram na internet e acabam roubados ou mesmo assassinados.

O *bullying digital* é outro problema grave: se antes crianças e adolescentes podiam se provocar mutuamente apenas no ambiente da rua e da escola, diante de grupos pequenos, hoje é possível humilhar alguém diante do mundo inteiro, com consequências psicológicas dramáticas.

Além de tudo isso, a internet permite acesso facilitado a coisas sombrias como pornografia e - naquilo que ficou conhecido como *Deep Web* ("rede profunda", o submundo do ciberespaço) - satanismo, violência, terrorismo, drogas, etc.

Por tudo isso o uso da internet exige maturidade, serenidade, discernimento, orientação.

EVANGELIZAR NA INTERNET

Não faz mais sentido pensar a internet como um meio, um instrumento. Ela é um lugar, um ambiente em que as pessoas fazem mais ou menos as mesmas coisas que fazem fora dela. Essa nova concepção, cara ao padre Antonio Spadaro, vai ao encontro daquilo que os papas têm dito sobre a rede mundial e fundamenta a importância de evangelizar também no universo digital. Se rezamos, se lemos a Bíblia, conversamos sobre doutrina e liturgia, fazemos encontros, etc, presencialmente, também podemos - e devemos! - fazer tudo isso no mundo digital.

Os papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco disseram mais de uma vez: evangelizar na internet não se restringe a tratar de temas religiosos: o testemunho pessoal, o compromisso com a verdade, com o amor, com a solidariedade, são essenciais.

As mensagens dos papas para o Dia Mundial das Comunicações Sociais têm mostrado o interesse, a esperança e a preocupação da Igreja com relação à internet. Na mensagem deste ano, o Papa Francisco chamou a rede mundial de "dom de Deus" por oferecer maiores possibilidades de encontro e de solidariedade entre todos.

"Para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura do uso do seu potencial para proclamar a mensagem evangélica. Este desafio está no centro do que significa, no início do milênio, seguir o mandato do Senhor, de 'fazer-se ao largo'", disse o Papa João Paulo II na mensagem de 2002.

"A nova arena digital, o chamado *cyberspace*, permite encontrar-se e

conhecer os valores e as tradições alheias. Contudo, tais encontros, para ser fecundos, requerem formas honestas e correctas de expressão juntamente com uma escuta atenciosa e respeitadora", disse o Papa Bento XVI na mensagem de 2009. Dirigindo-se aos sacerdotes na mensagem de 2010, ele os conclamou a evangelizar fazendo uso das ferramentas próprias da internet. "No impacto com o mundo digital (...) o presbítero deve fazer transparecer o seu coração de consagrado, para dar uma alma não só ao seu serviço pastoral, mas também ao fluxo comunicativo ininterrupto da 'rede'", afirmou.

Na mensagem de 2011, o Papa Bento XVI refletiu sobre o comportamento do cristão na internet. "Existe um estilo cristão de presença também no mundo digital: traduz-se numa forma de comunicação honesta e aberta, responsável e respeitadora do outro. Comunicar o Evangelho através dos novos *media* significa não só inserir conteúdos declaradamente religiosos nas plataformas dos diversos meios, mas também testemunhar com coerência, no próprio perfil digital e no modo de comunicar, escolhas, preferências, juízos que sejam profundamente coerentes com o Evangelho, mesmo quando não se fala explicitamente dele."

No livro *Ciberteologia*, Spadaro chama a atenção para um fato curioso. *Salvar, converter, compartilhar, justificar*: todas essas são palavras que provêm dos textos sagrados e com as quais convivemos agora também no mundo digital. Para o autor, há uma possível explicação para isso: há muitos pontos de encontro entre a internet e o pensamento religioso, de tal forma que até os estudiosos foram buscar na teologia as ferramentas – e terminologias – para compreender as novas tecnologias.

Não tenhais medo de vos fazerdes cidadãos do ambiente digital', exorta o Papa Francisco. "É importante a atenção e a presença da Igreja no mundo da comunicação, para dialogar com o homem de hoje e levá-lo ao encontro com Cristo: uma Igreja companheira de estrada sabe pôr-se a caminho com todos. Neste contexto, a revolução nos meios de comunicação e de informação são um grande e apaixonante desafio que requer energias frescas e uma imaginação nova para transmitir aos outros a beleza de Deus."

Para refletir:

- É possível ou desejável estar fora da internet hoje? Por quê?
- De que maneira os jovens podem usar a internet e as novas mídias para se fazerem presentes e atuantes no mundo?
- Como alertar os jovens sobre os riscos que a internet oferece?
- Que desafios a cultura midiática coloca à evangelização?
- Todas as práticas religiosas podem ser adaptadas à dinâmica das novas mídias ou há algumas que não se prestam a isso? Quais?

Saiba mais:

- SPADARO, Antonio. **Ciberteologia - Pensar o Cristianismo nos tempos da rede**. São Paulo: Paulinas: 2012.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003
- CENTRO de Comunicación Educativa Audiovisual. **Cultura Digital en América Latina**. Investigación interuniversitaria educación y evangelización", Bogotá: Panamericana, 2012.
- Dom Eduardo Pinheiro: **A juventude e a cultura midiática**. Disponível em: <http://www.jovensconectados.org.br/a-juventude-e-a-cultura-midiatica.html>. Acesso em 9 ago 2014.
- Documento de Aparecida
- Documento 85 - Evangelização da Juventude
- Documento 101 - A Comunicação na Vida e Missão da Igreja no Brasil

Mensagens para o Dia Mundial das Comunicações Sociais:

Papa João Paulo II

2002 - Internet: um novo foro para a proclamação do Evangelho. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20020122_world-communications-day_po.html. Acesso em 9 ago 2014

Papa Bento XVI

2009 - Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_

father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20090124_43rd-world-communications-day_po.html. Acesso em 9 ago 2014.

2010 - O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos media ao serviço da Palavra. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20100124_44th-world-communications-day_po.html . Acesso em 9 ago 2014.

2011 - Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day_po.html . Acesso em 9 ago 2014

2013 - Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização . Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day_po.html. Acesso em 9 ago 2014

Papa Francisco:

2014: Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html . Acesso em 9 ago 2014.

Pesquisas:

-Pesquisa Conecta sobre o jovem internauta brasileiro: <http://www.conecta-i.com/?q=pt-br/node/530>

-Pesquisa TIC Domicílios sobre a infraestrutura de internet nos domicílios: <http://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores>

-Pesquisa ComScore sobre Mídias Sociais na América latina: <http://www.comscore.com/por/Insights/Presentations-and-Whitepapers/2014/The-State-of-Social-Media-in-Latin-America-and-the-Metrics-that-Really-Matter>

3. O grupo de jovens como espaço de iniciação à vida cristã – Pós Crisma

*Ir. Teresa Cristina Domiciano, fma
Especialista e Pastoral Juvenil – UPS – Roma*

***“Eu não sou você, você não é eu, mas somos um grupo,
enquanto somos capazes de, diferenciadamente,
eu ser eu, vivendo com você e você ser você,
vivendo comigo.”***
(Madalena Freire)

Viver em grupo é uma característica típica da juventude, senão de toda a caminhada humana. Somos seres que no processo de busca de si e autoconhecimento reconhecem no grupo uma “novidade”, uma possibilidade de ser mais. Como processo vital o grupo exige por parte de quem o acompanha o cuidado e o respeito.

A CNBB no documento Evangelização da juventude n. 151, afirma que os grupos de jovens são um instrumento pedagógico de educação na fé, meio usado por Jesus com os seus doze apóstolos.

Por isso mesmo cabe a afirmação de que a pedagogia de Cristo é essencialmente comunitária, grupal; o evangelho é vivido em sua plenitude quando a pessoa se reconhece no grupo e, principalmente quando o jovem – opção preferencial de evangelização da Igreja – chega a um encontro pessoal com Cristo; também no grupo. consciente de que o mesmo é espaço privilegiado de vivência da proposta cristã.

Neste contexto passamos à consideração de dois elementos fundamentais para a compreensão da evangelização no grupo, a qual deve ser embasada em Jesus Cristo e em seu projeto de missão com os doze. Trata-se do “vão da comunhão” do “grupo juvenil e sua experiência eclesial”. Estes dois conceitos nos auxiliam na compreensão do “ser grupo” que no contexto juvenil cristão deve ser sinônimo de “sou de Cristo”, “sou apóstolo”, “faço parte da comunidade”, ou seja: estou consciente de pertencer a um grande grupo que partilha e comunga dos mesmos princípios, ideais e objetivos.

1. O “vão da comunhão”

Para Madalena Freire, a vida de grupo tem sentimentos diversos, sabores paradoxais, gera ansiedade e frustração, medo e desânimo, dá muito trabalho e também muito prazer:

Vida de grupo tem: alegria, riso aberto, contentamento, folia, concentração; medo, dor, choro, conflito, perdição, desequilíbrio, hipótese falsa, pânico; entendimento, diferenças, desentendimento, briga, busca, conforto; silêncios, fala escondida, berro, fala oca, fria, fala mansa; generosidade, escuta, olhar atento, pedido de colo; ódio, decepção, raiva, recusa, desilusão; amor, bem querer, gratidão, afago, gesto amigo de oferta.

Ser grupo é, no entanto, habitar um espaço que poderia ser caracterizado como um *vão*. Um vão entre um indivíduo e outro, possuindo cada qual a sua singularidade e, portanto, seu espaço. Este *vão* é um espaço comum, onde elementos se misturam e dialogam num processo de contínua troca.

O *vãõ da comunhão* não acontece por meio de ideias e conceitos acordados em uma assembleia, mas na partilha de vivências e conflitos, e na busca de caminhos comuns em que cada singularidade se dispõe a deixar um pouco de si para acolher a novidade do outro.

É habitando este *vãõ* da experiência grupal que o jovem dialoga com a realidade do outro, formando sua identidade e fortalecendo vínculos sociais. É no grupo que o jovem se identifica e dá vazão aos seus conflitos, permite-se experimentar, errar e converter-se. É no grupo que o jovem vislumbra seu potencial, sonha e dialoga com a sua própria realidade. O grupo não apenas amplia o repertório pessoal de referências do jovem, mas também, amplia sua forma de conceber o mundo por meio das relações estabelecidas. É no encontro com o mistério do outro, e na partilha de vida e vivências que o jovem conhece a si mesmo e elabora seu Projeto de Vida.

É fato que grupos que favoreçam tal experiência não nascem prontos. Fazem-se necessários mediadores que acompanhem o processo, tendo em vista um itinerário de amadurecimento da fé. O adulto de referência, mobiliza as vivências e articula as experiências em vista de um verdadeiro diálogo com a realidade singular dos jovens e do grupo.

É necessário, no entanto, zelar pela autonomia dos jovens e o desenvolvimento do grupo, de maneira a favorecer o seu protagonismo. Mediar o processo grupal em vista de seu objetivo é, com certeza, mais desafiador do que conduzi-lo, e isso acontece por meio de intervenções breves que não solucionam conflitos e nem apontam caminhos, mas, apresentam referências e convidam à reflexão.

2. Grupo juvenil e experiência eclesial

Como opção pedagógica da Igreja, a experiência grupal é, na dinâmica do Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo, um *Projeto de Vida*, porque reflete sobre a vida, resgata o que é essencial, faz escolhas e projeta o futuro.

Jesus, ao reunir os seus discípulos, formou comunidade com eles. Com a sua maneira de ser e de viver apontou caminhos (Jo 14, 6), re-

fletiu e ajudo-os a fazer escolhas (Mt 6, 24). Olhando para Jesus, nós, assessores, somos convidados a ajudar os adolescentes e principalmente os jovens que estão em nossas Comunidades Eclesiais, a fazerem esta experiência grupal onde se cresce como Igreja e Comunidade Cristã e se amadurece na fé.

É importante lembrar que os membros do grupo não crescem de forma homogênea e nem seguem as mesmas etapas do processo. Não podemos ignorar que existem queimas de etapas no processo de grupo e, sendo assim, é importante que o adulto que acompanha, tenha a visão global, saiba onde se quer chegar e chegar junto com os jovens, para que estes possam alcançar as metas do amadurecimento desejado, apresentando a proposta cristã de forma atraente, colocando no centro o jovem respeitando o tempo individual de crescimento no grupo.

Todo grupo eclesial é uma comunidade *crístocêntrica*. Fundamenta-se no evangelho e parte do evangelho. A escuta da Palavra, a vivência dos sacramentos, a celebração da vida e da fé, a vida de oração, a missionariedade, são elementos essenciais do grupo de fé. Faz-se necessário que o assessor tenha presente estes elementos para que possa ajudar os jovens a celebrar em espírito e verdade a fé assumida, redescobrimo assim o dom batismal.

Bibliografia

EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE: Desafios e perspectivas pastorais. Documento da CNBB, 2007.

FREIRE, Madalena. Educador. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p.95-96

FRUTOS, Eugenio Albuquerque. El acompañamiento espiritual en la pastoral juvenil. Madrid: Editorial CCS, 2009.



PARTE III

DIMENSÃO DA MÍSTICA

*Processo Teológico-espiritual.
“Qual é o sentido da minha vida?”*

1. Introdução à Teologia da Espiritualidade Cristã

*Nei de Sá
Mestre em Teologia Pastoral – PUC-SP*

O termo “espiritualidade” não figura nos escritos do Novo Testamento. Com efeito, existem numerosas expressões que descrevem realidades de fé, cujos germes estão bem presentes na Bíblia, não, porém, explicitamente. Por exemplo, o termo “Trindade” não aparece nunca no Novo Testamento. Todavia, a fé num Deus “Pai” por Jesus Cristo, a fé no próprio Jesus como Filho de Deus e no Espírito que ele envia aos seus discípulos depois da ressurreição, constitui a base do credo neotestamentário. O termo “Trindade” somente podia aparecer mais tarde, num outro contexto cultural, no qual se tratava de definir, com o necessário distanciamento intelectual, os fundamentos da fé, nos quais a Igreja já acreditava há muito tempo.

Do mesmo modo, malgrado a ausência do termo “espiritualidade”,

a realidade que ele encerra é uma dimensão importante do Evangelho, desde o início. Como primeira aproximação, podemos defini-la assim: *A nossa espiritualidade é nossa maneira de acolher, de assimilar e de atualizar o dom de Deus, sua graça, no desenrolar concreto da nossa existência.* Portanto, a espiritualidade cristã não é senão a vida “segundo o Espírito” de que fala o capítulo oitavo da Epístola aos Romanos.

A vida cristã é, antes de tudo, um dom, um dom gratuito. O Novo Testamento é categórico a este respeito: “Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos o seu Filho, como vítima de expiação pelos nossos pecados... Foi, com efeito, quando ainda éramos fracos que Cristo, no tempo marcado, morreu pelos ímpios... Deus demonstra seu amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós, quando ainda éramos pecadores” (1Jo 4,10; Rm 5,6-8). E ainda: “...Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, vivificou-nos juntamente com Cristo: pela graça fostes salvos!” (Ef 2,4s).

É impossível enfatizar demais esta verdade simples, mas essencial: o Cristianismo não é, em primeiro lugar, uma filosofia de vida ou uma moral. É a Boa Nova que, em Cristo Jesus, mediante o Espírito Santo, o Pai nos oferece em seu amor fraterno, fonte de uma nova vida. Transmitida com o Batismo e alimentada pelos sacramentos da Igreja, em particular pela Eucaristia, esta nova vida implica a pertença a uma comunidade de fiéis; é a passagem do isolamento à existência-conjunto, à comunhão.

Ao mesmo tempo, o dom gratuito de Deus não elimina a liberdade humana; pelo contrário, leva-a à sua plenitude. O amor não se impõe, pede – e também desperta – a resposta livre do outro. Solicitado por esse Amor eterno que permanece à porta e bate (cf. Ap 3,20), cada pessoa é convidada a abrir e a receber o hóspede. Cabe a ela fazer seu o dom de Deus e fazê-lo entrar na trama da própria existência. Em outras palavras, se o dom da salvação é o de uma vida nova, então, a única maneira de receber esta vida é vivê-la.

A fé pode ser considerada como atividade de Deus que desce livre e gratuitamente junto dos seres humanos para lhes oferecer uma plenitude de vida (Cf. Jo 10,10b). Analogamente, podemos ver as coisas do ponto de vista do homem que se abre ao dom de Deus, o qual lhe permite

transfigurar sua vida a partir de cima e em profundidade. Este segundo aspecto merece mais especificamente o nome de espiritualidade. Ora, é evidente que estas duas dimensões da fé não estão situadas no mesmo plano: a atividade de Deus engloba, desde o início, tudo o que o homem, em resposta, pode fazer. O relacionamento entre o Criador e sua criatura não é simétrico, pois que todos os passos da segunda encontram seu início no ato preliminar do primeiro. Portanto, falar de espiritualidade cristã no sentido verdadeiro do termo não significa exaltar uma espécie de autodeificação do homem, uma “salvação mediante as obras”: a mensagem bíblica, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, coloca sempre a iniciativa absoluta nas mãos de Deus.

Contudo, Deus criou o homem à sua imagem. O ser humano não é um autômato destinado a executar um plano pré-estabelecido; foi criado livre e dotado de relativa autonomia. Suas ações, conseqüentemente, possuem uma densidade ontológica, e isto vale também – sobretudo – para o que concerne à relação com Deus. Neste sentido, a dimensão da espiritualidade é essencial para o cristão convicto do primado de Deus em sua existência, não como tentativa de justificar-se ou de realizar-se independentemente dele, e sim como apropriação pessoal da graça divina. Operando com temor e tremor a própria salvação (Cf. Fl 2,12), o homem toma a sério a sua vocação e se torna realmente aquele que é aos olhos de Deus, seu Criador: um parceiro digno de Deus (Cf. Jo 15,14s.; 2Pd 1,4; 1Jo 3,1s.). Tomando emprestada a linguagem de alguns Padres da Igreja, retomada pela tradição oriental, o homem criado à imagem de Deus, deve adquirir sua *semelhança*, mediante a santidade da *própria* vida.

As duas dimensões da fé que aqui procuramos colocar em evidência são expressas de diferentes maneiras no Novo Testamento. Vejamos dois exemplos. No Evangelho segundo São Marcos, Jesus inaugura seu ministério com estas palavras: “Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho”. (Mc 1,15). Do mesmo modo, encontramos na Epístola aos Efésios um movimento idêntico, expresso com outras palavras: “Outrora éreis treva, mas agora sois luz no Senhor: andai como filhos da luz” (Ef 5,8).

A primeira imagem evoca a transformação realizada nos destinatários da Epístola, descrevendo-a como a passagem das trevas à luz. Esta

passagem ocorre “no Senhor”, é essencialmente obra dele. Por intermédio do dom de sua vida na cruz, sua ressurreição e o envio do Espírito Santo, por intermédio do nascimento da Igreja cristã com sua missão de anunciar o Evangelho até os confins da Terra, homens e mulheres do mundo pagão foram reconciliados com Deus (Cf. 2Cor 5,18s), passaram da hostilidade para a comunhão. O autor explica, a seguir, as consequências desta escolha: “... o fruto da luz consiste em toda bondade e justiça e verdade. Procurai discernir o que é agradável ao Senhor e não sejais participantes das obras infrutuosas das trevas” (Ef 5,9 ss.)

Em resumo: o comportamento dos cristãos deve andar “*pari passu*” com sua situação objetiva, fruto da redenção. Cabe-lhes tornar-se sempre mais aquilo que são, na profundidade do coração: neles, o “ser” e o “caminhar” devem tornar-se uma coisa só.

Arreponder-se e crer, andar correspondem à espiritualidade, que significa a apropriação pessoal do dom de Deus. A noção é idêntica à do caminho, da peregrinação cristã, é a maneira como traduzimos o Evangelho nas circunstâncias concretas de nossa existência. Neste sentido, a espiritualidade compreende a dimensão da morte, ainda que seja menos acentuado o lado autônomo e voluntarista do comportamento humano, e mais favorecido o da imitação de Deus, da docilidade ao Espírito.

Partindo da noção de espiritualidade aqui proposta, aparece evidente que, por sua própria natureza, a espiritualidade cristã é *histórica*. Ela é a Boa-Nova, a vida segundo o Espírito, atualizada, ou melhor, encarnada, num lugar e num tempo precisos. Em si mesmo, o dom Deus é único: no fim das contas, Deus possui somente uma coisa para partilhar conosco: sua vida divina. Contudo, o que é simples do ponto de vista divino torna-se extremamente complexo quando é rompido pela condição humana. A graça de Deus deve informar uma grande quantidade de situações humanas muito diferentes entre si, sem prejudicar as virtudes que elas escondem, e sim com a finalidade de levá-las a uma realização autêntica.

A espiritualidade apresenta-se como histórica de duas maneiras diferentes, que convém distinguir. Antes de tudo, porque ela é atividade de seres humanos, os quais são entidades históricas que vivem numa determinada conjuntura, são influenciados por um passado pessoal e coletivo, pelas exigências do momento presente e pelas expectativas do futuro. A

própria maneira de conceber a fé e o que ela comporta, está condicionada, sem ser determinada plenamente pela época na qual o indivíduo vive. Disso nascem as diferentes “escolas” de espiritualidade que caracterizam a história da Igreja cristã.

No entanto, esta maneira de entender a historicidade da espiritualidade, de per si válida, revela-se insuficiente. Com efeito, ela poderia ser aplicada a qualquer outra atividade humana. A espiritualidade cristã é histórica também em sentido mais profundo, quer dizer, ela pretende sê-lo. O Evangelho de Jesus Cristo não nos pede que fuçamos de um mundo mau para nos refugiarmos numa existência desencarnada, suspensa entre o Céu e a Terra. Se o chamado de Jesus nos faz sair do mundo, é para nos fazer reentrar nele, logo depois, como testemunhas do amor de Deus e para nos fazer traçar seu caminho que atravessa, de ponta a ponta, a História do nosso planeta. “Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do Maligno. Eles não são do mundo como eu não sou do mundo... Como tu me enviaste ao mundo, também eu vos enviei ao mundo” (Jo 17, 15s.18). Os cristãos não formam um grupo homogêneo rigorosamente separado do resto da humanidade. Eles estão em toda parte, como fermento na massa (cf. Mt 13,33), como a “alma do mundo” (*Carta a Diogneto*), para realizar a lenta transformação da sociedade humana e de seus valores. Duas citações do Concílio Vaticano II sintetizam esta visão da espiritualidade cristã. A primeira enfatiza a solidariedade dos discípulos de Cristo com o conjunto da família humana; a segunda, a maneira como a graça de Deus atinge a realidade do homem:

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo. Não se encontra nada verdadeiramente humano que não lhes ressoe no coração. (...) a sua comunidade (...) se sente verdadeiramente solidária com o gênero humano e com sua história (*Gaudium et Spes*, 1).

“... A Igreja ou o Povo de Deus (...) nada subtrai ao bem temporal de qualquer povo, até pelo contrário, fomenta e assume, enquanto bons, as capacidades, as riquezas e os costumes dos povos. Assumindo-os, purifica-os, reforça-os e eleva-os (...) (Ela) tende a recapitular toda a humanidade com todos os seus bens sob Cristo Cabeça, na unidade de seu Espírito”. (*Lumen Gentium* 13).

Deste modo, a espiritualidade cristã afasta-se nitidamente de qualquer espiritualidade de “fuga do mundo”. Em vez de colocar o mundo e suas necessidades, por assim, entre parênteses, ela nos torna mais atentos à situação da sociedade humana. Sem colocar de lado, porém, a contribuição dos séculos precedentes, ela nos faz viver plenamente no “hoje de Deus”, a fim de que a luz de Cristo possa iluminar o mundo contemporâneo no qual vivemos. Se, hoje, esta maneira de ver as coisas nos parece evidente, isto pode indicar, antes de tudo, como o povo cristão, em seu conjunto, tenha percorrido, em relativamente poucos anos, um longo caminho.

Bibliografia consultada:

BERNARD, Charles André. **Introdução à Teologia Espiritual** (2ª ed.). São Paulo: Loyola, 2005.

SECONDIN, Bruno & GOFFI, Tullo (Org.). **Curso de Espiritualidade: experiência-sistemática-projeções**. São Paulo: Paulinas, 1994.

2. Espiritualidade do Assessor

*Alexandre Raimundo, Érika Augusto e Osvaldo Meca
Anchietanum - SP*

***“Jesus não nos trata como escravos e sim como pessoas livres,
amigos, irmãos; e não só nos envia, mas nos acompanha,
está sempre ao nosso lado nesta missão de amor”***

(Papa Francisco)

Em outras oportunidades, vocês devem ter refletido sobre a pedagogia do acompanhamento, identidade do assessor¹⁹, papel que é chamado

¹⁹ Para Luis Manuel Guzmán, assessoria e acompanhamento são diferentes, ainda que complementares: assessoria está ligada aos aspectos exteriores na caminhada com os jovens, muitas vezes na vida do grupo, enquanto o acompanhamento está ligado aos aspectos de interiorização e espiritualidade, portanto, necessita de um

a cumprir, características práticas, como deveria realizar o acompanhamento etc. Mas o que seria pensar na espiritualidade do assessor e do assessor de jovens?

Entendemos que a espiritualidade é uma dimensão comum a todo ser humano e tem a ver com o cultivo do espírito, de uma relação com o transcendente, mas também consigo mesmo. Ela tem a ver, ou exprime, um modo de ser e estar no mundo, uma atitude diante da vida, das pessoas, das circunstâncias, de Deus. Por isso, faz sentido falar em espiritualidade do assessor para referir-se a algumas dimensões que devem ser cultivadas, a fim de que possam alimentar a sua vida e sua missão no acompanhamento de jovens.

O processo de educação na fé vivido pelos jovens implica partilha, confronto de ideias, testemunho e experiência, de modo que a experiência comunitária e o papel do assessor são essenciais. Aproximar-se, ouvir, acolher, cuidar, caminhar ao lado, confrontar, celebrar: todas essas dimensões são necessárias para o acompanhamento de jovens e estão ligadas à espiritualidade do acompanhante.

Santo Inácio de Loyola, o fundador da Companhia de Jesus – ordem dos padres e irmãos jesuítas – criou os Exercícios Espirituais, alertando-nos de que, “assim como exercitamos o corpo, é preciso também exercitar a alma”. Nos Exercícios Espirituais, uma dimensão fundamental do acompanhamento, que nos ajuda a pensar a espiritualidade do assessor, é o testemunho: o acompanhante é testemunha do diálogo entre o Criador e a criatura. Note-se que não estamos falando em mediação, mas em testemunho. Ele vê o que o Criador realiza na vida de sua criatura e, vendo, ajuda o próprio jovem a identificar esses frutos e a tirar melhor proveito deles. A dimensão do testemunho é, portanto, essencial.

Além disso, o acompanhamento é um compromisso da comunidade eclesial. Nesse sentido, a espiritualidade do assessor comporta essa dimensão eclesial fundamental e, como tal, dimensão apostólica. Ele é chamado a contribuir para que outros descubram e vivam

diálogo pessoal. Aqui não vamos tratar os dois termos como sinônimos, uma vez que a espiritualidade deve ser cultivada por pessoas nesses diferentes papéis. Por isso, utilizaremos ambos os termos: assessor e acompanhante (DICK; TEIXEIRA; LEVY, 2008, pág. 18).

sua vocação pessoal, vivam sua missão na Igreja e na sociedade. A sua atitude fundamental é a crença na vida humana como vida de possibilidades infinitas. Acreditar na vida juvenil e nas suas formas de organizar-se e de viver a experiência eclesial é também uma parte fundamental desse ministério.

A Igreja tem documentado a relevância do trabalho do acompanhamento aos jovens e às suas organizações, e, com isso, tem de reconhecer a importância da figura do acompanhante. O documento 85 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por exemplo, enfatiza que “não há processo de educação na fé sem acompanhamento, e não há acompanhamento, sem acompanhante” (CNBB, 2007, pág. 103).

A ação apostólica do assessor é aquela que se orienta mais pela escuta do que pela pregação. Sua experiência de fé também acontece na medida em que ele escuta o Senhor que se revela na vida do jovem. Esse encontro espiritual entre acompanhante e acompanhado não é marcado necessariamente por falar de Deus, com uma dimensão apenas catequética, mas pela escuta do que Deus revela na história pessoal de acompanhado e acompanhante.

Ao mesmo tempo, o acompanhante tem uma mística profundamente enraizada no Evangelho. Contemplar a vida de Cristo é o modo de se tornar íntimo d’Ele e conformar um modo de vida pessoal, efetivamente cristão. O acompanhante atualiza o Evangelho na vida dos jovens e do grupo, na medida em que pode oferecer a eles a contemplação da vida de Jesus. Oferecer aos jovens a contemplação da vida de Jesus é apresentar o Evangelho não de forma normativa ou moralista, mas como vida, como relação e como horizonte.

O modelo para o acompanhante de jovens só pode ser Jesus. Acompanhando a vida d’Ele, narrada nos Evangelhos, notamos sua experiência de ser acompanhado pelo Pai, que O envia. Por outro lado, Ele acompanha os discípulos em sua caminhada de conversão ao projeto do Pai. Por isso, para ser acompanhante, é preciso passar por alguns “lugares”, onde Jesus fez a experiência de acompanhar e de ser acompanhado. Os lugares bíblicos são, para nós, fonte de conhecimento íntimo de Jesus. É preciso contemplar, sentir e aprender com Ele tudo o que Ele nos ensina em cada um desses lugares.

O acompanhante assume como espiritualidade a mística de Emaús na medida em que também contribui para que o jovem perceba e tire proveito do que experimentou no “caminho”. É ele quem formula as perguntas fundamentais no acompanhamento para que os jovens olhem o caminho percorrido com olhar novo e enxerguem aí a presença do Ressuscitado, dando-se conta da ação do Espírito em si.

Como notamos na vivência de Jesus em Betânia, o acompanhamento implica a capacidade de estabelecer relações. Já em Samaria, aprendemos que o acompanhamento exige um respeito absoluto pela liberdade do outro, por sua história de vida, por suas crenças. Em Belém e Nazaré, aprendemos o mistério da pobreza escolhida como lugar do nascimento, do cotidiano, do aprendizado da vida, na família, na cultura, no trabalho, na religião. Aprendemos também o tempo da espera, dimensão tão bonita da espiritualidade do assessor. Espera do tempo da missão, espera da descoberta, espera da saída.

A passagem por Jerusalém, como lugar do poder, do confronto e das consequências, isto é, da cruz, alimenta no acompanhante a dimensão profética de sua espiritualidade. O profeta que, mergulhado na realidade, mas com o coração no projeto do Reino, tem elementos para fazer as denúncias e os anúncios, que orientam a vida presente e a ação de construir o futuro.

Passando por tantos lugares, só podemos concluir que a espiritualidade do assessor deve, ainda, cultivar a dimensão de mobilidade apostólica, isto é, uma constante abertura ao Espírito, que permite desenvolver o potencial de graça em sua vida pessoal, na vida do jovem e na vida da Igreja.

Referências bibliográficas

CNBB. Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais. Paulinas, São Paulo, 2007.

DICK, Hilário, sj; TEIXEIRA, Carmem Lucia; LEVY, Salvador Segura (Org.). Acompanhamento: mística do acólito da juventude. CCJ, São Paulo, 2008.

3. Espiritualidade

Orientações e pistas de ação

*Ir. Teresa Cristina Domiciano, fma
Especialista e Pastoral Juvenil – UPS – Roma*

DIMENSÃO DA MÍSTICA

*“A espiritualidade é a motivação central e a bússola para
orientar a vida de acordo com a vontade de Deus”*

EJ 119

Orientar os jovens para a busca do sentido da vida e ser feliz é a nossa missão enquanto educadores e evangelizadores de jovens. Acompanhá-los nesta descoberta é amá-los profundamente. Todos nós queremos ser felizes e a felicidade está dentro de cada um de nós. A espiritualidade nos indica o caminho a seguir para que, no cotidiano, nos encontremos com Deus. Neste sentido, falar de espiritualidade não é falar de técnicas

para atingir um bem-estar interior, nem de “um simples conjunto de práticas espirituais estabelecidas pelos homens” e sim, de um caminho espiritual que ajude o jovem a encontrar-se consigo, com os outros e com Deus, porque a espiritualidade abrange todos os relacionamentos. Orientar os jovens nesta perspectiva é lembrarmos que somos seres integrais e que a Pastoral Juvenil visa a trabalhar o ser humano integralmente, respeitando sua etapa de vida, seu processo de crescimento e de amadurecimento.

O documento “Evangelização da juventude”, traz alguns questionamentos, e sobre estes, queremos parar, refletir e deixar-nos interpelar na busca de algumas respostas que possam nos ajudar no ministério da assessoria.

“Como provocar no jovem o desejo do seguimento? Como motivá-lo a uma espiritualidade compreensível e acessível, cheia de sentido, gosto, orientação, segurança e alegria de viver? Como trabalhar a espiritualidade seguindo a opção pelos pobres e o compromisso com a construção de uma sociedade justa e solidária, a Civilização do Amor?” EJ 117

O desejo do seguimento nasce a partir do encontro com o próprio Cristo. Portanto, antes do desejo de seguir, vem o encontro. Como encontrar o Cristo ou deixar-se encontrar por Ele? Já fizemos esta experiência? Já O encontramos? Antes de propor aos jovens, precisamos interrogar a nós mesmos. As novas gerações, mergulhadas no barulho, no ritmo frenético da vida, nos “WhatsApp”, enfim, em tantos rumores, muitas vezes, não silenciam. Um passo importante neste sentido é a escuta de si mesmo e do mundo que o rodeia, porque o silêncio fala: silenciar para escutar Deus que fala nos desafios que a vida apresenta diariamente; para encontrar o seu lugar e sua missão no mundo, a sua vocação: silenciar para perceber-se nos próprios limites e acertos; e sobretudo para reconhecer-se amado e querido por Deus. No silêncio, o jovem recupera a capacidade de habitar a própria vida interior, estabelecer relações sólidas e profundas e a doar-se para os outros. Acreditamos que, orientar os jovens ao silêncio, à interioridade, seja um caminho de crescimento na espiritualidade, no encontro com o Senhor e da felicidade, pois

“Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria.” DA 29

Assim, nossa missão consiste em orientar os desejos dos jovens para encontrar-se com o Deus da vida e da esperança, no cotidiano, nas experiências da vida, no silêncio interior, na oração.

NA ESTRADA DO MUNDO – NA ESTRADA DE DEUS

Nos testemunhos bíblicos, notamos que aqueles que fizeram uma experiência concreta com Jesus, como Zaqueu, a Samaritana, Marta e Maria e tantos outros, passam a testemunhar a alegria deste encontro. Como assessores, fazemos esta proposta aos jovens: serem “testemunhas da alegria”. Uma vez que se encontra o Senhor é preciso anunciá-lo. O Papa Bento XVI por ocasião da XXVII Jornada Mundial da Juventude fez um convite aos jovens a serem “missionários da alegria”. Afirmo o Papa:

“Não se pode ser feliz se os outros não o são: a alegria, portanto, deve ser compartilhada. Vão e contem aos outros jovens a alegria de vocês por terem encontrado aquele tesouro precioso que é o próprio Jesus. Não podemos guardar para nós a alegria da fé: para que esta possa permanecer conosco, devemos transmiti-la.”

Os jovens gostam de dar testemunhos, de narrar suas experiências, de partilhar a vida. É preciso criar condições e espaços para que eles possam falar de Deus com os amigos, na família, nas escolas, nas universidades, enfim, no mundo em que vivem. Precisamos valorizar estas experiências e incentivá-los a falar naturalmente de Deus no mundo de hoje. Não são eles “os apóstolos dos próprios jovens?” Portanto, cabe a nós, assessores, provocá-los para que sejam verdadeiros discípulos-missionários. “entusiasmados pela nova evangelização”.

“O jovem, uma vez que descobre algo que o satisfaz, partilha-o, proclama aos quatro ventos. As redes sociais são hoje, uma manifestação disso: assim é que se anuncia a alegria do encontro pessoal com Cristo, gerador de vida nova”. Civilização do Amor – Projeto e Missão 833

Concluimos afirmando que fé e vida caminham juntas e de forma integrada.

DA “FELICIDADE SOLITÁRIA À FELICIDADE SOLIDÁRIA”

Nossa vida só tem sentido se for doada, partilhada com os demais. “O Senhor colocou-nos no mundo para os outros.” diz Dom Bosco. A Pastoral Juvenil precisa orientar os jovens a envolverem-se com projetos que geram significado para a própria vida, que despertem neles a responsabilidade e o compromisso consigo mesmos e com a sociedade. O voluntariado, as missões jovens e tantas outras experiências de gratuidade e solidariedade *“permitem atingir os jovens que se questionam sobre o sentido da vida, mesmo que nem sempre estejam próximos da comunidade eclesial.”* LOME 130

Nossa ajuda aos jovens, neste sentido, está na formação: ajudá-los a passar do Eu ao Tu e do Tu ao Nós, a passar do “Ter ao Ser”. Nossa missão consiste em acompanhar os jovens para que tenham uma consciência crítica da realidade, despertando-os a um engajamento social, sendo promotores de um mundo mais justo e fraterno, assim como Jesus queria. Em nossa pastoral, vamos fazendo o caminho com os jovens, a fim de que, comprometidos com a sociedade e com o bem-comum, inspirados nos valores evangélicos, contribuam na construção da Civilização do Amor: Civilização que é gerada a partir da ótica evangélica das Bem-aventuranças. A espiritualidade que queremos é uma espiritualidade encarnada na realidade.

Em síntese, falamos de uma espiritualidade que ajude o jovem a encontrar-se e a fazer da vida um encontro com os outros.

Bibliografia

- CELAM, Civilização do Amor. Projeto e Missão. Orientações para uma Pastoral Juvenil Latino-americana, Editora CNBB, Brasília, 2013.
- CELAM, Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, Paulinas, 2007.
- CNBB, Evangelização da Juventude, Documento 3. Editora CNBB, Brasília, 2007.
- Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, Para que tenham vida e vida em abundância. LOME - Linhas Orientadoras da Missão Educativa das FMA, Editora Elledici, Turim, 2005.
- Vaticano, “Alegrai-vos sempre no Senhor”, Mensagem do Papa BENTO XVI aos jovens para a XXVII Jornada Mundial da Juventude 2012. http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20120315_youth_po.html

4. Diálogo Fé e Razão

Orientações e pistas de ação

Pe. Antonio Ramos do Prado, sdb
Mestre em Pastoral Juvenil-UPS - Quito - EQ

DESAFIOS E PRINCÍPIOS ORIENTADORES

À medida que avança o processo de escolaridade, em especial na fase universitária, os jovens se fascinam pela racionalidade das ciências e tecnologias, pela eficiência e organização da sociedade produtiva e do mercado, pelo compromisso com a transformação social, de tal forma que sua fé pode entrar, em alguns casos, em conflito com a razão; mas pode, também, amadurecer com a contribuição dessa razão. A ação pastoral deve favorecer a base intelectual da sua fé para que saibam se mover de maneira crítica dentro do mundo intelectual, acompanhados de vida cristã autêntica para que possam atuar responsabilmente no mundo do qual fazem parte. É oportuno, portanto, que na Universidade possa se desenvolver um ambiente favorável para articular fé e razão. Essa sinergia

é importante até para superar o tempo em que “a fé, privada da razão, pôs em maior evidência o sentimento e a experiência, correndo o risco de deixar de ser uma proposta universal. É ilusório pensar que, tendo pela frente uma razão débil, a fé goze de maior incidência; pelo contrário, cai no grave perigo de ser reduzida a um mito ou superstição. Da mesma maneira, uma razão que não tenha pela frente uma fé adulta não é estimulada a fixar o olhar sobre a novidade e radicalidade do ser” (João Paulo II, *Fides et Ratio*, n. 48). A universidade torna-se, assim, um espaço de amadurecimento da fé e da razão.

1. Abertura de coração

Muitos universitários permanecem abertos à dimensão espiritual da vida, contribuindo para difundir seus valores no ambiente educacional, potencializados, porém, pelos valores da modernidade, que têm uma atração especial para os jovens universitários, como a democracia, o diálogo, a busca da felicidade, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a igualdade dos direitos e o respeito pelas diferenças. A ação evangelizadora neste meio precisa acolher tais valores. A Igreja continua profundamente convencida de que fé e razão se ajudam mutuamente, exercendo, uma em prol da outra, a função tanto de discernimento crítico e purificador, como de estímulo para progredir na investigação e no aprofundamento. Portanto, urge evangelizar estes futuros formadores de opinião pública, demonstrando que “a razão e a fé não podem ser separadas sem fazer com que o homem perca a possibilidade de conhecer de modo adequado a si mesmo, o mundo e Deus. Nesse sentido, a fé e a razão são os meios recomendados para fortalecer os valores do Reino.

2. Argumento convincente

Os argumentos intelectuais, para serem convincentes, devem ser acompanhados pelo testemunho de uma vida cristã autêntica. A imagem que a Igreja projeta na sociedade é muito importante para a evangelização de uma juventude cada vez mais escolarizada: uma Igreja compromete-

tida com os setores marginalizados da sociedade, que evangeliza a partir do testemunho e dinamismo de seus membros, de maneira especial de jovens que são apóstolos de outros jovens, uma Igreja alegre e acolhedora que ama e acredita nos jovens (Doc. 85 Evangelização da Juventude. Edições Paulinas, São Paulo. Números 16 e 100).

3. Desafios

A Igreja lamenta profundamente a instrumentalização das pesquisas científicas pelo poder econômico, principalmente quando visa à guerra ou à submissão de grandes parcelas da humanidade. Ela considera que o desenvolvimento da ciência e da tecnologia deve ter sempre como eixo fundamental o respeito à vida e à dignidade humana e visar ao bem de toda a humanidade. Para tanto é de fundamental importância ajudar os jovens universitários a entender as razões da Igreja ao defender o valor da vida diante dos abusos da ciência.

4. Proposta de ação pastoral em nossas comunidades

- Promover grupos, retiros, vivência dos sacramentos, cursos, espaços de reflexão e estudo para que os jovens possam ter uma adequada formação e experiência de Deus e, nas palavras de Pedro, aprender a dar razão da sua esperança (cf. 1Pd 3,15).

- Organizar uma eficiente pastoral nas universidades articulada por pessoas devidamente preparadas, liberando pessoas para tal fim e contando com assessoria de leigos ou religiosos ou padres.

- Produzir materiais e subsidies para favorecer o diálogo entre o universo religioso e o universitário.

- Fazer com que a universidade seja cada vez mais uma “universidade em pastoral”.

- Investir na formação de assessores qualificados para acompanhar a juventude no ambiente universitário, mantendo sempre o justo equilíbrio entre fé e razão.

- Organizar equipes ecumênicas, entre as instituições de ensino superior confessionais, para contribuir na preparação de assessores que trabalharão com os jovens nas ações pastorais.

- Provocar as faculdades de teologia das instituições de ensino superior confessionais a ler e interpretar a presença e plano de Deus no meio dos jovens (a juventude como lugar teológico), em torno de temas a eles relacionados, como, por exemplo: sexualidade, prazer, lazer, festas, consumo, escola, trabalho, desemprego, dinheiro e lucro, namoro e uniões conjugais, religiosidade sem Igreja, trazendo uma abordagem teológica voltada para o mundo juvenil e apresentando luzes aos desafios nascidos no novo contexto em que a juventude está inserida.

- Despertar o espírito missionário para que os jovens universitários sejam apóstolos dos outros jovens no meio universitário e participem de projetos na sociedade junto aos mais pobres e aprendam a colocar o saber intelectual a serviço da transformação social: pré-vestibulares alternativos e projetos sociais de renda, de saúde, de moradia, de alfabetização.



PARTE IV

DIMENSÃO DA CAPACITAÇÃO

*Processo-metodológico.
"Como organizar a ação"*

1. Como Assessorar?

Dicas práticas de acompanhamentos grupais

*Pe. Jorge Boran
Doutor em Liderança comunitária - Universidade Fordhan - EUA)*

1. O PAPEL DO ASSESSOR NA CAPACITAÇÃO PARA A AÇÃO

No documento de Aparecida, em 2007, os bispos da América Latina propõem uma inversão radical do sistema eclesial: passar de uma concentração da Igreja na **conservação da herança do passado para uma proposta na qual tudo na Igreja deva ser orientado para a missão**. No contexto da cultura contemporânea, a juventude se torna hoje um novo território de missão ad gentes e também **os jovens, que são motivados e preparados, são os grandes protagonistas, trazendo nova energia e idealismo à missão em comunidades e organizações** onde, às vezes, as lideranças são envelhecidas e cansadas.

O desafio é **capacitar os jovens para a missão** e compreender o papel do assessor adulto nesta tarefa. **Não basta permanecer no nível da teoria das ciências** teológicas, psicológicas, sociológicas e políticas. Basta de reuniões onde decretamos soluções para os desafios que estamos enfrentando e depois das reuniões nada ou quase nada acontece. “A fé sem ação,” diz São **Tiago**, “está morta”. Sem a ação não há coerência entre o discurso e a prática, a teoria e a práxis. Parecemos como a árvore bíblica que deve ser cortada porque não dá fruto. **Sem a ação não temos credibilidade** e espalhamos a doença contagiosa do desânimo que desmobiliza nossas bases.

Esta última dimensão da Formação Integral, “A capacitação para a Ação” nos desafia a sair de uma “pastoral de chá de cadeira” para a ação. Caso contrário permanecemos no estágio de um bebe recém nascido contemplando seu cordão umbilical.

A **metodologia nos ajuda a organizar a ação evangelizadora** para que seja mais eficaz. Embora existam carismas diferentes, todas as expressões que trabalham com a evangelização dos jovens (as **Pastorais da Juventude, Os movimentos, as Novas Comunidades e as Congregações religiosas**), enfrentam o mesmo desafio: como organizar a ação evangelizadora. Como superar os desafios mais comuns?

2. AS DIFICULDADES QUE O ASSESSOR ENFRENTA

Muitas vezes caímos na tentação da “**cultura da improvisação**” e esquecemos que nossa **falta de organização desmotiva** quem está começando e desarticula o trabalho pastoral. **As perguntas de fundo, nesta última dimensão da Formação Integral, são:** Qual é a minha relação com a ação? Como trabalhar? Como me organizar através de um consistente projeto pessoal de vida? Como administrar meu tempo de pastoral, de estudo, de vida social, de família, de trabalho para seja eficaz e não “entrar em parafuso” frente a tantas exigências no meu tempo? Há **técnicas e hábitos que preciso aprender** e adquirir para que minha ação seja eficaz e para que tenha uma vida equilibrada e realizada. Como organizar as estruturas de coordenação que facilitam o **acompanhamento sistemático**, a comunicação, o aprofundamento e a continuidade? Como **coordenar uma reunião de grupo** ou

equipe de coordenação e assegurar conclusões concretas? Como montar um curso, um retiro? Como **preparar uma celebração** Eucarística ou uma Celebração da Palavra que que seja conectada com a realidade, motiva e leva os jovens a um encontro pessoal com Jesus Cristo? Como **avaliar** e acompanhar sistematicamente, no dia-a-dia, os processos grupais de educação na fé? Como **planejar** e avaliar a ação evangelizadora? Como utilizar o método principal da Igreja da América Latina - o **método** Ver-Julgar-Agir-Rever-Celebrar. Estas habilidades são necessárias para acompanhar as estruturas de apoio do processo de evangelização dos jovens. **Sem estas habilidades, os projetos pastorais não caminham.** A falta de capacitação para desempenhar nossas atividades nos leva ao desânimo, **à frustração e à superficialidade.**

Há o **desafio de usar também as novas mídias** para fortalecer nossa comunicação e fortalecer a ação. Hoje a **internet** se torna um aliado importante. Os jovens vivem conectados entre si pela internet. Nos grupos de debate na internet discutem as questões pessoais e sociais e passam textos e vídeos que tem o efeito de criar consciência. As novas mídias envolvem: e-mail, Facebook, MSN, WhatsApp, Skype, Youtube, Site, Blog, Google, telefone celular.

Em muitos lugares há **necessidade de Voltar às Bases** e superar uma pastoral de "fazer de conta". Precisamos priorizar a **formação e o acompanhamento de grupos** de jovens como células vivas do processo de evangelização.

Há necessidade também de planejar a ação pastoral. Através do planejamento, aplicamos os **métodos científicos de planejamento à ação pastoral para canalizar nossas forças** de forma sistemática e multiplicadora. Quando não planejamos, **improvisamos.** Planejar é **deixar de improvisar. É prever. É projetar** o futuro. É pensar antes qual o melhor caminho para chegar ao objetivo. Há dois motivos para planejar. O primeiro é a escassez de nossos recursos. O segundo motivo é a necessidade de acompanhar nossos grupos com o mínimo de profissionalismo e eficácia e, também, o compromisso que assumimos a partir de nossa fé de combater as injustiças gritantes que nos cercam. Há necessidade de **realizarmos ações EFICAZES, transformadoras.**

O documento de Puebla nos recomenda. "A ação pastoral planejada é a resposta específica, consciente e intencional às exigências de evangelização. Deverá realizar-se num processo de participação em todos os níveis da comunidade e pessoas interessadas, educando-as numa **metodologia de**

análise da realidade, para depois refletir sobre essa realidade do ponto de vista do Evangelho e optar pelos objetivos e meios mais aptos e fazer deles um uso mais racional na ação evangelizadora" (DP 1307).

3. O PAPEL DO ASSESSOR NA CAPACITAÇÃO

O Assessor adulto é como se fosse um técnico de equipe de futebol. **Não entra em campo para jogar, mas sem ele não se ganha um campeonato.** Quando perde um campeonato a primeira cabeça para rolar, às vezes, é o técnico, como foi o caso da última Copa Mundial quando o Brasil perdeu. O assessor deve ter mais experiência e mais conhecimento (nem sempre tem, porque também precisa se capacitar). Pesquisas científicas apontam que o adulto exerce papel fundamental na formação dos jovens. Ele também vai se capacitando junto com os jovens.

Há a necessidade de manter equilíbrio entre a importância do assessor adulto e o protagonismo dos jovens. O papel do assessor é de **acompanhar e Promover o jovem como protagonista do seu próprio processo de educação na fé. Significa, também, fazer crítica construtiva para que o jovem possa aprender com seus erros.**

Se o Assessor quer formar jovens que são líderes, que tenham responsabilidade e iniciativa **não há outro caminho a não ser dar responsabilidade para eles e abrir espaços de onde podem exercer liderança** e aprender com os acertos e os erros e as avaliações constantes. Caso contrário infantilizamos os jovens e perdemos os melhores elementos para ajudar a Igreja a dialogar com o mundo moderno. Não deve haver luta de poder. São funções que se complementam. É como uma mãe madura prepara os filhos para a vida, para voar, não para ficar eternamente agarrados a sua saia.

4. ORGANIZAR EVENTOS OU PROCESSOS?

Os Assessores e coordenadores que capacitam lideranças jovens devem evitar a armadilha de **reduzir a ação evangelizadora a uma pas-**

toral de eventos sem continuidade. Os eventos são importantes desde sejam dentro de um plano de acompanhamento sistemático de grupos de base e de pessoas. **Se ficarmos somente no nível de organização de eventos, não há continuidade e não há profundidade.**

“As estruturas de coordenação facilitam a organização de uma rede de grupos através da qual é possível deslançar processos e não mais atividades isoladas. Agora é possível para o assessor e o coordenador jovem acompanhar processos grupais de educação na fé. Os processos **são sustentados por diferentes instrumentos pedagógicos: comissões de coordenação em diferentes níveis, acompanhamento sistemático de pessoas, grupos e coordenações, processo de planejamento participativo e avaliações periódicas.** As promoções (cursos, retiros, celebrações, palestras, ações, atividades de lazer) são agora integradas e fortalecem um processo de crescimento” (Doc. 85, 150). **A verdadeira conversão e espiritualidade amadurecem no processo de interação com os outros jovens.**

5. PISTAS CONCRETAS PARA CAPACITAR PARA A AÇÃO

A capacitação para a ação é tarefa da assessoria e da coordenação jovem. Este processo tem seu início **desde o ingresso no grupo e vai se fazendo gradativamente, na prática, pela participação no grupo, em equipes de coordenação, em atividades formativas** complementares e em ações na comunidade e na sociedade. Hoje, há uma dificuldade. Em muitos lugares nos quais a **geração jovem anterior não conseguiu passar estas habilidades de liderança para a geração atual.** Há frequentemente boa vontade, mas dificuldade de perceber os passos concretos para acompanhar sistematicamente os processos grupais de pessoas e de estruturas de coordenação. Outra dificuldade é a **rotatividade** em muitos grupos de jovens que prejudica a formação de líderes comprometidos e com metodologia e visão aonde se quer chegar.

Frequentemente o assessor precisa tomar a iniciativa de provocar processos de treinamento de habilidades de liderança. Sem estas habilidades, os projetos pastorais não caminham.

6. NECESSIDADE DE CURSOS INTENSIVOS DE FORMAÇÃO DE LÍDERES

Portanto, há necessidade de **complementar** esta formação na prática do dia a dia **com cursos intensivos de capacitação de líderes**. O desafio é como se fazer? Quero evitar o perigo de escrever em termos muito genéricos sobre algo que é muito prático e sem dar exemplos concretos.

Conclusão

Há alguns anos conversei com um assessor sobre a importância de habilidades de liderança para levar adiante qualquer projeto. Ele me chamou a atenção. “As habilidades de liderança são importantes. No entanto, precisam ser complementadas com uma forte convicção da mensagem a ser transmitida.. “Você precisa acreditar, ser entusiasmado e ser apaixonado pela mensagem a ser transmitido.” Esta convicção mais profunda é nossa fé em Jesus Cristo e seu projeto do Reino. O contato pessoal com Jesus Cristo que é alimentado pela Palavra de Deus e as celebrações é a garantia da perseverança frente às muitas pedras no caminho. Aqui os três projetos devem ser integrados: o projeto pessoal, o projeto grupal e o projeto de Jesus. O assessor, como educador na fé, exerce influencia crucial aqui.

PERGUNTAS

1. Quais as maiores dificuldades que você está encontrando para capacitar jovens para a ação?
2. Quais são as ideias, neste texto, que são importantes para seu trabalho de capacitação de líderes?
3. A partir das ideias no texto, da sua experiência e trabalhando com a equipe de coordenação jovem quais são as quatro pistas que você quer priorizar para melhorar o trabalho de capacitação de jovens para a ação?

2. O papel do assessor diante do pluralismo eclesial juvenil atual

*Pe. Antonio Ramos do Prado, sdb
Mestre em Pastoral Juvenil-UPS - Quito - EQ*

Antes de pensar o papel do assessor vamos aprofundar o assessor-pastor. Como primeiro passo deste caminho de formação pastoral devemos recuperar a clara consciência da nossa vocação–missão de assessores-pastores dos jovens, para renovar o nosso entusiasmo e a nossa confiança.

O assessor-pastor é chamado a viver diante do pluralismo eclesial, o projeto de Jesus Cristo no meio dos jovens para que eles saibam que são amados. Essa ação define o perfil do assessor-pastor que sabe onde quer chegar com seus educandos.

Eis alguns de seus elementos fundamentais:

- O centro e a síntese da vocação do assessor-pastor é a caridade pas-

toral, isto é, uma comunhão especial de amor com Cristo, Bom Pastor, que o assessor descobre vivo nos jovens de qualquer expressão juvenil, sobretudo nos mais fracos, e que o impelem a dar a vida pela sua formação integral. Esta caridade pastoral torna-se nele caridade educativa (à medida dos jovens) e se exprime num amor concreto e personalizado, que os envolve e busca a sua promoção integral, levando-os ao encontro com o Cristo. Esta caridade é animada pelo dinamismo juvenil, expresso através da experiência espiritual, pedagógica e pastoral que Jesus Cristo nos ensina. Um amor que se torna empatia e vontade de contato com os jovens. Uma escuta que vira acompanhamento e se torna uma presença ativa e amigável.

A. Algumas características do assessor no pluralismo eclesial juvenil

- O assessor-pastor é *membro responsável de uma comunidade eclesial*, que é o verdadeiro sujeito da missão. Sente-se amado e se faz amar no seio da comunidade eclesial em vista do bem dos jovens.
- O assessor-pastor é também *testemunha da radicalidade evangélica*. Se preocupa com a salvação dos jovens e à sua santidade. Inserindo no horizonte formativo o testemunho radical dos bens do Reino.

- *Viver hoje esse perfil exige:*

1. Uma densa espiritualidade.

É preciso aprender a viver a espiritualidade como motivação e estímulo para a ação pastoral e esta ação como estímulo e inspiração da espiritualidade; superando assim tanto o ativismo que torna superficiais e dispersos e impede apreciar uma vida espiritual séria e profunda e cuidar dela, quanto um espiritualismo separado da vida e dos empenhos da missão, usado como refúgio ou como fuga. Isso obriga a garantir:

- uma sólida relação pessoal com Jesus Cristo, vivido no quotidiano;
- a atitude e a prática do discernimento pastoral, que desenvolva uma visão de fé sobre a vida, sobre as pessoas e sobre os acontecimentos;
- um projeto pessoal de vida

2. Uma sólida estrutura pessoal, humana e cristã.

É necessário cuidar com atenção especial da própria formação humana e cristã, de modo a ser um assessor–testemunha significativo e crível para os jovens de hoje. Ocorre dar atenção, sobretudo:

- ao desenvolvimento de um esquema mental sólido e bem estruturado, que permita ter uma serena confiança em si mesmo, superar uma excessiva dependência do ambiente e, ao mesmo tempo, estar disponível e aberto ao diálogo e ao confronto com os outros;
- à capacidade de aprender continuamente da vida e dos jovens (formação permanente), evitando refugiar-se num ritmo de vida muito agitado, e superficial;
- a um contínuo processo de personalização de valores, critérios, normas vividos ou experimentados.

3. Uma experiência comunitária bem integrada, que favoreça:

- a comunicação e a partilha da vida e da ação;
- o crescimento no sentido de pertença à comunidade;
- a colaboração e o trabalho em equipe.

4. Uma experiência comunitária bem integrada, que favoreça:

Viver a identidade de assessor-pastor exige a posse e o desenvolvimento de atitudes (valores) e competências (capacidades práticas), que permitam viver a unidade da própria vocação com eficácia e, ao mesmo tempo, com significatividade.

B. Capacidade de estar presente entre os jovens, sobretudo os mais fracos

Ser educador pastor quer dizer ter um coração para os jovens, especialmente para aqueles que são mais fracos e estão em situação de risco perdendo a fé e a vida.

Cultivar o dom da predileção pelos jovens exige:

- abertura aos jovens: disponibilidade para sair do próprio mundo e ir na direção deles;

- capacidade de encontro, com uma atitude de acolhida e de interesse cordial, sempre aberto aos elementos positivos presentes em suas vidas;
- capacidade de compartilhar a vida com eles, de colaborar em seus projetos e iniciativas, de interessar-se pela pessoa deles com o diálogo e a familiaridade;
- capacidade de lhes oferecer um testemunho significativo de vida e uma proposta educativa com um acompanhamento próximo e respeitoso.

Através da formação pastoral o educador pastor deverá:

→ *Garantir um profundo conhecimento da sociedade moderna e do mundo juvenil:*

- desenvolvendo a capacidade cultural de ler e de interpretar os fenômenos e as condutas; por isso, é importante favorecer na vida ordinária, momentos de leitura, de conexão com as novas tecnologias, de reflexão compartilhada, de confronto com a própria experiência e com a pluralidade juvenil no espaço eclesial;
- com ótica de fé, para discernir os caminhos de Deus e a ação do Espírito; para isso, ocorre promover nas comunidades a metodologia do discernimento pastoral, isto é, a capacidade de ler a partir da Palavra de Deus situações e problemáticas da vida quotidiana dos jovens;
- e com sensibilidade pastoral.

O assessor será assim ajudado a superar alguns perigos dos tempos modernos, como o de refugiar nas relações estruturais perdendo espaço de partilha e acompanhamento dos jovens, se tiver uma espiritualidade focada no Bom Pastor.

→ *Dar atenção privilegiada e decidida aos jovens em dificuldade:*

- garantindo uma relação significativa entre o assessor e os jovens, como recurso prioritário de prevenção e de recuperação; uma relação que parte da acolhida incondicional, que permite compartilhar com o jovem a sua experiência vital e, ao mesmo tempo, acompanhá-lo na descoberta de uma nova forma de relação com a realidade quotidiana, através da vida de grupo, da própria responsabilidade, do trabalho em comum;

- promovendo a cultura do acompanhamento, que favorece a construção de uma consciência preventiva nos assessores e os orienta não só para assistir e proteger, mas sobretudo para habilitar os jovens a reconhecerem e assumirem, com esperança o próprio projeto de vida;
- dando atenção a um percurso formativo específico: não basta, sobretudo neste campo, a boa vontade e o conhecimento empírico, adquirido somente por osmose com os ambientes eclesiais, mas é preciso um esforço contínuo de partilha de vida com os jovens, de reflexão e de confronto entre os assessores para renovar critérios, compartilhar projetos e motivações vocacionais.

Bibliografia

DOMENECH, Antônio. Juventudes. Roma – Itália.

Documento 85 – Evangelização da Juventude – Paulus – SP - 2017.

3. Pedagogia de Formação **Orientações e pistas de ação**

Pe. Sebastião Correia Neto
Especialista em Aconselhamento Pastoral e em Direção Espiritual
Inst. São Tomás de Aquino – BH

PEDAGOGIA DE FORMAÇÃO NA **EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE**

Apresenta-se aqui algumas provocações e pilares para a pedagogia formativa na evangelização da juventude hoje. Vale está atento aos desafios atuais, que mexem na maneira de agir e trazem novas formas de comunicação e educação. Além disso, levar em conta a história de evangelização da juventude daquela realidade onde se encontra a juventude. É preciso fazer memória da evangelização em cada diocese, mapear as experiências formativas, identificar cenários, vertentes, atores e forças.

1. DESAFIOS ATUAIS

Hoje se fala muito em “mudança de época”. E tal mudança exige mudanças de atitudes e comportamentos pedagógicos. Passou-se da vivência de tempos e espaços reais para tempos e espaços virtuais. A era da produção deu lugar à era do consumo, sem, no entanto, distribuir os bens da humanidade e construir a utopia da justiça social. E a mídia educadora é o meio mais eficiente de formar bons consumidores²⁰.

As imagens se tornaram, em certo sentido, mercadorias. Por isso, para construir o eu pessoal, transparece a necessidade de sua aquisição. Isso se torna um elemento importante na auto-apresentação nos mercados de trabalho, e por extensão, passa a ser parte integrante da busca de identidade individual, auto-realização e significado de vida. Em resumo, a imagem passa a ser a prova da realidade²¹.

Além disso, a modernidade iluminista-positivista deu tônica à lógica da organização e do controle. Esta envolve programação, controle, avaliação. Provoca um processo, um passo a passo para chegar depois. É pela disciplina e rigidez que se consegue transformar as realidades e superar as lacunas. Porém, se percebe hoje o despontar da lógica do espontâneo e instantâneo. Ela apresenta a vida como um “agora ou nunca”, para depois não serve. Tal conflito entre estas lógicas estão presentes nas instituições e trazem desafios para a evangelização e formação, de maneira especial para a evangelização da juventude.

2. DESAFIOS PASTORAIS

Provocar interesse da parte do jovem, partindo de suas vidas, suas necessidades e interesses. Ou seja, dar prioridade à realidade de vida dos jovens. Evitar tentação de formação massiva.

Não se pode cair na tentação de reduzir a evangelização da juventude unicamente a eventos massivos. Quando estes eventos não estão ligados a um acompanhamento sistemático de educação na fé, os efeitos duram pouco²².

²⁰ Cf. BALBINOT e BENICÁ, p. 9-16.

²¹ CORRÊA NETO, p. 21.

²² CNBB, Doc 85, n. 154.

É preciso integrar evento e cotidianidade. Deve ficar claro a idéia de “processo” na pedagogia formativa. Implica a necessidade de seguir etapas e respeitar a gradualidade, a não linearidade dos passos²³. E acompanhar de forma próxima grupos e projetos de vida pessoal dos jovens, de maneira especial dos líderes.

Evitar a pedagogia do ninho, onde frente às dificuldades dos tempos atuais, o jovem encontra clima de proteção e aconchego²⁴. O desafio é integrar a necessidade de acolhida e cuidado, mas sem cair no “paternalismo” que impede ao jovem construir sua autonomia e protagonismo.

Por fim, ter clareza pedagógica. Isso implica fazer opções pedagógicas. O Papa Francisco tem indicado com atitudes e propostas tal clareza. Em sua pedagogia transparece passos que partem da escuta e proximidade, depois o encantamento pelo projeto de Jesus Cristo e a formação na missão.

3. PONTOS DE PARTIDA

Levar em conta a psicologia juvenil. A característica própria desta fase é a confusão de identidade, ou confusão de papel. Baseia-se na dúvida em relação à identidade sexual ou na incapacidade de fixar-se em uma identidade ocupacional. No meio dessa confusão para manter o senso de integridade, o adolescente pode super identificar-se temporariamente com os heróis dos grupos ou das multidões ou apegar-se de forma forte ao espírito do clã, isto é, ao grupo de amigos. Identificado com um grupo, ele pode cultivar intollerância com os que estão de fora como defesa contra a confusão do sentimento de identidade²⁵. Para a pedagogia formativa não é possível ignorar tal realidade. Por isso, a pedagogia da vida grupal é um caminho necessário.

Levar em conta a realidade de pluralidade. Apesar da globalização

²³ Cf. BALBINOT e BENICÁ, p. 103-104.

²⁴ Cf. LIBÂNIO, p. 211-213.

²⁵ Sobre a fase adolescente, conferir bibliografia de Erik Erikson. Quando ele escreve suas observações, já se fazia notar as grandes transformações da sociedade que mudariam a forma de percepção da adolescência. Em sua época já dizia que a adolescência “passou a ser quase um modo de vida entre a infância e a idade adulta”. Hoje, no entanto, vê-se que o “quase” pode ser retirado e pode-se afirmar que adolescência se constitui um modo de vida.

neo-liberal²⁶ e dos modernos meios de comunicação social infundirem a imagem de um mundo conectado e em rede, percebe-se na prática um mundo fragmentado, com tensões e cisões. Na sociedade de modo geral, percebe-se grupos minoritários, antes marginalizados, lutarem para manter e fazer valer suas identidades. Na Igreja tal pluralidade se reflete de maneira forte. Vertentes e cenários múltiplos se apresentam em conflito e desafiam a organização e unidade da evangelização. Tal realidade traz para o interior da Igreja largas possibilidades de expressões. Pode-se ter, por exemplo, desde um jovem engajado em uma atividade social de fronteira até aquela jovem que participa de missa usando um véu. O que revela um desafio complexo para o acompanhamento pessoal e espiritual das juventudes cristãs católicas. No processo pedagógico de formação deve-se considerar que cada expressão tem sua pedagogia e, é preciso conhecer, potencializar e partir do que cada uma produz de processo formativo.

4. PILARES

Um primeiro pilar é pedagogia de Jesus. O texto de Lc 24,13-35 (Discípulos de Emaús) mostra que a primeira atitude de Jesus é aproximar, caminhar o caminho dos discípulos, interessar-se pelos problemas dos dois. O início de toda formação cristã é o discipulado a partir da pedagogia do Mestre. Ele une seus discípulos estreitamente a si, os orienta na assimilação do paradigma do Reinado de Deus, através da vida cotidiana, da dinâmica do aprender fazendo, de modo integral, e, por fim, pela ação do Espírito Santo.

Durante a JMJ Rio 2013 na homilia da missa com os bispos, sacerdotes, religiosos e seminaristas, o Papa Francisco instiga os ali presentes a “educar os jovens na missão para serem rueiros da Fé”.

Assim fez Jesus com os seus discípulos: não os manteve grudados a si, como uma galinha com os seus pintinhos; Ele os enviou! Não podemos ficar enclausurados na paróquia, nas nossas comunidades, em nossa instituição paroquial ou em nossa instituição diocesana, quando tantas pessoas estão esperando o Evangelho. Sair, enviados. Não é um simples abrir a porta para que venham, para acolher, mas sair pela porta para procurar e encontrar. Animemos os

²⁶ Cf. CORRÊA NETO, p. 20.

²⁷ Cf. CELAM, p. 281-285.

jovens para que saiam. É possível que façam bobagens. Não tenhamos medo! Os apóstolos as fizeram antes de nós. Animemo-los para sair!²⁸

Observa-se aqui que a formação não é para a missão, mas na missão. É no fato de abrir o coração dos jovens para o encontro com outras realidades que acontece a educação e transformação na fé. Não é trazer os jovens para dentro de nossas estruturas e formar-lhes um ninho de segurança, mas envolvê-los no dinamismo missionário, no risco de aventurar-se pelas estradas empoeiradas da vida. E quantos jovens estão longe das estruturas eclesiais por tantas circunstâncias: trabalho, estudo, engajamento e opção de vida! Eles precisam sentir que lá onde estão são enviados, precisam sentir-se acompanhados e ligados a essa grande rede da Boa Nova.

É na missão que irão desenvolver a cultura do encontro. Descobrir o "outro" como "outro" e oferecer-lhe o dom da alegria de ser seguidor de Cristo. Tal processo faz personalizar o batismo. Ou seja, descobrir o que se realiza nele: a vida-morte-resurreição de Jesus. É verdade que nunca estarão prontos. É na avaliação e aprofundamento do caminho missionário que se vai crescendo no compromisso com o Senhor.

Em dois números que tratam especificamente da juventude na EG, Francisco chama atenção, de forma densa, para realidades importantes da evangelização da juventude. Os impactos das mudanças sociais causaram mudanças nas formas de evangelização, como se viu no início. Nas estruturas ordinárias os jovens não encontram respostas. Mas por outro lado há uma proliferação e surgimento de novas propostas por parte dos jovens, fora das estruturas. Grupos de jovens nascem espontaneamente aqui e ali. Por isso, é necessário um olhar para fora dos muros das estruturas para perceber os ventos do Espírito. Tem-se aí o desafio de estabilizar e integrar a participação desses grupos e movimentos mais espontâneos na pastoral de conjunto. A pluralidade de expressões surgidas nesse contexto desafia a criação de espaço de comunhão e consciência eclesial. E assim, é preciso desenhar, mais que estruturas de controle, espaços de cuidado e acolhida. A proximidade e o cuidado no acompanhamento possibilitam além do trabalho em comunhão, o aprender com as novas formas de organização²⁹.

As juventudes provocam um repensar as estruturas e a acomodação eclesial. Exigem um novo estilo de formação baseado na interação. Ou seja, uma pe-

²⁸ FRANCISCO, Santa missa com os Bispos da JMJ Rio 2013, sacerdotes, religiosos e seminaristas. p. 73.

²⁹ Cf. EG n. 105-106.

dagogia onde a pessoa aprende junto e não é apenas informada, “um processo metodológico capaz de envolver as pessoas no saber, no fazer e no ser cristãos”³⁰.

Ter os jovens como protagonistas. Os jovens são os verdadeiros responsáveis pela sua formação e de outros jovens. O protagonismo juvenil é um princípio pedagógico com o intuito de oferecer espaço de formação para a responsabilidade, para descobrir e redescobrir a presença e atuação de Deus na própria vida. E aprende-se a ser responsável assumindo responsabilidades.

Se queremos formar jovens com iniciativa e responsabilidade, que sejam líderes, temos que lhes dá responsabilidades. Não há nada que desenvolva melhor a personalidade do que o exercício da responsabilidade.³¹

Por fim, discernir os caminhos do Espírito. Mais que uma série de tarefas que se tem como obrigação realizar, a formação das novas gerações, é um deixar-se guiar pelos caminhos do Espírito. “O Espírito Santo bem sabe o que faz falta em cada época e em cada momento”³². Mais que isso, inclui acompanhar os jovens do discernimento das trilhas que o Espírito os leva. E sabe-se bem que o Espírito Santo leva sempre à saída de si e viver a vida de Cristo, que foi vida no Espírito.

5. FINALIZANDO

Os desafios do contexto atual e da própria maneira de ser da etapa de vida juvenil colocam para os discípulos missionários empenhados no acompanhamento vários desafios. Necessário se faz um novo ardor missionário que permita novos dinamismos semeados pelo Espírito.

A missão junto às juventudes, mais que um trabalho de conquista de jovens para a Igreja, deve oferecer ao jovem a graça de ser encontrado, isto é, ir ao encontro dos jovens e deixar-se interpelar-se por eles, percebendo as “sementes ocultas do Verbo” na cultura juvenil; oferecer ao jovem a graça de ser compreendido no seu ser e nos aspectos positivos do tempo atual. E, a partir da proximidade, provocar discernimento à luz do Evangelho. Entrar na realidade vivida, para daí apresentar a convocação

³⁰ Cf. CNBB, Doc 100, n. 290 e 302-305.

³¹ BORAN, p. 301. Cf. DICK, p. 25-26.

³² EG, n. 280.

E mais que tudo, oferecer um lar: comunidades vivas que alimentem propostas claras, firmes e sólidas, comunidades que ofereçam sonhos, desejos e utopias. Oferecer um “ser”: uma identidade, ser cristão. Isso significa ser ligado a uma história, a uma comunidade de pertença.

Tem-se para isso, os novos ventos do Espírito presentes nos caminhos abertos pelos jovens para além dos muros das estruturas e os discernimentos e inspirações oferecidas pelo Papa Francisco. Mais que lamentar as dificuldades à vista, arriscar sair junto aos jovens para a missão.

Bibliografia

BALBINOT e BENICÁ. **Metodologia Pastoral: mística do discípulo missionário**. São Paulo: Paulinas, 110 p.

BORAN, Jorge. **O futuro tem nome: juventude: sugestões práticas para trabalhar com jovens**. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2001. 346p.

———. **Os desafios pastorais de uma nova era: estratégias para fortalecer uma fé comprometida**. São Paulo: Paulinas, 2000. 106p.

CELAM. **Civilização do amor: projeto e missão. Orientações para uma pastoral Latino-americana**. Brasília: Edições CNBB, 2013. 362 p.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2007. 164p. (Documento da CNBB 85).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia: A conversão pastoral da paróquia**. São Paulo: Paulinas, 2014. 166p. (Documento da CNBB 100).

CORRÊA NETO, Sebastião. **Juventudes e vocações hoje: caminhos e perspectivas para uma pastoral vocacional**. São Paulo: Paulus, 2013. 71p.

DICK, Hilário. **Mínimo do mínimo para anunciar a Boa Nova à Juventude**. Curitiba: Champagnat, 2013. 57 p.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976. 322 p.

ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1971. 404 p.

FRANCISCO. **As palavras do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2013. 155 p.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual**. Brasília: CNBB, 2013. 167 p.

LECCARDI, Carmen. **Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo**. In Tempo social, vol. 17, n. 2. São Paulo: USP, nov.

Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ts/v17n2/a03v17n2.pdf>>

LIBÂNIO, J. B. **Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais**. São Paulo: Loyola, 2004. 242p.

4. Estruturas de Acompanhamento. Orientações e pistas de ação.

*Pe. Antonio Ramos do Prado, sdb
Mestre em Pastoral Juvenil - UPS - Quito - EQ*

INTRODUÇÃO

A Pastoral Juvenil na igreja do Brasil vem organizando estruturas de acompanhamentos que possa favorecer a articulação dos jovens para que possam viver mais intensamente o Itinerário de Educação na Fé. Dessa forma, queremos apresentar alguns fundamentos para que os assessores possam acompanhar com mais facilidade os grupos juvenis e as expressões juvenis nas dioceses e paróquias.

1. EVANGELIZAÇÃO

A evangelização da juventude passa pelo fortalecimento das estruturas organizativas que acompanham os processos de educação na fé.

Essa organização da evangelização da juventude apresenta dois desafios:

1. Fortalecer as estruturas organizativas que acompanham os processos de educação na fé dos jovens.
2. Organizar uma articulação mais ampla – Setor Juventude Diocesano – que envolva todas as expressões que trabalham com jovens.

2. O DESAFIO DE FORTALECER AS ESTRUTURAS ORGANIZATIVAS

- Desafios e princípios orientativos:

Não há dúvida de que existe uma crise nas estruturas organizativas dos grupos de jovens de paróquias, comunidades que se articulam em níveis diocesanos, regionais e nacional. Estas estruturas são importantes para acompanhar os processos grupais de educação na fé dos jovens. A crise é provocada por diferentes fatores: uma nova cultura mais individualista, a ausência de assessores adultos, de pessoas libertas e pouca disponibilidade de investimento, falta de infra-estrutura para o trabalho.

A organização é um instrumento importante para a evangelização da juventude como para os movimentos eclesiais. Ela garante a eficácia dos projetos de formação. Sem a organização e a articulação entre si, numa rede de grupos, o assessor se vê obrigado a acompanhar os jovens individualmente. Muitas vezes o assessor adulto ou o jovem coordenador é obrigado a criar tudo sozinho, sem contar com o apoio de outros e experiência acumulada. Sem a organização, os grupos se fecham numa visão limitada e superficial. Não se despertam lideranças, e experiências valiosas nascem e morrem. Não se acumulam e não se sistematizam experiências.

Como parte fundamental de sua missão, a pastoral organiza-se a partir da base, gerando um processo dinâmico de comunhão e participação e criando estruturas de coordenação, animação e acompanhamento que permitem o intercâmbio entre as experiências que se realizam nos diferentes níveis da Igreja: grupos, paróquias, áreas pastorais, dioceses, país, região e continente " (Celam. *Civilização do Amor*; tarefa e esperança; orientações para a pastoral da juventude latino-americana. São Paulo, Paulinas, 1997. p. 248.), para, assim, realizar, organicamente, sua missão evangelizadora, como pediam os bispos em Puebla.

Há um aumento de motivação por parte dos jovens ao perceberem que fazem parte de um projeto mais amplo, em que as estruturas participativas promovem o seu protagonismo, aumentam a motivação e o compromisso. Participando na organização, o jovem sente sujeito do processo da sua própria educação na fé. O jovem, então, se envolve para evangelizar outros jovens, pelo seu testemunho de vida e pelo anúncio explícito do Senhor Jesus.

Participando das estruturas de organização, o jovem desenvolve importantes habilidades de liderança, capacidade de escutar os outros, de superar a timidez e falar em público, de organizar e comunicar suas idéias de maneira sistematizada, de conduzir uma reunião, de analisar criticamente a sociedade ao seu redor, de motivar e acompanhar processos individuais e grupais, de planejar e avaliar a ação pastoral. "A organização favorece a formação na ação dos jovens, gera espaços de diálogo e de decisão para a condução co-responsável de toda a ação pastoral e educa sua inserção na sociedade para fomentar, a partir daí, as urgentes mudanças de estruturas que se fazem necessárias". (Celam. *Civilização do Amor*; tarefa e esperança; orientações para a pastoral da juventude latino-americana. São Paulo, Paulinas, 1997. p. 248.),

A participação nas estruturas de coordenação é uma maneira eficaz de viver a espiritualidade do Evangelho. Face ao individualismo da cultura contemporânea, o jovem aprende a vivenciar o mandamento novo trabalhando em equipe com os outros. Aprende a humildade e a capacidade de dialogar. No meio dos conflitos vê-se obrigado a aceitar as críticas, a escutar as opiniões, a entender a perspectiva dos outros, ser podado para crescer mais. Aprende que não pode impor seus conceitos, que é preciso

abrir os horizontes para escutar outros fatos e outras evidências. A participação nas estruturas da organização é uma maneira de mudar mentalidades e comportamentos. O ambiente cultural que educa o jovem para o individualismo é combatido na prática cotidiana dos grupos e equipes de coordenação. As estruturas organizativas precisam ser avaliadas e atualizadas em vista da missão e do serviço.

3. ORGANIZAR UMA ARTICULAÇÃO MAIS AMPLA:

- Desafios e princípios orientadores

Há uma multiplicidade de experiências na evangelização da juventude no Brasil, cada uma com sua organização e espaços de formação e atuação. Há necessidade de uma instância mais ampla – Setor Juventude Diocesano – para unir e articular forças num trabalho de conjunto, á luz das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil. Todas nascem da necessidade de organizar, planejar e avaliar a ação evangelizadora, tanto na comunidade como nos diferentes meios em que os jovens vivem. Têm sua própria mística, metodologia, identidade e organização: As pastorais da juventude que acompanham os processos de evangelização da juventude a partir dos grupos. O movimentos eclesiais e novas comunidades com seus carismas específicos. As congregações religiosas que trabalham com a juventude, segundo os respectivos carismas. Outras organizações eclesiais que também trabalham com jovens, como catequese crismal, Pastoral Vocacional, Pastoral da Educação, ao lado de outras.

“A Igreja é uma pluralidade de situações, de vocações de serviços, que não se opõe à unidade mais profundas em Cristo. Em sua diversidade, e não apesar dela, é que os homens são um em Cristo e no Povo de Deus”. (NBB. Unidade e pluralismo na Igreja. 2. ed. São Paulo, Paulinas, 1972. n. 18. 101). A proposta é fortalecer e ampliar a ação evangelizadora da Igreja e não perder riquezas conquistadas que já provaram seu valor pedagógico e teológico no campo da evangelização da juventude.

O pluralismo de carismas e metodologias, vivido na unidade, fortalece a ação evangelizadora.

O trabalho em conjunto deve respeitar os carismas, ao mesmo tempo, estabelecer algumas linhas pastorais comuns. Tanto as pastorais como os movimentos, novas comunidades e congregações religiosas precisam se conhecer mutuamente e, juntos, encontrar seu lugar na pastoral de conjunto da Igreja local, sempre em comunhão com as orientações específicas do bispo diocesano.

Não se esta propondo uma nova superorganização que promova muitos eventos e atividades, mas a unidade de todas as forças ao redor de algumas metas e prioridades comuns. Os eventos de massa são um exemplo de projetos que podem ser assumidos em comum.

Não existe um modelo pronto de organização do Setor Diocesano de Juventude, o que existe hoje são orientações e várias experienciais positivas. A sua organização dependerá da realidade de cada Igreja particular, sob a animação dos conselhos diocesano e paroquiais de pastoral.

4. ALGUMAS PISTAS DE AÇÃO E PERGUNTAS

1. Organizar o Setor Juventude Diocesano em cada Igreja particular, de forma criativa e participativa, para fortalecer e dinamizar a evangelização da juventude a partir de todas as forças presentes.

Pergunta: Como esta o Setor Juventude em sua Diocese?

2. Organizar cursos e oficinas de capacitação técnica para assessores e jovens que tenham responsabilidade pela condução das estruturas organizativas de acompanhamento dos jovens.

Pergunta: Você conhece algum curso de capacitação para liderança juvenil e assessores na sua diocese? Qual?

3. Garantir que os projetos assumidos em comum não sobrecarreguem as lideranças nem enfraqueçam as diferentes organizações.

Pergunta: Existe um projeto de unidade leve para as diversas expressões?

4. Investir maiores recursos humanos e financeiros nas dioceses e paró-

quias para implementar as estruturas de formação e acompanhamento da evangelização dos jovens.

Pergunta: Há um projeto de formação e acompanhamento de jovens em sua diocese?

5. Investir na comunicação através da internet como meio eficaz e barato de passar informações e conteúdos e de fortalecer as estruturas de acompanhamento.

Pergunta: Existe algum projeto de comunicação juvenil através das novas tecnologias para fortalecer a formação e acompanhamento de jovens em sua diocese?

Referências

Documento 85 – Evangelização da Juventude. Quinta Linha de Ação. Pag. 95 – Edições Cnbb 2010.

Caderno de Estudo 103 – Identidade e Horizontes da Pastoral Juvenil no Brasil. Edições CNBB, 2012.

CNBB. UNIDADE E PLURALISMO NA IGREJA. 2 ED. São Paulo. Paulinas, 1972. N. 18 e 101.

CELAM. Civilização do Amor; tarefa e esperança: orientações para a pastoral juvenil latino americana. São Paulo, Paulinas, 1997. P. 248.

5. Ministério da Assessoria Orientação e Pistas de Ação

Dom Vilson Basso
Especialista em Planejamento Pastoral pela Universidade Javeriana –
Bogotá – Colômbia

1. ASSESSORIA E HUMILDADE

Os discípulos estavam caminhando e discutindo quem entre eles era mais importante, quem iria ocupar os melhores lugares no Reino. Jesus, voltando-se para eles, disse: **“Quem quiser ser o maior seja aquele que serve”** (Lucas 22,24-27). Em outra parte do Evangelho Jesus dirá: **“Aprende de mim que sou manso e humilde de coração”** (Mateus 11,29).

João Batista é exemplo de despojamento e de humildade e vai dizer: “Depois de mim vem Aquele que é mais forte do que eu. Eu não sou digno de, abaixando-me, desatar a correia de suas sandálias” (Marcos 1,7). Dispor-se a servir à causa da juventude, das juventudes, é estar aberto e

predisposto a aprender todos os dias, a reconhecer que não se tem todas as respostas; que muitas vezes terá que calar-se, somente escutar, sem saber o que dizer ou responder.

Eu chamo a isso de humildade, a atitude de quem, apesar de tudo que já leu, estudou, de possíveis graduações e títulos, de tudo que aprendeu na sua prática e com sua experiência pastoral e profissional, reconhece que pouco sabe e que é necessário estar querendo aprender mais.

A pessoa que se dispõe a trabalhar com adolescentes e jovens necessita desta qualidade, característica, virtude: a humildade.

Porque quero estar com, caminhar, acompanhar o mundo juvenil, preciso estar aberto a esta verdade: não sei tudo, não entendo tudo, tenho que aprender vivendo junto com eles e elas.

Jesus vai dizer: **“Eu e Pai somos um”** (João 10,30); Ele diz também: **“Quem me vê, vê o Pai”**(João 14,9), mas, Jesus reconhece que não sabe tudo: **“Quanto àquele dia e hora, porém, ninguém sabe, nem os anjos no céu, nem o Filho, somente o Pai”**(Mateus 24,36).

Nós também não sabemos tudo. Vivemos novos tempos, uma nova época! Sem dúvida esta mudança de época nos traz muitos desafios, inseguranças, incertezas. Por outro lado, este é um tempo de muitas e belas possibilidades e oportunidades de aprendermos, de novas perguntas, de descobrirmos outros caminhos para cuidar das juventudes, de abrirmos a mente e o coração para conhecer mais e servir melhor.

Com humildade, teremos esta visão positiva destes novos tempos. Assessoria e humildade são duas palavras que combinam e se completam.

2. ASSESSORIA E FORMAÇÃO PESSOAL

Jesus convida pessoas a segui-lo mais de perto: **“Vinde após mim e farei de vós pescadores de homens”**(Mateus 4,19). Mais tarde, quando a jornada e a proposta ficam mais duras e exigentes, alguns começam a abandoná-Lo e Ele vai perguntar: **“Vocês também querem ir embora?”**(João 6,67).

Assessoria é vocação, é ministério, é chamado de Jesus Cristo para pastorear a grei jovem, o rebanho juvenil.

Olhando o amor de papa Francisco pela juventude durante a Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro, é assim que nos devemos sentir: pastores e pastoras do mundo juvenil, porque, penso que as palavras de Jesus repercutem, falam alto ainda hoje: **“Tenho compaixão deste povo (juventudes), porque estão como ovelhas sem pastor.”**(Marcos 6, 34).

E, movidos por esta compaixão, nos jogamos na missão e retornamos contando as maravilhas que o Senhor realizou. Assim fizeram os discípulos, contaram a Jesus tudo que acontecera. E Jesus vai dizer: **“Vinde a sós para um lugar tranquilo”**(Marcos 6, 30-32). Precisamos refletir, conversar, partilhar acertos e erros na nossa missão; vamos estudar, conhecer mais, nos formar.

A formação pessoal do assessor na pastoral juvenil é importante para garantir a continuidade, a força, a decisão e a coragem, para não desanimar diante dos desafios e decepções que surgem: **“Vocês também querem ir embora?”**.

O Reino é como semente plantada (Mateus 13, 1-9). **“Senhor, por que nos falas em parábolas?”** Assessor de juventude é terreno bom onde Deus coloca a semente. É preciso querer aprender sempre, como os discípulos.

Vamos aprender com Ele, como Ele fez, o que Ele disse. Diante da mãe que perdera seu único filho Ele disse: **“Não chores!”** Aproximando-se, tocou o caixão, e os que o carregavam pararam. Ele ordenou: **“Jovem, eu te digo, levanta-te”**(Lucas 7, 13-14).

Aprender com Jesus a aproximar-se com respeito deste solo sagrado que é o coração da juventude, consolar, tocar, estender a mão, sofrer com, e alegrar-se com a vida nova que surge.

Se estivermos decididos a nos formar e aprender, então vamos poder viver melhor nosso chamado, nossa vocação de pastorear as juventudes.

3. ASSESSORIA E ATUAÇÃO EM GRUPO

Disse Jesus: **“Onde dois ou três estiverem reunidos eu estarei no meio deles”** (Mateus 18,20). Disse Jetro a Moisés: **“O que você está fazendo com o povo? Acabarás esgotado, tu e este povo que está contigo. É uma tarefa acima de tuas forças. Não poderás executá-la sozinho”**(Êxodo 18, 14.18).

A missão de pastorear o mundo juvenil fica mais clara e bonita quando a realizamos em grupo, formando um grupo de assessores. Jesus chamou a vários e constituiu um grupo mais próximo a Ele que refletia, atuava, aprendia. O grupo dos discípulos se interessava, queria aprender, perguntava: **“Explica-nos a parábola do joio”** (Mateus 13,36). Jesus partilhava e refletia com eles os gestos e atitudes que vivenciava: **“Eu vos dei o exemplo para que façais o mesmo”** (João 13,15);

Nas paróquias, Foranias, Áreas Pastorais, Dioceses, Regionais, nas PJs, Congregações, Movimentos e Novas Comunidades é fundamental refletir sobre a importância do grupo de assessores e acompanhantes de adolescentes e jovens, aprofundando a reflexão, o conhecimento, as estratégias e dinâmicas, evitando personalismos ou desvios. Pensar, refletir, estudar, se formar e trabalhar juntos na causa juvenil é melhor e faz bem a todos e todas.

Sem um plano organizado de formação de assessores nas paróquias, Foranias, Áreas Pastorais, Dioceses, Regionais, nas PJs, Congregações, Movimentos e Novas Comunidades o trabalho não avança, os processos pessoais e grupais de formação e crescimento não acontecem, o trabalho como um todo não caminha como deveria caminhar.

A nível nacional, a Comissão Episcopal para a Juventude da CNBB tem procurado responder a esta necessidade com o Curso à Distância organizado em parceria com a TV Século 21 e seminários presenciais nas grandes regiões do Brasil: 350 acompanhantes de adolescentes e jovens que se inscreveram. O curso está ali e quem desejar pode se inscrever e ir fazendo os módulos.

Agora temos este curso para assessores que você está acessando, participando, a nível nacional, que acontecerá todos os anos, e com uma procura grande. Ele é uma resposta a uma das grandes necessidades apontadas no Primeiro Encontro de Revitalização da Pastoral Juvenil organizado pela Comissão Episcopal para a Juventude da CNBB, em dezembro de 2013 com 400 representantes de todo o Brasil.

Há várias experiências de formação de assessores desenvolvidas pelos Centros e Institutos de Juventude, ligados à Rede Brasileira de Centros e Institutos, inclusive com Pós-Graduação em Juventude. A próxima pós-graduação em juventude será na FAJE- Faculdade Jesuíta de Belo Hori-

zonte, começando em julho de 2015. Acesse o site, procure informações, pois há muita coisa bonita acontecendo.

Nos regionais aponto a experiência do CIFA - Curso Intensivo de Formação de Assessores, que a Pastoral da Juventude do Maranhão realiza desde 1993, com 3 etapas presenciais e 4 etapas à distância, que tem ajudado muito na formação e capacitação de assessores de jovens no Regional Nordeste 5. A última turma que se formou em setembro de 2014, teve 75 participantes das 12 dioceses do Maranhão.

Esta experiência do Maranhão repercutiu e repercute positivamente nas dioceses: por exemplo, a diocese de Caxias do Maranhão tem a EFO-CAP – Escola de Formação de Coordenadores e Assessores Paroquiais - que no ano de 2013 concluiu um curso em três etapas, de cinco dias cada, com 85 participantes das 23 paróquias da diocese, sendo 25 assessores e 60 coordenadores. Essa Escola de Formação Diocesana acontece ao mesmo tempo, em duas salas diferentes, em duas turmas diferentes e com programação própria.

Vale a pena apostar na formação e assessores e coordenadores, os frutos são visíveis e imediatos também. Mais informações desta experiência procure em www.pj.org.br/assembleia-diocesana-da-pj-de-caxias-ma.

O que posso, podemos, fazer para estimular este exercício coletivo da assessoria? Com quem falar e articular para multiplicar o número de assessores e acompanhantes de jovens? Como nos organizar para garantir uma articulação destas pessoas? O que fazer para garantir espaços de formação integral para estes pastores da causa juvenil?

4. ASSESSORIA E GRUPO DE BASE

Jesus disse: **“Quem não tiver pecado atire a primeira pedra”** (João 8,7). Muitas vezes, fala-se bonito sobre juventude, repete frases de efeito que leu ou escutou. E a prática, o dia a dia, o caminhar junto? Você tem um grupo de jovens ou adolescentes que você acompanha regularmente, ou é como beija-flor que bica um pouquinho de néctar aqui, depois ali, e não se fixa em nenhuma “flor”, em nenhum grupo. Fala bonito, mas... Quem não tiver pecado atire a primeira pedra!

Considero importante que o nosso aprendizado, nosso conhecimento e experiência passe pela experiência prática do dia a dia de um grupo, ou o dia a dia de acompanhamento pessoal de um ou outro jovem. Fazer estes processos, vivenciar estes passos, acompanhar realidades concretas faz bem e ensina bastante.

Eu acredito que acompanhar e vivenciar “processos grupais” faz a diferença, pois provoca, exige do assessor a capacitação técnica: ser consciente dos talentos e potencialidades que tenho, descobrir os vazios e fragilidades que me acompanham e poder, num exercício de humildade, aprender ou reconhecer minha incapacidade e pedir ajuda ou partilhar no grupo de assessores para encontrar saídas.

O grupo de jovens que acompanho me faz ficar com os pés no chão, fugir da tentação do estrelismo, caminhar no ritmo possível, sem queimar etapas.

5. ASSESSORIA E ESPIRITUALIDADE

Dizem os evangelhos que Jesus se retirava para rezar, subia a montanha, fica até de madrugada em oração ao Pai: **“De madrugada, quando ainda estava bem escuro, Jesus se levantou e saiu rumo a um lugar deserto. Lá, ele orava”**(Marcos 1,35).

Jesus Cristo, diante da missão que o Pai lhe dera, busca a intimidade com Ele, na prece para encontrar a luz, as palavras certas e os gestos coerentes que permitissem ao povo entender e dizer que ele **“falava com autoridade”**(Marcos 1,22).

Jesus procura pessoalmente o encontro íntimo e silencioso com seu Pai. É o encontro pelo qual suspira o seu coração, a fonte da qual necessita beber para alimentar seu ser.

Certamente, a oração de Jesus, como de todo judeu fiel, ao amanhecer e ao anoitecer, começa com Shemá: **“Ouve, Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é um só. Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.”**(Deuteronômio 6,4-9)

Desta profunda intimidade com Deus, a quem chama de “Abbá” – “paizinho”, vem a força, o entusiasmo e alegria da missão. Jesus alimenta sua vida diária nesta oração contemplativa, saindo de madrugada bem cedo para um lugar retirado ou passando grande parte da noite a sós com seu Pai.

Quem se decide a seguir o chamado de Jesus Cristo, como vocacionado para o serviço, para o pastoreio no mundo juvenil precisa ser um apaixonado por Deus; intimidade que deverá cultivar a partir da fonte das Sagradas das Escrituras, da Tradição e da realidade que vive. Sim, assessores de juventude ouvem o chamado de Jesus: **“Vinde e vede”** e **“permanecem com Ele naquele dia”** (João 1, 35-39).

É fundamental ter diariamente o tempo certo de oração, ou acordando mais cedo ou indo dormir mais tarde. O mais comum que conhecemos é a prece de madrugada, bem cedo, descansados, nos preparando para o dia de luta e de missão. Cada um, dentro de sua realidade e história, busque seu jeito costumeiro e diário de “estar com o Pai”.

Jesus reza também durante o dia, deixando escapar de seus lábios o louvor a Deus: “Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da terra...” (Lucas 10,21). Ele reza curando os doentes, multiplicando os pães: “Ergueu os pães, deu graças e os entregou aos discípulos” (Marcos 6,40-41).

Assessor de juventude é ser alguém que reza **“no silêncio do seu quarto”** (Mateus 6,6) e **“elevando os olhos para o Pai”** (Marcos 7,34), alguém que reza e alimenta sua espiritualidade “curando” e “cuidando” dos adolescentes e jovens, vivendo de maneira extraordinária, no ordinário de cada dia.

6. ASSESSORIA NOS TEMPOS DE PAPA FRANCISCO

Nesta mudança de época que vivemos, nós e a juventude, temos muito a aprender com o Papa Francisco e ajudar os grupos de jovens a aprender com o Papa a dizer NÃO:

“Não a uma economia de exclusão; não à nova idolatria do dinheiro; não a um dinheiro que governa em vez de servir; não à de-

sigualdade social que gera violência; Não aos ataques à liberdade religiosa; não à acédia egoísta; não ao pessimismo estéril; não ao mundanismo espiritual: não à guerra entre nós” (Alegria do Evangelho números 50-100).

Como fazer este “não” chegar à mente e ao coração nosso e dos jovens com quem trabalhamos?

Nesta mudança de época que vivemos, nós e a juventude, devemos aprender com o Papa Francisco e ajudar os grupos de jovens a aprender com o Papa a dizer SIM: **“Sim às relações novas geradas por Jesus Cristo”**(Alegria do Evangelho números 87-90).

Como fazer do grupo de assessores e de jovens um lugar de relações novas inspiradas em Jesus e no Evangelho?

O Papa Francisco, nos números 105 a 109 da Alegria do Evangelho, apresenta à Igreja e aos assessores de pastoral juvenil por onde deve caminhar sua ação e formação para pastorear o rebanho juvenil, rumo a novos lugares, cheios de vida, esperança e alegria: **“A Pastoral Juvenil, tal como estávamos habituados a desenvolvê-la, sofreu impacto das mudanças sociais. Nas estruturas ordinárias, os jovens habitualmente não encontram respostas para suas preocupações, necessidades, problemas e feridas. A nós, adultos, custa-nos ouvi-los com paciência, compreender as suas preocupações ou as suas reivindicações, e aprender a falar-lhes na linguagem que eles entendem”** (Alegria do Evangelho, 105).

O que as palavras: “escuta”, “paciência” e “linguagem” nos fazem refletir e nos provocam a fazer de maneira nova?

Continua falando o Papa Francisco: **“Embora nem sempre seja fácil abordar os jovens, houve crescimento em dois aspectos: a consciência de que toda a comunidade os evangeliza e educa, e a urgência de que eles tenham um protagonismo maior”**(Alegria do Evangelho 106).

Como a comunidade toda pode evangelizar e educar? Como favorecer o protagonismo juvenil?

Papa Francisco tem um olhar positivo sobre a juventude: **“Deve-se reconhecer que, no contexto atual de crise do compromisso e dos laços comunitários, são muitos os jovens que se solidarizam contra os**

males do mundo, aderindo a várias formas de militância e voluntariado... Como é bom que os jovens sejam “caminheiros da fé”, felizes por levarem Jesus Cristo a cada esquina, a cada praça, a cada canto da terra” (Alegria do Evangelho, 106)

Como podemos estimular a militância e voluntariado nos jovens com quem trabalhamos?

Por fim, diz Papa Francisco: **“Todas as vezes que intentamos ler os sinais dos tempos na realidade atual, é conveniente ouvir os jovens e os idosos. Tanto uns como outros são a esperança dos povos. Os idosos fornecem memória e a sabedoria da experiência, que convida a não repetir totalmente os mesmos erros do passado. Os jovens chamam-nos a despertar e a aumentar a esperança, porque trazem consigo as novas tendências da humanidade e abrem-nos ao futuro, de modo que não fiquemos enalhados na nostalgia de estruturas e costumes que já não são fonte de vida no mundo atual” (Alegria do Evangelho, 108)**

O que fazer para ouvir, entender e amar os jovens e assim poder entender as tendências da humanidade e responder com criatividade, fidelidade e alegria à missão que somos chamados a realizar?



PARTE V

DIMENSÃO

SOCIOPOLÍTICA-ECOLÓGICA

*Processo de participação-conscientização.
“Qual a minha relação com a sociedade?”*

1. Direito a vida – orientações e pistas de ação

*Nei Márcio Oliveira de Sá
Profs. Ms. Teologia Pastoral – PUC-SP*

Em diversos pronunciamentos do Magistério da Igreja, os jovens são lembrados como merecedores de “cuidado particular”, considerando-se sua quantidade e, sobretudo, pelos imensos potenciais que podem oferecer à própria Igreja e sociedade. Sendo a juventude a fase da vida de maior energia, criatividade, generosidade e idealismo, a Igreja, em suas várias instâncias e organizações, olha os jovens como “seu presente e futuro” e chama a atenção para suas vulnerabilidades.

O texto-base da Campanha da Fraternidade 2013, cujo tema foi “Fraternidade e Juventude”, já apontava este olhar de cuidado e protagonismo, a partir de um dos objetivos: “*sensibilizar os jovens para serem agentes transformadores da sociedade, protagonistas da civilização do amor e do bem comum*”. Além de apostar neste segmento tão relevante,

relembra que a juventude faz parte de uma sociedade que sofre diretamente os impactos de uma *mudança de época*, sobretudo na fragilização dos laços comunitários e familiares, submetendo-a ainda mais às influências da cultura midiática, numa inevitável crise de sentido atordoando as pessoas e atingindo seus critérios de julgamento e os valores mais profundos, permeados por uma organização econômica neoliberal, competitiva e individualista.

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, também assinala preocupações com uma grande parte da humanidade que vive precariamente, sem terem direitos básicos respeitados: proliferam as doenças, a falta de respeito, a violência, a desigualdade social crescente, uma vida com pouca dignidade. Grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas e num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e lançar fora. É a situação de milhões de jovens, em todo o mundo.

Acusam-se de violência os pobres e as populações mais pobres, mas, sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra, encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, há de provocar uma explosão. Quando a sociedade – local, nacional ou mundial – abandona na periferia uma parte de si mesma, não há programas políticos nem forças da ordem ou serviços que possam garantir indefinidamente a tranquilidade. Há uma reação violenta dos que são excluídos do sistema.

Aos lermos a Sagrada Escritura, fica claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. E a nossa resposta de amor também não deve ser entendida como uma mera soma de gestos pessoais a favor de alguns indivíduos. A proposta é o *Reino de Deus* (cf. Lc 4,43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências sociais. O projeto de Jesus é instaurar o Reino de seu Pai; por isso convoca os discípulos e ele próprio vem aliviar as asperezas da vida de seu povo: curando, ressuscitando, devolvendo dignidade, profetizando e acolhendo aqueles que eram massacrados pela sociedade da época.

Embora a “justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central

da política”, a Igreja “não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça”. (Bento XVI, *Deus caritas est*, n. 28). Todos os cristãos, incluindo os Pastores, são chamados a preocupar-se com a construção de um mundo melhor. O pensamento social da Igreja é primariamente positivo e construtivo, orienta uma ação transformadora e, neste sentido, não deixa de ser um sinal de esperança que brota do coração amoroso de Jesus Cristo. Sendo assim, a Igreja colabora para a resolução das causas estruturais da pobreza e promove o desenvolvimento integral dos pobres, como os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concretas que encontramos.

A solidariedade reconhece que a função social da propriedade e o destino universal dos bens como anteriores à propriedade privada. Os bispos brasileiros, no documento que trata da *Superação da Fome e da Miséria*, assinalam: “*Desejamos assumir, a cada dia, as alegrias e as esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro, especialmente das populações das periferias urbanas e das zonas rurais – sem-terra, sem teto, sem pão, sem saúde – lesadas em seus direitos. Vendo a sua miséria, ouvindo os seus clamores e conhecendo o seu sofrimento, escandaliza-nos saber que existe alimento suficiente para todos e que a fome se deve à má repartição dos bens e da renda. O problema se agrava com a prática generalizada do desperdício*”. (CNBB. *Exigências evangélicas e éticas da superação da miséria e da fome*. Abril de 2002).

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus “manifesta a sua misericórdia antes de mais” a eles. (São João Paulo II. *Homilia durante a Santa Missa pela evangelização dos povos*. Santo Domingo, 11 de outubro de 1984). Esta preferência divina tem conseqüências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a terem “os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus” (Fl 2,5). A opção pelos pobres, conforme ensinava o Papa Bento XVI, “está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”. (*Discurso na Sessão inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe – Conferência de Aparecida*, 10 de maio de 2007).

Para a superação dos problemas gerados pelas exclusões sociais, não podemos mais confiar nas forças cegas e na mão invisível do mercado.

O crescimento equitativo exige algo mais do que o crescimento econômico, embora o pressuponha: requer decisões, programas, mecanismos e processos especificamente orientados para uma melhor distribuição de renda, para a criação de oportunidades de trabalho, para uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo. A economia não pode mais recorrer a remédios que são um novo veneno, como se quando se pretende aumentar a rentabilidade reduzindo o mercado de trabalho e criando, assim, novos excluídos.

Voltar o olhar para a juventude é falar de sonhos, igualdades, desigualdades, novidades, comportamentos e das várias demandas que este seguimento nos vem colocando em pauta. Neste sentido o contexto, social, político, religioso e cultural devem nos remeter aos lugares vitais de participação da juventude, com suas particularidades e especificidades, instrumento importante para a reflexão que segue. Alguns dados em termos populacionais, apresentados pelo Conselho Nacional da Juventude serão apresentados aqui. Para efeito de políticas públicas, pessoas consideradas “jovens” são aquelas que possuem idades que variam de 15 a 29 anos. A Organização das Nações Unidas, considera juventude o tempo vivido entre 14 e 25 anos. Note que cada país tem uma faixa etária que representa a juventude. Segundo a antropóloga Regina Novaes:

“A noção mais geral e usual do termo juventude se refere a uma faixa de idade, um período de vida, em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de transformações psicológicas e sociais, quando este abandona a infância para processar sua entrada no mundo adulto. No entanto, a noção de juventude é socialmente variável. A definição do tempo de duração, dos conteúdos e significados sociais destes processos se modifica de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude configura-se como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria de visibilidade social”.

Conforme o Censo 2010 – IBGE, há 51,3 milhões de jovens no Brasil, o que corresponde a 26,1% da população total. No total de jovens, 20% possuem idades de 15 a 17 anos – são os chamados “jovens-adolescentes”; 47% são jovens de 18 a 24 anos – são os “jovens-jovens” e os 33% restantes são os “jovens-adultos”, de 25 a 29 anos. Para cada segmento de juventude devem haver políticas públicas e ações afirmativas espe-

cíficas. A proporção de gênero é praticamente igual, com pouquíssima maioria do sexo feminino.

Se considerarmos a cor ou raça, 45% dos jovens são pardos, 35% são brancos, 15% negros, 2% amarelos, 2% indígenas e 1% outros. A região Sul do Brasil tem a maior quantidade de jovens brancos. As outras 4 outras regiões geográficas possuem maioria parda. A região com maior percentual de jovens negros é o Nordeste, com cerca de 19%.

A imensa maioria dos jovens brasileiros mora no meio urbano: totalizam 85%. Ainda temos, no Brasil, muitas situações de deslocamento por motivo de busca de escolarização e trabalho. Mesmo que se considerem os avanços nas políticas públicas para a juventude na última década, ainda há um grande déficit de instituições de ensino superior, obrigando milhões de jovens, a cada ano, a abandonarem suas famílias, buscando maior qualificação.

O sonho do ingresso à universidade é realizado por apenas 13% dos jovens brasileiros, que possuem Ensino Superior e pós-graduação. Consideráveis 38% possuem Ensino Médio completo, 21% possuem Ensino Médio incompleto, 11% conseguiram terminar o Ensino Fundamental e 16% não conseguiram concluir o Ensino Fundamental. Segundo dados do IPEA de 2009, existem cerca de 1,5 milhão de jovens analfabetos no Brasil. Portanto, a Educação Básica continua sendo um grande problema da sociedade brasileira!

Se relacionarmos escolaridade com raça/cor, veremos que são os jovens brancos e amarelos os que conseguem chegar ao Ensino Superior. No outro extremo, os jovens que não concluíram o Ensino Fundamental são, em sua maioria, negros e pardos, especialmente das regiões Norte e Nordeste. A falta de escolarização, portanto, possui cor e local.

Quando falamos do mercado de trabalho, 53% dos jovens faz algum trabalho remunerado, sendo que a maioria dos que trabalham cumprem jornadas de mais de 46 horas semanais. Entre os que não trabalham atualmente, a maioria já trabalhou em algum momento e está procurando reinserção no mercado. A maioria dos desempregados do Brasil é jovem. Sem perspectivas animadoras, uma parcela dos jovens recorre a outras saídas como a violência, a dependência das drogas, o crime, o suicídio e a migração para o exterior.

Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) baseados na Pnad 2012 (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) e divulgados em 2013 mostram que o número de jovens de 15 a 29 anos que não estudam nem trabalham é estimada em 9,6 milhões no país, isto é, praticamente uma em cada cinco pessoas da respectiva faixa etária. O número - que representa 19,6% da população de 15 a 29 anos - é maior do que a população do Estado de Pernambuco, que, de acordo com o Censo 2010, era de 8,7 milhões de pessoas. Na comparação com 2002, quando 20,2% dos jovens nessa faixa etária não estudavam e não trabalhavam, houve leve redução: 0,6 ponto percentual. Esta quantidade assombrosa torna os jovens alvos fáceis do narcotráfico, da prostituição e de outras atividades ilícitas e perigosas.

Aprofundando a análise socioeconômica dos jovens, os estratos de renda mensal domiciliar baixa é formada por 29% dos jovens, sendo que 16% são considerados vulneráveis economicamente. 60% estão num patamar médio e 11% estão em patamares mais altos. A população jovem com renda menor encontra-se na Região Nordeste do Brasil e os jovens com maiores rendimentos estão na Região Sudeste, seguidos de perto pelos que moram na Região Sul.

Se relacionarmos renda mensal com raça/cor, constatamos que os maiores eixos de pobreza no meio juvenil encontram-se nos jovens negros. Os jovens com maior rendimento financeiro mensal são os amarelos, seguidos de perto pelos jovens brancos. Dos jovens mais pobres e vulneráveis socialmente, a maioria é do gênero feminino, com percentuais distribuídos uniformemente, entre aquelas de 15 a 17 anos, 18 a 24 anos e de 25 a 29 anos. Os jovens com maiores rendimentos são do gênero masculino, de 25 a 29 anos. Estes dados permitem observar que, diante da ocorrência da gravidez precoce, esta dificulta às jovens a permanência no mercado de trabalho e nos ambientes escolares. Consequentemente, a renda mensal mais baixa se encontra nas jovens que não conseguiram concluir o Ensino Fundamental.

A pesquisa da Agenda Juventude Brasil 2013, elaborada pela Secretaria Nacional da Juventude, aponta uma crescente mobilidade social dos jovens: 44% conseguiu ascender socialmente em relação à geração dos seus pais. Apesar disso, 56% não teve mobilidade, sendo um desafio a ser enfrentado com políticas sociais e ações afirmativas.

A violência contra os jovens brasileiros aumentou nas últimas três décadas de acordo com o Mapa da Violência 2013: Homicídio e Juventude no Brasil, publicado pelo Centro de Estudos Latino-Americanos (Cebe-la), com dados do Subsistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde. Entre 1980 e 2011, as mortes não naturais e violentas de jovens – como acidentes, homicídios ou suicídios – cresceram 207,9%. Se forem considerados só os homicídios, o aumento chega a 326,1%. Do total de 46.920 mortes na faixa etária de 14 a 25 anos, em 2011, 63,4% tiveram causas violentas (acidentes de trânsito, homicídio ou suicídio). Na década de 1980, o percentual era 30,2%.

O homicídio é a principal causa de mortes não naturais e violentas entre os jovens. A cada 100 mil jovens, 53,4 assassinados, em 2011. Os crimes foram praticados contra pessoas entre 14 e 25 anos. Os acidentes com algum tipo de meio de transporte, como carros ou motos, foram responsáveis por 27,7 mortes no mesmo ano. Em 2013, 56.337 pessoas foram assassinadas no Brasil, destes, 30.072 jovens entre 15 e 29 anos, 91,6% do sexo masculino e a grande maioria, negra.

Segundo o mapa, o aumento da violência entre pessoas dessa faixa etária demonstra a omissão da sociedade e do Poder Público em relação aos jovens, especialmente os que moram nos chamados polos de concentração de mortes, no interior de estados mais desenvolvidos; em zonas periféricas, de fronteira e de turismo predatório; em áreas com domínio territorial de quadrilhas, milícias ou de tráfico de drogas; e no arco do desmatamento na Amazônia que envolve os estados do Acre, Amazonas, de Rondônia, Mato Grosso, do Pará, Tocantins e Maranhão.

De acordo com o estudo, a partir “do esquecimento e da omissão passa-se, de forma fácil, à condenação” o que representa “só um pequeno passo para a repressão e punição”. O autor do Mapa da Violência, Julio Jacobo Waiselfisz, explica que a transição da década de 1980 para a de 1990 causou mudanças no modelo de crescimento nacional, com uma descentralização econômica que não foi acompanhada pelo aparato estatal, especialmente o de segurança pública. O deslocamento dos interesses econômicos das grandes cidades para outros centros gerou a interiorização e a periferização da violência, áreas não preparadas para lidar com os problemas.

"O malandro não é otário, não vai atacar um banco bem protegido, no centro da cidade. Ele vai aonde a segurança está atrasada e deficiente, gerando um novo desenho da violência. Não foi uma migração meramente física, mas de estruturas", destacou Waiselfisz.

Nos estados e capitais em que eram registrados os índices mais altos de homicídios, como em São Paulo e no Rio de Janeiro, houve redução significativa de casos, devido aos investimentos na área. São Paulo, atualmente, é a capital com a maior queda nos índices de homicídios de jovens nos últimos 15 anos (-86,3%). A Região Sudeste é a que tem o menor percentual de morte de jovens por causas não naturais e violentas (57%).

Em contraponto, Natal (RN), considerado um novo polo de violência, é a capital que registrou o maior crescimento de homicídios de pessoas entre 15 e 24 anos – 267,3%. A região com os piores índices é a Centro-Oeste, com 69,8% das pessoas nessa faixa etária mortas por homicídio. Além disso, São Paulo é a capital com a maior queda nos índices de homicídios de jovens nos últimos 15 anos, e não o estado.

Visando responder a esta realidade, tendo por objetivo de denunciar a situação e exigir rapidez nas ações por parte do Estado, as Pastorais da Juventude do Brasil (Pastoral da Juventude, Pastoral da Juventude Estudantil, Pastoral da Juventude do Meio Popular e a Pastoral da Juventude Rural) realizam, desde 2009, a "*Campanha Nacional Contra o Extermínio da Juventude*". No 1º Seminário Nacional, os jovens afirmaram:

"Reafirmamos nosso compromisso com a vida da juventude, assumindo o desafio de colaborar com a construção da cultura da paz e denunciando as estruturas sociais que geram morte e violência. Nos inspiramos na mística revolucionária dos mártires da América Latina e do mundo, renovamos o compromisso com a dignidade humana, fortalecemos a esperança de um outro mundo possível e afirmamos que toda a vida tem o mesmo valor". (Declara a Carta de Guararema, redigida pelas Pastorais da Juventude do Brasil, ao final do encontro.

Os jovens estão também no topo de mais uma triste estatística: são as principais vítimas de homofobia no Brasil. No Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, no ano de 2011, a Secretaria de Direi-

tos Humanos da Presidência da República (SDH), destaca que 47,1% das vítimas de homofobia no Brasil têm entre 15 e 29 anos de idade. Foram 6809 denúncias, mas sabemos que uma minoria dos casos de violência são notificados. Também neste caso de violência, 51,1% das vítimas são negras e 44,5% são brancas. A violência homofóbica é praticada, na maioria dos casos, por pessoas conhecidas da família (61,9%), como familiares e vizinhos, e a maior parte das violências (42%) ocorre dentro de casa. Violências nas ruas somam 30,8%.

Contemplando os dados apresentados, concluímos que a juventude é um dos grupos mais vulneráveis da sociedade brasileira. Ela é especialmente atingida pelas fragilidades do sistema educacional, pelas mudanças no mercado de trabalho e, ainda é o segmento etário mais destituído de apoio de redes de proteção social. Além dos problemas apresentados, podemos acrescentar o envolvimento com drogas, o aumento do consumo de bebidas alcoólicas, a banalização da sexualidade, a gravidez na adolescência, o aumento do número de portadores de HIV, especialmente nos adolescentes de sexo masculino, o limitado acesso às atividades esportivas, lúdicas, culturais e a exclusão digital.

Este quadro aponta a necessidade de promover mudanças profundas e estruturais no modelo de desenvolvimento econômico-social adotado no país, com reorientação de investimentos que garantam os direitos básicos da população, especialmente dos jovens, nas áreas da educação, no mundo do trabalho, na infraestrutura urbana, nas políticas de saúde, no acesso à cultura e ao lazer, possibilitando o acesso dos jovens a oportunidades de crescimento acadêmico e em sua formação humana.

É preciso garantir o acesso dos jovens aos direitos fundamentais e, para isso, a implementação das políticas públicas e as ações afirmativas destinadas à juventude tornam-se essenciais. Para que estas ações sejam implementadas, é fundamental que os jovens e suas organizações sejam ouvidos na formulação, discussão e avaliação. A parceria das organizações juvenis é imprescindível para os avanços e a juventude católica também pode e deve dar a sua colaboração para os avanços para uma vida digna aos jovens brasileiros.

Para aprofundamento:

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 2013.

BENTO XVI. **Carta Encíclica *Deus caritas est***. 2005.

CELAM. **Documento de Aparecida**. 2007.

CNBB. **Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais**. (Documento 85). 2007.

CNBB. **Exigências evangélicas e éticas da superação da miséria e da fome**. 2002.

CNBB. **Texto-base da Campanha da Fraternidade 2013 – “Fraternidade e Juventude”**.

Sites pesquisados:

Pastoral da Juventude: www.pj.org.br

Mapa da Violência 2013: www.memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-07-18/homicidios-de-jovens-crescem-3261-no-brasil-mostra-mapa-da-violencia

Secretaria Nacional de Juventude: www.juventude.gov.br

2. Juventude e Ecologia

Aline Ogliari
Graduada em Gestão Ambiental

Deus Onipotente,
que estais presente em todo o universo
e na mais pequenina das vossas criaturas,
Vós que envolveis com a vossa ternura
tudo o que existe,
derramai em nós a força do vosso amor
para cuidarmos da vida e da beleza.
Inundai-nos de paz,
para que vivamos como irmãos e irmãs
sem prejudicar ninguém.
Ó Deus dos pobres,
ajudai-nos a resgatar
os abandonados e esquecidos desta terra
que valem tanto aos vossos olhos.
Curai a nossa vida,
para que protejamos o mundo
e não o depredemos,
para que semeemos beleza

e não poluição nem destruição.
Tocai os corações
daqueles que buscam apenas benefícios
à custa dos pobres e da terra.
Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa,
a contemplar com encanto,
a reconhecer que estamos profundamente unidos
com todas as criaturas
no nosso caminho para a vossa luz infinita.
Obrigado porque estais conosco todos os dias.
Sustentai-nos, por favor, na nossa luta
pela justiça, o amor e a paz.
(Papa Francisco, na Exortação Apostólica Laudato Sí)

Nas capas de muitos jornais e revistas, e em muitas rodas de conversa por aí, seguidamente somos informados sobre “catástrofes” ambientais, queimadas, lixões, enchentes, desmatamentos, animais e vegetais ameaçados de extinção, rios que secam, chuva ácida, doenças transmitidas pela água contaminada. Tornou-se impossível tratar isso como uma fatalidade, e não como algo preocupante.

O cenário ambiental atual nos provoca a ações concretas de conversão na nossa forma de nos relacionar com o meio ambiente, nos desafia a repensar os atuais padrões de vida e consumo que fomos sendo levados (inconsciente e conscientemente) a assumir no “desenvolvimento” econômico a todo custo. O todo do círculo vicioso do nosso elevado grau de consumo precisa entrar também nas rodas de conversas que estamos e fazemos.

Repensar esses padrões de vida e consumo abre um cenário de um intenso debate e reflexão, que é complexo e implica em profundas análises sistêmicas, das formas de produção e relações sociais que se estabelecem em um processo anterior aos bens chegarem às nossas casas.

Vamos nos propor a conversar sobre isso?

A ECOLOGIA E PROCESSOS DE DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

O tema da Ecologia desde muito tempo é de interesse para os povos. Odum (1988) conta que as intenções sempre foram de cunho mui-

to mais prático, pois os povos necessitavam conhecer o ambiente à sua volta – os vegetais, os animais, as forças da natureza – para poderem sobreviver. No início se usava o fogo e alguns instrumentos simples para modificar o ambiente e construir o que se era necessário, e isso causava poucos impactos sobre o meio ambiente.

Com o tempo, no desenvolver das tecnologias, a influência antrópica foi tão grande em relação aos impactos ambientais, que acredita-se que a dependência humana tornou-se muito maior sobre as coisas criadas do que sobre o que o ambiente natural oferece para que as necessidades básicas sejam supridas. Isso é algo muito sério para um contexto que culminou com uma das maiores crises ambiental de todos os tempos.

É necessário estudar e conhecer a Ecologia não somente como uma ciência, mas como um espaço de vida e de diversidade. A palavra Ecologia vem do grego *oikos* ("casa") e *logos* ("estudo"), que significaria então o estudo do ambiente da casa. Inclui aqui o estudo também de todos os organismos que a compõem e a torna habitável. Resumindo, Odum (1988) diz que Ecologia então é o estudo do lugar onde se vive.

Na compreensão holística de como se deve olhar e se relacionar com a Natureza, com a Teia da Vida, sabe-se que tudo está ligado a tudo, e o que acontecer em um lugar terá influência direta ou indireta em outro local. Tudo o que acontecer com a Natureza, o ser humano será atingido mais cedo ou mais tarde, pois a compõe, e a compõe de forma determinante. Por isso também, o primeiro cuidado e preocupação para os desafios civilizacionais que são postos hoje para a humanidade, é o de encarar, contornar e tratar as causas dos problemas que estão acontecendo nos ecossistemas e biomas e, em consequência e de forma muito acentuada, nas populações mais vulneráveis do planeta.

Conhecer alguns processos desenvolvidos e vividos pela humanidade é de fundamental importância para amadurecer o debate a cerca da problemática ambiental e dos seus desafios. Para tanto, passamos a olhar para dois processos importantes na nossa História recente.

A Revolução Industrial e a Revolução Verde, que aconteceram na cidade e no campo, são dois grandes marcos históricos determinantes no processo de construção da cultura da globalização, do rápido e do descartável, e do conceito de modernidade. Por consequência, esses dois marcos

influenciaram na compreensão do desenvolvimento (e subdesenvolvimento) econômico, ambiental e social que o mundo passou e passa, e têm influência direta na profunda crise ambiental que o planeta se encontra.

No século XVIII, a humanidade conheceu e viveu a chamada Revolução Industrial, que trouxe muitas novidades para os padrões e formas de beneficiamento dos recursos naturais, da produção, do consumo de bens, e na relação social. Partiu da Inglaterra e foi sentida em todos os cantos do mundo em diferentes períodos.

Foram muitos os benefícios trazidos por ela, que deram comodidades e melhores condições de vida à população, como o desenvolvimento de diversas tecnologias, da ciência, a modernização de maquinários industriais, o aumento da produção em escala, o acesso a bens de consumo, a facilidade na comunicação e interação entre os vários cantos do mundo... Porém, os benefícios trazidos com a Revolução Industrial não foram usufruídos por todos e todas nas mesmas proporções, e isso teve um custo muito alto para a natureza e para a gigante população mais pobre dos países subdesenvolvidos e também a população pobre dos países ditos desenvolvidos.

Para conseguir produzir cada vez mais, aumentou-se de forma significativa a apropriação das riquezas naturais pelo mercado, a exploração intensa dos recursos naturais e da mão de obra das camadas populares, o aumento no uso de combustíveis fósseis (petróleo, carvão e gás) e conseqüente aumento na emissão de gases poluentes, a geração de rejeitos industriais e residenciais, progressivas expulsões de comunidades inteiras de suas terras (seja para latifúndios, seja para a construção de usinas hidroelétricas, seja para a exploração mineral), além do processo de êxodo rural e o inchaço das cidades começar a ser sentido com mais força. Essa fase do capitalismo marca também a intensa e a veloz acentuação da desigualdade social e do consumo, pois ele necessita de ambos, classes sociais e consumismo, para continuar existindo.

A Revolução Verde vem na mesma proposta que a Industrial, porém "direcionada" ao campo. A idéia era modernizar as práticas e maquinários agrícolas, além do melhoramento genético e científico das sementes, e da forma de relação do homem e da mulher com a Natureza. Como fala Göergen (2004), ela é tida como "revolução" pois provocou profundas transformações no campo, e prometia tornar ver-

de as terras agricultáveis com tamanha produção e produtividade de alimentos – seria tanto a ponto de acabar com a fome no mundo.

Após a 2ª Guerra Mundial, a indústria bélica passou a investir na produção de agroquímicos e maquinários agrícolas, pois precisava seguir gerando lucro. A pólvora e os venenos de guerra se tornaram “defensivos” e “remédios agrícolas”, e os tanques de guerra, em pesados maquinários agrícolas, cada vez mais sofisticados (ainda assim, com o início da Guerra Fria, a indústria bélica seguia com seus estoques sempre cheios).

Para que os agricultores e as agricultoras adotassem esse modelo, não foi muito difícil: ou foi por convencimento a partir da ilusão de futuras melhorias, ou foi por condição: quem não o adotasse, estava fora do desenvolvimento e do acesso às políticas agrícolas. Os bancos só cediam empréstimos aos agricultores, se uma parte (20%) fosse destinada automaticamente para comprar venenos, adubos químicos, máquinas e sementes, além das taxas de juros serem altíssimas. Isso fez muitos agricultores criar dependência e obter altas dívidas junto aos bancos, pois a produção precisava ser maior do que o montante emprestado, e nem sempre isso acontecia.

O modelo agrícola que entra em cena é o chamado Agronegócio, que põe em xeque o Campesinato, prática milenar de sobrevivência no campo. Para que essas novas práticas fossem conhecidas e se soubesse como trabalhar com elas, fora criado o programa de extensão rural, iniciando um processo de reeducação à base da ciência e, ao mesmo tempo, de esquecimento da sabedoria popular.

O Agronegócio trouxe algumas características específicas, como a produção de uma cultura apenas (*a monocultura*), uso intensivo de agrotóxicos, adubos químicos, sementes híbridas e transgênicas, uso de maquinário agrícola pesado movido a combustível fóssil, intensa irrigação, avanço das lavouras sobre florestas, a não necessidade de mão de obra no campo, e em consequência, mais intensidade no êxodo rural.

A educação foi outra dimensão que incorporou esse novo modelo, passando do progressivo fechamento das escolas do e no campo, até a formação de técnicos/as agrícolas e agrônomos/as, para o programa de extensão rural. Nas escolas da cidade, as crianças, adolescentes e jovens do campo passam a ser educados e educadas para servir ao mercado

de trabalho urbano, e assim perdem sua identidade camponesa. É importante ressaltar que a propagação da cultura do “atrasado” associado aos camponeses e às camponesas, gerando incômodos e discriminação, também foi determinante.

É bom lembrar que as características que descrevem a Revolução Industrial e a Verde já existiam muito antes delas culminarem no século XVIII e segunda metade do século XX, e nem que a crise ambiental se resume somente nesses dois marcos. Ainda, o processo da construção de um mundo globalizado, principalmente no que se refere à cultura e à sociedade, se deu e se dá nas dimensões micro e macro.

Essas revoluções trazem consequências de características urbanas e rurais, que não estão restritas apenas ao espaço que as caracterizam. Elas impactam profundamente o solo, as águas, o ar, e de sobremaneira, a dimensão das relações humanas e das relações humanas com a natureza. Por exemplo, há comprovação científica que atesta que desde 1750, época da Revolução Industrial, houve um aumento considerável da concentração dos gases do efeito estufa na atmosfera, que resulta no aquecimento global, e que essa elevação na concentração está associada às ações e influências antrópicas no meio ambiente.

Na atmosfera existem gases naturais que colaboram com o equilíbrio da temperatura no Planeta Terra, e o nível de suas concentrações influenciam no aquecimento ou no esfriamento da Terra. Além do oxigênio, o dióxido de carbono, o metano e o óxido nitroso são outros três tipos desses gases. Houveram aumentos globais das concentrações desses três gases – em consequência, aumento da temperatura do planeta, o chamado “aquecimento global”.

Em 2009, a CNBB, por meio da Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Justiça, da Caridade e da Paz, elaborou uma cartilha sobre mudanças climáticas que são provocadas pelo aquecimento global, abordando também, como base, alguns números que foram apresentados no 4º Relatório do IPCC³³. A cartilha cita o relatório dizendo que os aumentos da concentração de dióxido de carbono se devem principalmente ao

³³ Sigla em inglês que significa Painel Intergovernamental sobre as Mudanças Climáticas, organismo pertencente à Organização das Nações Unidas.

uso de combustíveis fósseis e à mudança no uso da terra (no processo de industrialização), o aumento da concentração de metano e óxido nitroso é de responsabilidade do modelo de agricultura adotado (o agronegócio).

Ainda sobre os números dessas concentrações que o IPCC pesquisou, eles aparecem na cartilha da CNBB (2009) – ambos com base nas concentrações em 1750:

- *Dióxido de carbono*: era de 280 ppm (parte por milhão) e passou para 379 em 2005. A concentração média natural em 650 mil anos era de 180 a 300 ppm;

- *Gás metano*: era de 715 ppb (parte por bilhão). No início dos anos 1990 passou a 1.732 ppb, e em 2005 já estava a 1.774 ppb. A concentração média natural em 650 mil anos era de 320 a 790 ppb;

- *Óxido nitroso*: passou de 270 ppb, em 1750, para 319 ppb, em 2005. Esse aumento foi constante desde 1980.

Esses números são alarmantes e, como já dito, estão relacionados às atividades antrópicas na agricultura e de ligação à intensa urbanização. Durante muito tempo, a ciência se omitiu ou manipulou pesquisas, dados, e números acerca da situação climática real do planeta. Nas palavras da CNBB em sua cartilha sobre mudanças climáticas, a ciência, “subordinada aos interesses dos grupos capitalistas, deixou-se e, ainda se deixa, em grande medida, usar como instrumento multiplicador de um progresso que tem tudo a ver com o desastre ecológico atual” (CNBB, 2009).

Faz-se preciso observar para além do impacto que eles geram no meio ambiente de uma forma específica: é importante e necessário refletir sobre onde e como as causas do aumento expressivo desses gases na atmosfera refletem na e a partir da dimensão social.

Conforme os dados do IBGE, na década de 60 praticamente 55% da população brasileira residia no campo, ao passo que nos anos 2000 passou a ser 18,8% no campo, e 81,2% na cidade, e em 2010, 15,6% no campo e 84,4% na cidade. Compreende-se essa “inversão” dentro da reflexão feita sobre o êxodo rural, e esses números se traduzem em sérias consequências: no campo, aumento da concentração de terra e do empobrecimento das famílias que não acompanharam o processo e o “progresso” da Revolução Verde; na cidade, o surgimento de periferias e de

cinturões de pobreza, pois nunca houveram programas básicos como de emprego ou de salários dignos, de habitação, saúde, saneamento básico, educação, e que dessem conta de acolher o grande contingente populacional que chegava vindo do interior.

Nesses processos que se desencadearam e continuam desencadeando, de apropriação e exploração dos recursos naturais, é de fundamental importância identificar quem são os mais atingidos/as: as populações mais pobres e vulneráveis, a juventude, as mulheres, e as inúmeras comunidades tradicionais.

O APELO DO PAPA FRANCISCO PARA UMA ECOLOGIA INTEGRAL

Por saber que está tudo intimamente relacionado, na encíclica *Laudato si'*, o Papa Francisco propõe um olhar para os diferentes elementos de uma *ecologia integral*, incluindo de forma ampla as dimensões humanas e sociais (n. 137). Ele fala que isso “exige pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência de uma sociedade, com a honestidade de pôr em questão os modelos de desenvolvimento, produção e consumo” (n. 138).

Para o Papa, a ecologia integral abrange a ecologia ambiental, econômica, social, cultural, da vida cotidiana, do princípio do bem comum, e intergeracional.

Na ecologia ambiental, econômica e social, Francisco diz que não existem duas crises separadas, uma ambiental e outra social, mas sim, uma única e complexa crise socioambiental. Ele fala que “as diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (n. 139).

Mais adiante, o Papa lembra de que ao se falar de uso sustentável é necessário sempre incluir uma consideração sobre a capacidade de cada ecossistema se regenerar, nos mais diversos aspectos (n. 140). Ainda, que o crescimento econômico tende a gerar automatismos e a homogeneizar, simplificando os processos e reduzindo os custos. Diante disso, urge uma

“ecologia econômica”, que dê conta de induzir e considerar de forma mais ampla a realidade (n. 141). Da mesma forma, por tudo estar relacionado, a “ecologia social” é necessariamente institucional e progressivamente alcança diferentes dimensões – desde o grupo familiar, passando pelo comunitário e da nação, até a vida internacional; haja visto que “dentro de cada um dos níveis sociais e entre eles, desenvolvem-se as instituições que regulam as relações humanas” (n. 142).

Na dimensão cultural, a ecologia envolve também o cuidado com as riquezas culturais da humanidade, no sentido mais amplo que elas têm, onde se faz necessidade o diálogo técnico-científico com a linguagem popular. Na hora de repensar a relação do ser humano com o meio ambiente, a cultura local não pode ser excluída (n. 143). Aqui Francisco acentua uma atenção indispensável, e se trata das comunidades tradicionais – que ele se refere no termo *comunidades aborígenes* – e suas tradições culturais: “para eles, a terra não é um bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados, que nela descansam, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter a sua identidade e os seus valores. Eles, quando permanecem em seus territórios, são quem melhor os cuida” (n. 146).

A ecologia da vida quotidiana vai em direção do direito ao território e à cidade, na necessidade de se cuidar dos espaços comuns, dos marcos visuais e das estruturas urbanas que contribuam no sentimento de pertencimento a um local, na sensação de enraizamento. A propriedade da casa tem muita importância para a dignidade das pessoas e do desenvolvimento de famílias, e isso é uma questão central da ecologia humana (n. 153). Perpassa, portanto, a reflexão da organização da cidade, na dimensão arquitetônica, da beleza e harmonia do espaço urbano, na questão do transporte público, e indo até as comunidades rurais e a dignidade das pessoas que ali vivem. Diante disso, vem a relação com o corpo, como dom de Deus, numa relação direta com a natureza, que é essencial para uma verdadeira ecologia humana, inseparável da noção do bem comum (n. 155).

Já esse, é um princípio que desempenha um papel central e unificador na ética social. Ele pressupõe o respeito pela pessoa humana na sua integralidade; exige dispositivos para o bem estar e segurança social, e o

desenvolvimentos dos vários grupos intermediários; e requer a paz social (n. 157). Mais adiante, Francisco é firme ao dizer que o princípio do bem comum torna-se imediatamente um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres, exigindo, acima de tudo, contemplar a imensa dignidade do pobre à luz das mais profundas convicções de fé (n. 158).

Parte-se, a partir disso, para a justiça intergeracional, que é muito maior que apenas falar de uma atitude opcional. É uma questão essencial de justiça: é construção altruísta, que diverge das dificuldades de reconhecer o outro; que fala da falta de capacidade de pensar seriamente nas futuras gerações e que está ligada com a incapacidade de lançarmos um olhar de horizonte amplo às nossas preocupações, pensando naqueles que permanecem excluídos do desenvolvimento. O Papa alerta: "não percam tempo imaginando os pobres do futuro; é suficiente que recordemos os pobres de hoje, que poucos anos têm para viver nesta terra e não podem continuar a esperar" (n.162).

A SENSIBILIDADE QUE BROTA DA JUVENTUDE

É preciso reconhecer que sim, a juventude é uma das grandes vítimas desse sistema de domínio e exploração sobre a natureza e seus recursos naturais, especialmente em um cenário que lhe tomam o direito ao seu território, o direito de criar perspectivas de uma vida saudável, equilibrada, junto de sua comunidade; e se vê diante da necessidade de migrar para outros territórios, desprovidos de estruturas físicas, ambientais, educacionais, culturais e de trabalho digno.

Porém, há quem estagne numa eterna vitimização, ou numa perspectiva alienada, que rotula a juventude com estereótipos consumidores, individualistas e descompromissados. Porém, há quem, a partir das dores, busca empoderamento e protagonismo para construir alternativas concretas, simples e possíveis, radicais e profundas; e toma para si, novamente, o seu espaço, a sua cultura, a sua comunidade.

A juventude é, por essência, comunidade, sensibilidade e generosidade. É lugar teológico, onde o divino se encarna profundamente. Há

jovens, e não somente jovens, que ainda não tiveram a graça de descobrir Deus, e de descobrir em Deus os elementos que refundam uma nova ordem de convivência harmoniosa com a Mãe Natureza, com os irmãos e as irmãs das mais diversas raças, etnias, e lugares geográficos; e com o sacramento da reconciliação e comunhão de um Novo Céu e uma Nova Terra.

Porém, há quem já descobriu! Desses e dessas, o desafio permanente de deixar brotar e correr uma sensibilidade profunda, comprometida com o projeto de Deus em dar vida em abundância para o povo, de questionar e colocar em risco a ordem estabelecida, e que construir experiências comunitárias que promovam a dignidade humana, sendo sim sinais do Reino. É uma espiritualidade ecológica comprometida!

No ritmo de uma bonita ciranda, ecoam os versos do cântico de São Francisco de Assis, louvando e dando graças ao Deus pelo irmão Sol, pela irmã Lua, pelas estrelas, pelas matas e pelas flores. Saboreiam de forma profunda, consciente ou inconscientemente, o Mistério por meio da contemplação, do reconhecimento de Deus em todas as coisas.

É nessa dimensão da contemplação, que o Papa Francisco, ao final da encíclica, deixa como pedido: “caminheemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por este planeta não nos tirem a alegria e a esperança” (n. 244).

Fontes utilizadas:

CNBB. **Mudanças climáticas provocadas pelo aquecimento global – a Profecia da Terra**. Brasília, DF: Edições CNBB, 2009. 80 p.

GÖERGEN, Frei Sérgio Antônio. **Os novos desafios da Agricultura Camponesa**. 2004. 87 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo 2010: população do Brasil é de 190.732.694 pessoas**. 2010. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?view=noticia&id=1&idnoticia=1766&t=censo-2010-populacao-brasil-190-732-694-pessoas>>. Acesso em: 01 out. 2014.

PAPA FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato si'*** – sobre o cuidado da Casa Comum. Brasília, DF: Edições CNBB, 2015. 144 p.

ODUM, Eugene Pleasants. **Ecologia**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1988. 434 p.